

1001



DARK NIGHTS

Z

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

1001



DARK
NIGHTS

Z

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



DARK NIGHTS

Z

A Demonica Underworld Novella

LARSSA
IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

Z

Larissa Ione

Série – Demoníaca

Zhubaal, anjo caído assistente do Grim Reaper, passou décadas procurando o anjo que ele amou e perdeu quase um século atrás. Nem mesmo a morte pode impedi-lo de tentar encontrá-la, e não quando ele sabe que foi dada a ela uma segunda chance na vida em um novo corpo. Mas à medida que o tempo passa, ele está perdendo a esperança, e se pergunta quanto tempo ele pode manter o juramento que fez a ela tanto tempo atrás...

Como um emim, a prole sem asas de dois anjos caídos, Vex sempre se sentiu como uma cidadã de segunda classe. Mas se ela conseguir garantir um acordo com o Grim Reaper – por qualquer meio necessário – ela ganhará o seu lugar no mundo. O único obstáculo no caminho de seu plano é um durão sexy chamado Z, que parece determinado a frustrá-la em cada turno. Logo fica claro que eles têm uma poderosa conexão enraizada no

passado... mas pode qualquer voto resistir ao teste do tempo?

Mil e Uma Noites Escuras

Era uma vez, no futuro...

Eu era uma estudante fascinada com histórias e aprendizagem.

*Estudei filosofia, poesia, história, o oculto,
a arte e a ciência do amor e da magia. Eu tinha uma grande
biblioteca na casa do meu pai e milhares de volumes recolhidos
de contos fantásticos.*

*Eu aprendi tudo sobre corridas antigas e passadas.
Sobre mitos, lendas e sonhos de todas as pessoas através do
milênio.*

*E quanto mais eu lia
mais forte a minha imaginação crescia até que eu descobri
que eu era capaz de viajar nas histórias... para realmente
tornar-me parte delas.*

*Eu gostaria de poder dizer que eu escutei meu professor
e respeitei o meu dom, que eu deveria ter. Se eu tivesse, eu
não estaria contando este conto agora.*

Mas eu estava temerária e confusa, mostrando bravura.

Uma tarde, curiosa sobre o mito das

*Mil e Uma Noites viajei de volta para a antiga Pérsia
vi por mim mesma se era verdade que a cada dia o Shahryar
(Persa: شهریار, "rei") casava com uma nova virgem, e depois
a fêmea era decapitada. Isso foi escrito*

e eu tinha lido que até o momento em que ele conheceu

Scheherazade,

a filha do vizir, ele tinha matado mil fêmeas.

Algo deu errado com os meus esforços. Cheguei

no meio da história e de algum modo troquei de

lugar com Scheherazade – um fenômeno que

nunca ocorreu antes e que ainda hoje em dia, eu

não consigo explicar.

Agora eu estou presa nesse passado remoto. Eu tomei

a vida de Scheherazade e a única maneira que eu posso

me proteger e permanecer viva é fazer o que ela fez para

proteger-se e permanecer viva.

Todas as noites, o Rei me pede e ouve como eu giro pelos contos.

E quando a noite termina e amanhece, eu paro em um

ponto que o deixa sem fôlego e ansiando por mais.

E assim o rei poupa minha vida por mais um dia, de modo que

ele pode ouvir o resto do meu conto sombrio.

Assim que eu termino uma história... eu começo uma nova

uma... como aquela que você, caro leitor, tem diante de você

agora.

Glossário

Os Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Discórdias recentes entre suas fileiras reduziram seus números e enviou Os Aegis em uma nova direção.

Daemani – Qualquer ser, mas geralmente de origem demoníaca ou angélica, que atrai as almas dos mortos. Alguns daemani podem bloquear as almas de entrar em seus corpos, enquanto outros são incapazes de resistir. Poucos daemani podem libertar as almas sem estar na proximidade de outro daemani ou sem a ajuda de um feitiço, um item místico, ou de outro ser que possui habilidades de extração inerentes ou aprendidas.

Emins – A descendência sem asas de dois anjos caídos. Emins possuem uma variedade de poder anjo caído, embora as potências sejam geralmente mais fracas e um âmbito mais limitado.

Fallen Angel (Anjo Caído) – Acredita-se que é mal pela maioria dos seres humanos, anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: O verdadeiro caído e o não caído. Anjos não caídos

foram lançados do céu e são terrestres e sem asas, vivendo uma vida em que eles não são nem bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o céu. Ou podem optar por entrar Sheoul, o reino demônio, a fim de completar a sua queda, crescer novas asas, e tornar-se verdadeiro Caído, tomando seus lugares como demônios ao lado de Satanás.

Harrowgate – Portais verticais, invisíveis para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais da Terra e Sheoul. Muitos poucos seres podem convocar seus próprios Harrowgates pessoais.

Inner Sanctum – Um reino dentro Sheol-gra que consiste em 5 anéis, cada um contendo as almas dos demônios categorizados por seu nível de mal, como definido pela Ufelskala. O Inner Sanctum é administrado pelo anjo caído Hades e sua equipe de guardas, todos os anjos caídos. O acesso ao Inner Sanctum é estritamente limitado, pois os demônios contidos no interior podem tirar vantagem de qualquer objeto fora ou pessoa que vive a fim de escapar.

Memitim – Anjos Earthbound designados para proteger os seres humanos importantes chamados Primori. Memitim permanecem presos à terra até que eles completem suas funções, no momento em que eles sobem, ganham suas asas e entram no céu. Veja: Primori

Radiante – A classe mais poderosa de anjo celestial existente, salvo Metatron. Ao contrário de outros anjos, Radiantes pode exercer um poder ilimitado em todos os reinos e pode viajar livremente através Sheoul, com muito poucas exceções. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez. Dois nunca podem existir simultaneamente, e não pode ser destruído, exceto por Deus ou Satanás. O anjo caído equivalente é chamado de Anjo Shadow. Veja: Shadow Anjo

Shadow Angel (Anjo Sombra) – A classe mais poderosa de anjo caído na existência, salvo Satanás e Lúcifer. Ao contrário de outros anjos caídos, os Anjos Sombras podem exercer um poder ilimitado em todos os reinos, e eles possuem a capacidade de ganhar a entrada no céu. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez, e nunca pode existir sem o seu equivalente, um radiante. Anjos Sombras não podem ser destruídos, exceto por Deus ou Satanás. O anjo celestial equivalente é chamado de radiante.

Sheoul – Reino Demônio. Localizado em seu próprio plano nas entranhas da Terra, acessível para a maioria apenas por Harrowgates e hellmouths.

Sheoul-gra – Um tanque de retenção para as almas de demônios. Um reino que existe independentemente de Sheoul que é supervisionado por Azagoth, também conhecido como o Grim

Reaper. Dentro Sheoul-gra é o Inner Sanctum, onde as almas de demônios são mantidas no limbo torturante até que possam renascer.

Sheoulic – Língua demônio universal falado por todos, embora muitas espécies também falassem sua própria língua.

Ufelskala – Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de mal. Todas as criaturas sobrenaturais e humanas más podem ser classificadas em escala cinco, com o Nível 5 compreendendo os piores dos piores.

Capítulo 01

Dentro de Sheoul, o reino demônio às vezes chamado de Inferno, o mal estava em toda parte.

Ele pingava pelas paredes rochosas em estrias negras de ácido que escorriam pela pedra com um assobio. Ele flutuava no ar úmido em gavinhas de névoa que cheiravam a enxofre e carne em decomposição. E, como Vex observava, ele escorria como pasta de dente para fora de uma fenda no ar que somente pessoas como ela podia ver.

Seu cabelo preto roxo nas pontas, já curto e espetado, ficou ainda mais espetado no final quando a coisa espremendo para fora da fenda, a alma de um demônio morto, ficou livre de qualquer reino ou caixa mística em que tinha estado. A gosma creme dental tomou uma forma transparente, vagamente humanóide, mas seus olhos vermelhos brilhantes eram nítidos e

claros. Uma onda malévola de raiva e ódio saiu da alma e Vex recuou, mesmo que a fuga fosse impossível para ela.

Ela era o que seus pais haviam chamado de *daemani*, um ímã para alma demônio, uma pessoa a quem as almas grudam como cola. De acordo com eles, a maioria dos *daemanis* não poderia impedir que isso acontecesse, o que era uma grande dor na bunda. Se um demônio morresse perto de Vex, nem mesmo os *daemanis* pessoais do Grim Reaper, criaturas chamadas *griminions*, tinham a chance de recolher a alma antes que fosse sugado por ela e armazenado como um glifo em sua pele.

O demônio gritou, um som que só ela ou outra pessoa sensível à alma podia ouvir, conforme ele se esforçava para não ser sugado para dentro da prisão do corpo dela. Em uma tentativa fútil de evitar o inevitável, ela fugiu, suas botas agilmente batendo no chão coberto de fragmento de rocha que era muito comum nesta parte do Sheoul.

Mas não importa o quão rápido ela corresse, cada vez que ela olhava por cima do ombro, a distância entre ela e a alma tinha diminuído. Perto. Perto. Ah Merda...

Uma bola de fogo de dor explodiu contra a parte inferior da sua coluna, derrubando-a e enviando-a ravina abaixo infestada com videiras grossas e espinhosas, que rasgavam sua carne exposta e quase rasgou a mochila em suas costas. Mas foi a miséria da alma de se estabelecer nela que fez as lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Agonia, como um milhão de formigas de fogo do inferno rastejando sob a pele, atingiu-a enquanto ela ficou de pé e subiu

de volta para a trilha. O demônio dentro dela rasgava sua mente, gritando em um tom alto exasperante que fez torcer o intestino.

— Fêmea. — A voz profunda serrilhada a assustou, e ele deve ter assustado a mais nova alma presa a ela também, porque o espírito demoníaco enlouquecido parou, dando-lhe a chance de recuperar o fôlego.

Apalpando uma das lâminas escondidas em sua bota, ela se levantou e olhou para o demônio maciço blindado. Ele tinha que ter pelo menos dois metros e quarenta de altura, com chifres através do capacete preto fosco. Pele mogno esticada sobre as únicas partes expostas do seu corpo, suas mãos longas e com garras, e seu rosto enrugado. Ela fez uma careta de horror à higiene oral quando viu seus lábios rachados se abrirem e mostrarem tortuosos e podres – mas pontudos – dentes e presas de doze centímetros.

— Quem é você? — O símbolo gravado na peça do ombro de sua armadura marcou-o como um servo do necromante que ela veio ver, mas alguém tinha tentado matá-la por meses, e até que soubesse quem eles eram e por que a queriam morta, ela tinha de ser extremamente cuidadosa.

— Eu sou Othog — ele rosnou. — Você está aqui para ver Frank, o grande e horrível?

A palavra Frank supostamente significava algo realmente assustador em alguma língua demônio obscura, mas Vex teve que lutar para manter uma cara séria.

— Sim — ela disse, escondendo a lâmina na palma da mão. Ela já tinha escolhido uma brecha vulnerável em sua

armadura para deslizar a lâmina, se o cara puxasse qualquer merda. — Estou aqui para ver o... Frank.

Ele fez um gesto largo com o braço, e sua armadura rangeu como unhas em um quadro negro. — Por aqui.

Demônios não era o povo mais confiável, então ela manteve a arma pronta enquanto o seguia por um caminho bem desgastado que jurou não tinha estado lá antes. Mãos ossudas perfuravam através da vegetação, agarrando-os, e poças aleatórias do que ela só poderia assumir ser vapor formado de sangue se dissipava à medida que se arrastava ao longo da trilha. Depois do que pareceu horas, mas provavelmente foi apenas alguns minutos, eles chegaram a uma passagem que levava profundamente ao lado de uma montanha. Veias pulsando corriam pelas paredes escuras, como se a própria montanha estivesse viva. Talvez estivesse. Sheoul era estranho e perigoso, e foi por isso que ela escolheu viver no mundo humano.

Não que os seres humanos também não fossem estranhos e perigosos, mas como um ser sobrenatural, ela tinha pouco com que se preocupar a partir de mortais fracotes.

Onze metros adiante, um brilho alaranjado emanava de uma abertura na montanha, e à medida que se aproximava, o ar passou de úmido e quente para úmido e escaldante. No final da passagem, em torno de um canto enquadrado por pilares em forma de presas tão altas quanto um arranha-céu, ela parou imóvel, o queixo caiu.

Uma câmara maciça foi construída como uma estrutura de colmeia, com buracos esculpidos nas paredes escarpadas onde

demônios bizarros parecidos com insetos deslizavam entre eles. O que ela assumiu que fossem túneis ocos cruzando o espaço aéreo, parecia com tecido conjuntivo correndo de parede a parede.

— O grande e horrível Frank está lá. — Othog apontou para um cara que poderia ter sido gêmeo de seu acompanhante, exceto que Frank era mais alto. E maior. E os seus chifres estavam cobertos de sangue e pedaços de carne seca.

Encantador. Ela *realmente* não gostava de demônios.

Endireitando os ombros, ela atravessou o chão duro embalado, chutando de lado velhos ossos e crânios que cobriam a área. Frank estava perto de uma cuba borbulhante do tamanho de um barril de vinho, com as mãos se deslocando através do vapor doentio marrom-esverdeado que subia da ebulição do líquido.

— Desculpe-me, senhor — ela disse educadamente. Demônios como ele esperavam exhibições arrogantes de alfa besta, então ela sempre procurou maneiras de derrubá-los ou torná-los subestimados. — Eu estou aqui para te ver.

Ele se virou para ela, seus lábios se estenderam em um sorriso grotesco. — Um *emim* — ele disse, suas enormes presas fazendo suas palavras soarem como insultos bêbados. — Eu não vi um de sua espécie em séculos.

Como ele sabia que ela era uma *emim*, a prole de dois anjos caídos, ela não tinha ideia. Realmente não importa, ela supôs. — Sim, eu sou muito especial — disse ela secamente. — Agora, se pudéssemos começar a trabalhar.

— Você tem algo a me oferecer.

— Almas — ela disse. — Eu tenho quatro... não, cinco...

almas para vender. Um deles é, pelo menos, um nível quatro na Ufelskala e vale mais do que os outros quatro combinados...

Ele assobiou. — Cale-se, *captor de alma*. — Seus olhos redondos deslocaram para o demônio mais próximo depois de Othog, uma criatura gorda enrugada com o que parecia pontas de metal que despontavam de seu rosto curtido. Frank baixou a voz. — Não fale de tais coisas.

— Primeiro de tudo — ela disse, mantendo a voz baixa, mas não conseguiu esconder sua irritação por ter sido chamada de *captor de alma*. — O termo politicamente correto para o que eu sou é *daemani*. Em segundo lugar, tenho almas para descarregar, e ninguém mais está comprando. Estou disposta a dá-las a você com um desconto de cinquenta por cento. Meio milhão por cada uma das quatro mais fracas. Três milhões por todas elas. Isso é um inferno de um negócio, me desculpe o trocadilho. — O cara não deu um sorriso. Multidão resistente. — Foi-me dito que você pode precisar delas.

— Oh, eu preciso delas. — Seu nariz focinho enrugou. — Mas não o suficiente para arriscar a minha própria alma.

Argh! Isto era tão frustrante. Não apenas frustrante, mas aterrorizante. Os demônios dentro dela lutavam constantemente, estavam em uma batalha sem fim para ver quem poderia tentar possuí-la. Felizmente, nenhuma das almas eram muito fortes ou mau... exceto a que a tinha atacado há poucos minutos.

Essa precisava sair, e rápido. — O que está acontecendo? Por que todos estão de repente com tanto medo de lidar com almas?

O demônio alcançou a bebida borbulhante e arrancou o que parecia ser um dedo. Demônios eram tão repugnantes. E ele teve a coragem de insultá-la. Pela milionésima vez, ela agradeceu a seus pais por criá-la no reino humano.

— Porque aqueles que compram e vendem as almas estão sendo abatidos — ele disse quando colocou o dedo em sua boca.

Bem, isso explica por que metade dos caras que costumavam comprar dela estavam desaparecidos e a outra metade se recusou a vê-la. — Por quem?

— Não está claro. — Um pedaço de... gah... uma unha... pendurou para fora do canto de sua boca. — Há rumores de que Satanás quer todas as almas para si mesmo, mas isso não faz sentido, não quando ele nunca se preocupou com o mercado de almas antes.

Othog, limpou a garganta. — Alguns dizem que Satanás foi destruído pelos arcanjos, que agora estão no poder de Sheoul.

— Besteira — disse Frank. O pedaço de dedo ainda estava lá, balançando enquanto seus lábios escamosos se moviam. — Os anjos não poderiam montar esse tipo de ataque contra Satanás. Não dentro de Sheoul, e não sem ouvirmos sobre isso.

— Então, qual é a sua teoria? — ela perguntou. Houve rumores circulando há meses sobre um possível novo governante em Sheoul, mas ela não acreditou em qualquer um deles. Afinal, quem poderia derrubar Satanás?

A língua bifurcada de Frank serpenteou para fora a fim de pegar a pequena unha, e ela engoliu bile, tentando desesperadamente não vomitar. — Eu ouvi rumores de que

alguém chamado Revenant está sentado no trono. Não sei nada sobre ele, mas se minhas fontes estão corretas, ele é um traidor, que traiu Satanás.

Nenhum demônio era poderoso o suficiente para tomar o controle de Satanás. O que significava que esse cara Revenant só podia ser uma coisa. — Ele é um anjo caído?

Frank limpou os dentes com uma garra longa. — Alguns dizem que ele é um anjo Sombra.

Ela assobiou baixinho. Um anjo Sombra, segundo a lenda, era a mais poderosa classe de anjo caído na existência. Só Satanás, e talvez Lúcifer, eram mais poderosos. Embora ela tenha ouvido que Lúcifer foi destruído por um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

O que era ridículo. Os Quatro Cavaleiros eram mitos, e Lúcifer, provavelmente, estava bem. Inferno, a única razão que ela acreditava em Satanás era que seus pais foram uma vez anjos, e se eles disseram que ele existia, então provavelmente existia.

— Olha, eu acho que realmente não importa o que ele é ou se ele ainda existe. Eu preciso vender essas almas. — Na verdade, ela só precisava liberá-las. O problema era que eles não poderiam ser libertados sem um outro ímã de alma igualmente poderoso ao redor, caso contrário, eles apenas eram sugados de volta para ela. — Me dê um nome. Qualquer nome.

— Há apenas um. — Frank mostrou os dentes que nunca viu uma escova de dente, e sua voz ficou baixa e ameaçadora. — E o nome dele... é Azagoth.

Tinha a sensação de que ela deveria estar surpreendida ou

com temor ou algo assim. — Quem diabos é Azagoth?

Frank fez um gesto para o seu comparsa sem responder a sua pergunta. — Ele irá levá-la até a entrada para o reino de Azagoth.

Reino? O cara tinha seu próprio *reino*? — Espere. — Ela encolheu os ombros longe de Othog. — Eu quero saber quem é esse cara.

— Ele é alguém que eu não gostaria de enfrentar.

Ótimo. Se o mais poderoso necromante na região de Ghul de Sheoul não queria enfrentar esse Azagoth, ela não queria também. Mas estava desesperada, tanto pelo dinheiro, quanto para se livrar de seu mais novo passageiro no trem de alma, então ela permitiu que Othog a acompanhasse a um Harrowgate, que os levou a um círculo de pedras profundamente no deserto russo.

— Uma gota de sangue no centro deve lhe conceder o acesso. — Othog desapareceu na floresta, praticamente derretendo na folhagem, antes que ela pudesse fazer qualquer pergunta.

Ok, bem, ela tinha que conseguir isto feito. Ela cortou a ponta do seu dedo com uma de suas lâminas e se aproximou do círculo. Mas, quando ela estava prestes a cruzar a linha de pedra, o cabelo na parte de trás do seu pescoço se levantou e, mesmo antes de ouvir uma voz, ela sabia que não estava sozinha.

— *Emins*. Deixe-me matá-la.

Em um único movimento suave, ela deslisou lâminas gêmeas das bainhas em seu quadril e se virou para enfrentar os recém-chegados. Dois grandes caras em robes com capuz preto

estavam ali, seus rostos eternos, notavelmente bonitos dizendo-lhe pouco, exceto que eles provavelmente tinham um traseiros enormes.

Eles tinham espadas em suas costas, mas algo lhe disse que estes dois eram mais do que letais sem as lâminas. Ela era uma lutadora especialista, mas o poder que ela sentiu que vinha dos caras encapuzados a deixou na poeira.

Sob a sua pele, as almas do demônios se contorciam, agitados pela presença dos recém-chegados.

— Quem são vocês?

Os idiotas rudes não responderam, mas quando suas asas de penas magníficas se estenderam, ela sabia. Anjos. Assim. Muita. Merda.

O anjo da esquerda, aquele que tinha falado, investiu contra ela, mas ela estava pronta. Ela caiu e rolou, chutando-o no joelho.

— Deixe-a! — A voz do anjo da direita soou, e uma fração de segundo depois, o calor explodiu perto de sua cabeça e ela foi jogada ao chão. Por um momento, pensou que estava morta. Mas depois ela foi levantada a seus pés por uma mão perversa em torno de seu pescoço.

— Que diabos? — O Anjo da esquerda levantou-se do chão, suas vestes queimando, os olhos ardendo de raiva enquanto olhava para o outro Anjo sob o capuz. — Por que você a protege?

— Porque ela está carregando almas. — O Anjo apertou seu pescoço, para impedi-la de pisar em seu pé. — Se você a mata, elas escapam. Precisamos levá-la para Azagoth.

— Oh, diabos — ela estalou. — Isso é o que eu estava tentando fazer quando vocês bastardos me atacaram sem motivo, porra.

— Por que você vai vê-lo? — O Anjo da direita a empurrou para o centro do círculo de pedra, a mão ainda presa ao pescoço. — Ele te chamou?

— Ele me chamou? Por que ele iria me chamar? Eu nem sei quem é esse Azagoth idiota.

O Anjo da esquerda se abriu para ela como se ela fosse uma idiota completa. — Ele é o Guardião das Almas, vil demônio idiota. Você vai ver o Grim Reaper.

Capítulo 02

Ser o segundo no comando do Grim Reaper não era o pior emprego do mundo, mas quando Zhubaal ouviu os gritos de gelar o sangue vindo do quarto no fim do corredor sombrio, ele se lembrou de que não era o melhor trabalho no mundo também.

No entanto, era uma condição necessária se ele esperava encontrar sua amada Laura, cuja alma já ficou presa aqui em Sheoul-gra, o Alcatraz de demônio, anjo caído e as almas humanas malignas. Ela tinha estado aqui por décadas até que, trinta anos atrás, ela entrou em liberdade condicional – renascida – sua alma abrigava um novo corpo. Zhubaal estava procurando sua nova identidade desde então, mas até agora não teve nenhuma sorte em encontrá-la.

Ele faria, apesar de tudo. Os juramentos que os ligavam um ao outro eram inquebráveis. Puro. E ele era tenaz como a merda.

Ele *iria* encontrá-la.

— Droga. — Razr, um anjo caído que Azagoth tinha recentemente nomeado para atuar com o próprio Zhubaal, o segundo em comando, surgiu ao lado de Z e olhou para a porta do escritório de seu chefe. — Quem está lá com ele?

Z lançou um olhar de esguelha para o cara que, como de costume, usava vestes de monge marrom e simples sandálias de dedo. Por que ele se vestia assim, Zhubaal não tinha ideia. Razr se recusou a falar sobre isso, não importava quão bêbado Z o deixasse. — Algum Orphmage que tem um incrivelmente mau julgamento e pensou que poderia chantagear o Grim Reaper.

— Merda. — Razr esfregou a cabeça careca tatuada. — Você vai me fazer limpar a bagunça, não é?

Sorrindo, Zhubaal bateu-lhe nas costas. — Pare de choramingar. Este deve ser o último de hoje... — Interrompeu-se quando uma sensação aguda, um formigamento tomou conta dele em uma onda que era quase... sexual.

Não que ele conhecesse como se sentia uma onda sexual. Na verdade não.

Claro, ele experimentava o desejo como cada anjo caído normal, mas os orgasmos só não eram exatamente nada para ficar animado.

E esta onda particular definitivamente não significava um orgasmo iminente. Isso significava que alguém tinha ativado o portal conectando Sheoul-gra a um dos vários portais no reino terrestre.

Um visitante estava na entrada e a corrente elétrica residual intensa pulsando em suas veias significava que o recém-

chegado não era um demônio canalha mediano pedindo uma audiência com a pessoa encarregada das almas reencarnantes. O que também significava que quem estava prestes a se mostrar provavelmente era um babaca egocêntrico.

Razr sentiu isso também, e ele soltou uma gargalhada. — Aposto que você gostaria que você fosse o cara a começar a limpar os pedaços do Orphmage das paredes do Azagoth agora, hein?

Não, mas isso era pior. Ele não estava com humor para lidar com algum demônio arrogante ou um anjo com atitude santa que lhe fazia se lembrar de quem ele costumava ser. Não quando ele tinha acabado de saber que a sua mais recente sondagem na identidade reencarnada de Laura diminuiu completamente.

Apontando o dedo a Razr, Zhubaal saiu do edifício e desceu os degraus de pedra para o pátio dois de cada vez. A fonte no centro pulverizou uma névoa fina sobre seus braços nus, enquanto ele se apressou para a plataforma do portal que estava assentada como uma pista de aterrissagem de helicóptero diminuta a dezoito metros de distância.

Uma coluna de luz branca incidiu do céu cinzento, e quando se apagou, dois anjos que ele reconheceu ficaram dentro do círculo de pedra na plataforma do portal. Ele não tinha ideia de quem era a mulher com armas pesadas de cabelo preto curto com eles, mas ela estava tão chateada como um gato molhado que está sendo seguro pela sua nuca.

O anjo, que Z conhecia apenas pelo codinome Jim Bob, tinha a mão enrolada em torno do pescoço dela, obrigando-a a

andar nas pontas dos pés de suas botas coxa-alta quando eles andaram fora da plataforma. Toda vez que ela pegou uma das armas escondidas em torno de seu corpo em vários coldres, ele batia a mão dela como se ela não fosse mais incômoda do que um mosquito.

Jim Bob empurrou-a para a frente. — Nós encontramos esta... criatura... tentando romper o portal.

Os olhos violeta da fêmea queimaram com fúria. Ela era bonita, em uma espécie de forma perigosa, o que só a fez mais bonita. Oh, ela não era do tipo de Zhubaal, ele sempre foi para fêmeas com menos maquiagem, menos armas e mais roupas. Mas isso não significava que ele não podia apreciar uma fêmea quente que parecia que podia mastigá-lo e engoli-lo também.

Como se você soubesse como seria isso.

— Eu não estava tentando romper. — Ela atacou com o pé e chutou Jim Bob na canela, mas ele nem sequer pestanejou. Então, novamente, ele era duas vezes o tamanho dela e construído como um tanque. — Eu estava tentando ativar o portal. Você sabe, como uma pessoa normal. Você idiotas de penas interromperam.

Jim Bob a puxou fora de seus pés e a segurou no comprimento do braço, como se pode fazer com um rato de esgoto. — Ela é *emim*. — Ele zombou, mostrando os dentes. — Eu praticamente posso cheirar a maldade dela.

— Pô idiota — ela rosnou, ainda fazendo o seu melhor para chutá-lo, — por que você não nos diz como você realmente se sente sobre o meu tipo.

O outro anjo, codinome Ricky Bobby, bem moreno bufou.

— Seu tipo deve ser destruído. Anjos caídos são a escória traidora que não foram feitos para se reproduzir. Eles e os seus descendentes *emim* merecem ser abatidos.

Que imbecil. Se Zhubaal estivesse em qualquer lugar, menos aqui, ele ia arremessar uma bola de fogo ácido na cabeça aureolada de Ricky Bobby. — Você sabe que eu sou um anjo caído, certo? — ele apontou para si mesmo. — Quer dizer, eu estou bem aqui.

Jim Bob e Ricky Bobby olharam, completamente impassíveis. Espinhos, sou mais santos do que tu. Literalmente mais santo, uma vez que eles eram anjos celestiais reais e Z era um da escória traidora que não era concebido para reproduzir.

Ele suspirou, cansado de lidar com dois anjos que não podiam ser *muito* angelicais se eles estavam associados com o Grim Reaper. — Solte a fêmea. Vou levá-la a partir daqui. Razr está lá dentro. Ele vai lhes mostrar o escritório de Azagoth. — Ele reconsiderou, pensando que o escritório de Azagoth não estaria apresentável por um tempo. — Ou a biblioteca.

Jim Bob abriu seu punho e deixou cair a fêmea no chão. — Posso encontrar Azagoth eu mesmo.

— Você conhece as regras, Jim Bob — Z disse quando a fêmea saltou para seus pés e olhou para os dois anjos. — Babacas de fora não podem andar por aí sem uma escolta.

Os olhos de Jim Bob flamejaram em branco puro, gravinhas de raio gêmeos divinos, e Zhubaal se perguntou se o cara era realmente capaz de ignorar o feitiço de amortecimento de poder de Azagoth e entregar um ataque prejudicial. Ele não

conhecia a verdadeira identidade de Jim Bob ou que tipo de anjo ele era, mas uma coisa era certa, o anjo era poderoso. Mesmo aqui em Sheoul-gra, onde todos, menos Azagoth, eram limitados no uso de suas habilidades sobrenaturais inerentes, Jim Bob exalava perigo. E arrogância.

Ele estava definitivamente no alto da cadeia alimentar angelical.

O imbecil.

— Nem pense nisso, anjo. — As asas de anjo caído de Zhubaal irromperam de suas costas enquanto ele chamou um dos poucos poderes que Azagoth lhe permitiu, um escudo escuro de energia maligna capaz de interromper temporariamente toda a energia Celestial que o atingia. — Eu tenho mais energia aqui do que você.

Um lento sorriso se espalhou pelo rosto de Jim Bob. — Você realmente acha isso?

— Quer me testar?

Por um longo momento, Z tinha certeza que o cara ia atacar. Mas mesmo que o ar entre eles crepitasse, os olhos de Jim Bob voltaram ao normal. — Um dia. Mas hoje eu não tenho tempo para chutar o seu traseiro. Vou ver Azagoth agora.

Com isso, ele se dirigiu para o edifício, estendendo suas enormes asas brancas em um gesto foda-se desdenhoso. O cagão. Ricky Bobby foi com ele, dando-lhe a própria vibração poderosa e uma aba rude de asas de pomba cinza. Ele só esteve aqui com Jim Bob duas vezes, e ele não tinha falado uma palavra até hoje. Zhubaal esperava que ele voltasse ao silêncio estúpido nas futuras

visitas.

— Esses caras são grandes idiotas — a fêmea murmurou.

Zhubaal escondeu suas asas de couro, ainda odiando como nu se sentia sem as penas celestiais, mesmo depois de todos estes anos. Suas asas eventualmente brotariam penas, assumindo que ele sobrevivesse alguns séculos, mas elas provavelmente seriam feias, mal formadas e torcidas pelo mal.

— Os anjos geralmente são. — Zhubaal se virou para ela, achando graça ao encontrá-la olhando para as costas dos anjos, enquanto manuseava o punho de uma lâmina em seu quadril com roupa de couro como se fantasiando em colocá-la em seus crânios. Ele gostaria de ver isso. Ela ia morrer, é claro, mas hei, pelo menos, Z tinha Razr ao redor para limpar a bagunça.

Ainda assim, seria uma vergonha vê-la abatida. Não há muitos *emim* que vieram até aqui para buscar uma audiência com Azagoth, especialmente aqueles que pareciam como ela.

Ele deixou cair o olhar de seus quadris arredondados para as coxas finas, onde sua calça de montaria preta rasgada desaparecia em botas preto fosco meia-noite com salto agulha. Como diabos ela luta nessas coisas?

Ele arrastou seu olhar de volta para cima, admirando-a, umbigo à mostra, barriga plana e parte superior de couro que era pouco mais que um sutiã cobrindo os seios amplos. Mal cobrindo os seios amplos. Seu cabelo preto curto, tingido de roxo nas pontas pontiagudas, brincavam nas conchas de suas orelhas, e dane-se tudo, sua boca secou com o desejo de levar os lóbulos entre os dentes e fazê-la ronronar.

E o que diabos? Ele nunca fantasiou com fêmeas assim. Seu foco estava com ninguém, apenas Laura, desde antes de ele cair e até mesmo uma incursão que experimentou com Cat no ano passado foi mais sobre ver se ele ainda estava funcional do que qualquer coisa.

Ou talvez tivesse se tornado solitário. Cem anos sem sequer um beijo foi um longo tempo pirando.

— Você gosta do que vê? — ela passeou em direção a ele com passos lentos e deliberados. De alguma forma, seus saltos agulha não oscilaram no terreno irregular não importa quão duro seus quadris batessem com cada passo. — Gosta?

Porque, sim. Sim, ele gostou do que viu. Mas ela não escolheu uma roupa tão sexy para o benefício dele e sabia disso. — Você está perdendo seu tempo comigo, e se você está planejando seduzir Azagoth, você deve saber que ele tem uma companheira. E Lilliana não compartilha.

Ela parou a alguns centímetros de distância, os dedos ainda acariciando a lâmina. O que não devia ser erótico, mas de alguma forma era. — Eu não estou aqui para isso.

Sem dúvida seduzir Azagoth não era o seu principal objetivo, mas conhecia a sua espécie, sabia que suas roupas picantes eram ferramentas que ela usaria se precisasse. E algo sobre Azagoth, todas as mulheres – e os homens, para esse assunto – tentavam. Uma vez que ela colocasse os olhos sobre ele, ela tentaria seduzi-lo. Todos tentam.

— Qual o seu nome? E qual é o seu negócio com Azagoth? — Aproximando, ele baixou a voz e olhou para ela de

seus centímetros extras de altura. — E tenha em mente que eu sou seu guardião. Você vai me dizer ou você não vai sair dessa plataforma.

Ela timidamente tocou o decote de sua blusa e piscou os olhos com tons de violeta. — Sou Vex, e eu tenho uma proposta para o seu chefe.

— Sou Zhubaal, e eu preciso de um pouco mais do que isso. — Ele estreitou os olhos, recusando-se a se encantar ou ser seduzido. Mas, caramba, ela realmente tem seios bonitos. — Que tipo de proposta?

Por um longo momento ela olhou para ele, seus lábios rubis pressionaram juntos em uma linha teimosa de silêncio. Assim quando ele estava prestes a mandá-la de volta para qualquer reino de que ela veio, ela desistiu de sua merda sedutora e estendeu seu braço direito.

— Vê esses glifos? — ela traçou o contorno de um dos cinco círculos preto ondulados com a ponta de uma unha pintada de ametista. — Toque um.

— Se isto é um truque...

— O quão estúpida você acha que eu sou? — ela retrucou. — Se Azagoth é realmente o Grim Reaper, ele é um dos seres mais poderosos do universo. Você honestamente acha que estou aqui para irritá-lo, enroscando com um de seus *griminions*?

Bem, isso foi um insulto. — Eu não sou um *griminion* — ele moeu fora. — *Griminions* são aberrações um pouco feias que recolhem as almas quando um demônio ou humano mau morre. Eu sou apenas o seu servo diário padrão.

Ela revirou os olhos. — Eu sei. Eu estava sendo engraçada. Você é servo do Grim Reaper. *Griminion*. — Ela cutucou com o braço. — Vamos. Me toque.

Ansioso para se livrar desta fêmea desagradável, ele agarrou seu pulso e pressionou os dedos contra dois – ou talvez três – dos círculos.

Ele não tinha ideia de muitas das coisas que ele tocou, porque no momento que sua pele entrou em contato com eles, a poderosa queimadura de pura maldade passou por ele e bateu o ar dos seus pulmões. Santo inferno, o que eram esses glifos? Malevolência queimou sua pele e forçou o sangue superaquecido fluir como lava em suas veias quando ele a soltou e cambaleou para trás, com a cabeça girando.

— Eles são almas — Vex disse, sua voz cortando sua agonia. — Isso é o que você está sentindo. Eles se apegaram a mim, e acho que Azagoth pode querer tirá-los de minhas mãos.

O mal esmagador drenou rapidamente, afastando-se, agora que ele não estava mais tocando os glifos, mas outra sensação permaneceu, que mais uma vez tirou o seu fôlego e o deixou abalado.

Familiaridade. Conforto. Amor.

Era... é possível? Ele conhecia esse calor, a necessidade desesperada de agarrá-la, mas a sensação foi desaparecendo com cada batida espástica do seu coração.

Laura.

Seus dedos apertaram, e ele olhou para baixo para ver que ele estava apertando o peito como se pudesse cavar através de

suas costelas para o seu coração acelerado.

Ele lambeu os lábios secos e tentou gerar bastante umidade em sua boca para falar. Ele estava com medo da esperança, medo de fazer a pergunta que estava na ponta da língua ressecada. Mas ele tinha que fazer. Foi por isso que ele voluntariamente caiu em desgraça todas essas décadas atrás. A razão pela qual ele pediu ao Arcanjo Uriel para cortar suas asas marrons cobiçadas, cobiçadas não tanto pela cor , mas pelo o que elas representavam.

O melhor dos melhores.

Agora ele vivia entre os piores dos piores.

— Você sabe a quem as almas pertencem? — ele perguntou, deliberadamente espaçando suas palavras para que ele não enrolasse a sua língua como uma criança comendo doces de Halloween. — Quando elas estavam na forma física, eu quero dizer.

Ela balançou a cabeça. — Elas não falam para mim. — Sombras de dor brilharam nos olhos de Vex, e ele se perguntou o que as almas estavam fazendo com ela. Ele mal as tocou e elas tinham dado a ele uma enxaqueca no corpo, mas elas foram fundidas em sua carne. — Não com palavras.

Ele não precisava de palavras. Ele olhou para o braço de Vex, nas finas linhas, movendo as marcas em sua pele, e ele sabia.

Uma das almas no corpo de Vex pertencia a sua amada. Uma das almas era Laura.

Capítulo 03

Vex encarou Zhubaal, mas só porque ele estava olhando para ela. Encarando como se ela tivesse de repente brotado um halo.

Mas, ao olhá-lo, descobriu que o anjo caído loiro de olhos escuros era escandalosamente quente. Absolutamente delicioso em jeans preto, botas de combate, e uma camiseta da marinha que se agarrava a um corpo duro e musculoso. Se ela o tivesse conhecido em qualquer lugar diferente do reino parvo da Morte, ela estaria testando a promessa sexual que envolvia em torno dele como uma segunda pele.

Mas como estava, ele não só parecia desinteressado, parecia chocado, ou talvez horrorizado por ela.

— Qual é o seu problema? — ela finalmente estalou. — O que é que os seres humanos dizem? Tire uma foto, ela durará

mais?

— As almas — ele disse asperamente. — Você disse que falam com você, mas não com palavras.

— Isso não é exatamente o que eu disse, mas essa é a essência. — As almas vibraram como se lembrando do porquê ela estava aqui. Elas provavelmente estavam tão ansiosas para estar livre dela como ela estava para se livrar delas. — Agora, eu posso ver o Grim Reaper ou não?

E se assim for, como ela poderia trabalhar isso para sua vantagem? Ela precisava vender estas almas, mas respeitar o Grim Reaper também era uma oportunidade única que não podia deixar passar. Estava cansada de ser tratada como uma captora. Coletadora de almas bem paga, mas no mundo dos demônios, ela era considerada como repugnante, como seres humanos consideravam os traficantes de drogas. Trabalhar com o Grim Reaper lhe daria legitimidade, bem como proteção contra os caras que estavam destruindo o comércio de alma no submundo.

Zhubaal hesitou, mas depois de um momento, ele sacudiu a cabeça em um movimento de “siga-me” e a encaminhou para um dos grandes edifícios na borda do que parecia uma antiga cidade grega. Ela retardou por alguns instantes para obter uma boa olhada em quão bem os jeans se encaixavam. Beeem.

— Como elas se comunicam com você? — ele gritou de volta para ela. — As almas, quero dizer.

Ela o alcançou, seus saltos batendo nos paralelepípedos. — Hum, elas não se comunicam. Eu as sinto. Tipo, eu posso sentir quão más que elas são. — Ela levantou o braço. — Quatro

destas sinto como Nível 1 e 2 no Ufelskala. Mas o outro... o mais novo... — Ela estremeceu. — O mal é tão forte como qualquer coisa que eu já senti.

Ele era mais forte até do que a alma que a possuiu anos atrás, que a enviou em uma fúria por regiões de Sheoul onde ela não era mais bem-vinda. Os pesadelos dessas duas semanas de inferno a deixou exausta e emocionalmente esgotada demasiadas vezes, mas não foi nada em comparação com a culpa que a consumia todos os dias.

Ela tinha que se livrar dessa alma e rápido. Ela não podia passar por isso novamente. Ela não iria. Ela se mataria antes que permitisse que outro mal usasse seu corpo para abater e criar caos.

Zhubaal parou tão de repente, ela bateu seu ombro contra o braço dele. Era como bater em uma parede. Uma parede dura e alta.

— As almas interagem? — perguntou. — Pode as fortes atormentar as mais fracas?

Que pergunta estranha. — Sim. Por quê? Como isso é relevante para o meu encontro com Azagoth?

— Tudo é relevante quando se trata de Azagoth. — Ele começou a andar novamente, tendo passado uma sebe perfeitamente aparada separando a estrutura da mansão dos outros edifícios, uma fonte espumante, e várias estátuas gregas e pilares aparentemente aleatórios que não apoiavam qualquer coisa.

Isso não era o que ela esperava ver em um reino dirigido pelo Grim Reaper.

Zhubaal a levou até uma escada de pedra que corria toda a

largura do edifício. — Como é que você coleta as almas?

— É difícil de explicar. — À medida que se aproximaram as portas gigantes se abriram. — Eu sou uma espécie de ímã. Chamam pessoas como eu de *daemani*, mas se seu chefe negocia almas, ele provavelmente saberá disso. Se há uma alma sobrenatural, não-humano na área, ela vai me encontrar.

— Como? *Griminions* aparecem em poucos segundos após a morte de um demônio.

— Eles chegam muito tarde se eu sou a pessoa que matou o demônio ou um demônio morre perto de mim. — Ela fez um hábito de não matar demônios se ela não precisa, mas a merda acontece porque os demônios eram idiotas, e muitos deles mereciam morrer. — Uma vez eu visitei um amigo no Underworld General, e na hora que eu estava lá, duas almas demônio foram sugadas para dentro de mim. Dois! Aqueles médicos devem ser terríveis se eles não podem manter alguém vivo. Mas agora, se eu precisar de algum dinheiro rápido, eu dou um passeio pelo hospital. — Bem, não mais. Não desde que o mercado de alma caiu.

Ele lhe deu um olhar de lado. — Eu manteria isso para si mesma. Azagoth considera todas as almas sua. Se ele sabe que você as roubou intencionalmente debaixo dele, você vai pagar com sua própria alma.

Azagoth era um bastardo ganancioso, não era? Ela iria manter essa opinião para si mesma também.

Zhubaal a levou para dentro do edifício. Ela apertou os olhos na escuridão iluminada por tochas e o show de horrores,

eles tinham entrado em um museu de estátuas de pesadelo. Isso era o que ela esperava ver em um reino dirigido pelo Grim Reaper.

Em uma sala que era aparentemente interminável, fileiras de figuras de pedra em tamanho natural de demônios de todas as espécies estavam em exposição, todos em vários estados de agonia. Crânios e armas cobriam as paredes, algumas das armas enterradas nos crânios. Vex esteve dentro de alguns lugares seriamente assustadores e assombrados, muitos cheios com horrores sangrentos que ela não poderia nem mesmo descrever. Mas alguma coisa sobre esta sala era mais perturbadora do que uma sala cheia de sangue flagrante.

Talvez o fator arrepiante veio da sensação de que ela estava sendo observada.

— Estas são estátuas vivas. — As botas de Zhubaal tropejaram enquanto caminhava pela sala cavernosa. — Às vezes Azagoth não mata seus inimigos.

Horror deslizou por sua espinha quando o que Zhubaal disse afundou. Ela deu um amplo espaço a um demônio Silas sem olhos, que parecia estar chegando para ela, seu rosto se contorceu na miséria.

— Quanto tempo eles têm estado assim? — Sua voz soou pequena neste lugar, e ela não sabia se era um truque do espaço ou se ela realmente parecia que queria estar em qualquer lugar, menos aqui.

Zhubaal olhou para uma estátua de demônino Neethul parecendo um duende crescido quando eles caminharam, e ela se

perguntou quanta consciência os demônios tinham do mundo ao seu redor. — Alguns são novos, das últimas décadas, mas a maioria têm centenas, se não milhares de anos.

Eles estão presos por *milhares de anos*?

As almas em seu braço começaram a formigar como se assustadas, aumentando a vibração violentamente que se tornava mais intensa quanto mais dentro iam. A alma super má, que ela estaria agora dobrando para Super Má, começou a agarrá-la. As almas sempre ficavam nervosas quando ela estava perto de outro ímã de alma, mas isso parecia mais medo do que a ânsia de costume para sair de seu corpo, mesmo que o próximo anfitrião poderia escravizá-la, comê-la, usá-la para magias... almas eram itens para todos os fins, que costumavam ganhar uma fortuna.

Ela fez a coisa toda Lamaze através da agressão psíquica, mas quando Zhubaal estreitou os olhos, ela parou de respirar como se estivesse dando à luz e sorriu como se nada estivesse errado. Uma vez que ele se afastou, ela voltou para Lamaze... apenas mais calmamente.

Eles finalmente saíram da sala de estátua, e assim que eles viraram para um longo corredor mal iluminado, os anjos idiotas passaram por eles em seu caminho para a saída, mal poupando um olhar de desprezo para eles. Alguns passos atrás, um cara careca com uma túnica de monge marrom disforme os seguia, presumivelmente escoltando os anjos.

Um homem de cabelos escuros, calça preta e uma camisa de abotoar da cor de sangue seco surgiu de uma porta no fim do corredor. As almas dentro dela se assustaram enormemente,

vibrando com tanta força que ela pensou que sua pele podia vir direto para fora de seu corpo. Queriam que ela corresse, saísse daqui, e francamente, era tentador.

Respire. Não deixe que eles a vejam como nada menos do que alguém com o perfeito controle.

— Z — o cara disse, sua voz profunda tão intensamente cativante como seus olhos esmeralda. Este era Azagoth. Nenhuma dúvida sobre isso. — Eu estou indo para o Inner Sanctum. Você está no comando até eu voltar. — Ele fez uma careta, e sua cabeça virou para ela tão rápido que foi um borrão. — Quem é você?

As almas gritaram. Elas gritaram tão alto que, pela primeira vez, ela ouviu. Na verdade, as ouviu e sentiu seus medos. Não que pudesse culpá-las. Azagoth era aterrorizante, o que se tornou ainda mais agravado pela sua beleza. Ele era alto, moreno, bonito e ele exalava perigo que a deixou fria por dentro. Nem mesmo o Nível Cinco dos demônios poderia corresponder a esse tipo de alma sugadora fria.

— Sou Vex. — De alguma forma ela conseguiu não soar como um rato encurralado.

Ele voltou-se para Zhubaal como se ele não tivesse falado com ela em tudo. — Eu vou vê-la quando eu voltar.

A mão de Zhubaal estendeu para fora para travar o braço de Azagoth quando ele começou a passar por ele. — Mas meu Senhor...

Azagoth virou seu olhar sobre ela, mais uma vez, e seu sangue gelou. — Quando. Eu. voltar.

Não! Fuja! Escape! As almas gritaram, garras rasgaram

sua mente, quando Azagoth se afastou. E foi então que ela percebeu que esta era a primeira vez que isso aconteceu.

As almas não queriam sair. Elas queriam ficar.

* * * *

Droga. Z não foi capaz de falar com Azagoth sobre sua suspeita sobre Vex e as almas que ela carregava. Uma alma em particular.

Oh, ele poderia ter tentado, mas ele conhecia Azagoth, e o cara estava à beira de uma explosão. Sobre o que, Z não tinha ideia. Tudo o que sabia era que você não queria ser pego em uma das explosões concussivas do Grim Reaper. Quando aquele cara detona, ele era nuclear.

— E agora? — perguntou Vex, e ele não estava surpreso ao ouvir o menor tremor em sua voz. Mas seus olhos violetas estavam duros, os olhos de uma guerreira, e se Azagoth a assustou, não parecia. Impressionante, especialmente para um *emim*, a maioria dos quais exercia muito pouco das capacidades que seus pais anjos caídos poderosos possuíam. — Eu não posso sair. Uma das almas dentro de mim é perigosa.

Ele baixou a voz quando um anjo caído residente passou em seu caminho para a cozinha. — Perigosa como?

— Se a alma é poderosa o suficiente, e má o suficiente, ela pode me possuir. — Vex falou com uma onda irreverente de sua mão, que não corresponde com a forma como seus dedos tremiam. — Não é uma experiência agradável. Almas mais fracas geralmente se unem para manter as mais sinistras na baía, mas

esta é forte. Sua maldade é... Eu não sei, pura, eu acho. Eu não sei quanto tempo eu posso durar contra ela.

Um frio se arrastou até a espinha de Z com o pensamento de que Laura estava presa dentro de Vex com um demônio malévolo. Ele tinha encontrado um punhado de *daemani* em sua vida, mas ele nunca lhes perguntou sobre suas habilidades, e muito menos se as almas que eles guardavam saíam juntas.

— O que quer dizer pura? — Ele começou a voltar pela sala de estátua para deixar o edifício, e ele precisou acelerar pela forma como ela andava tão rápido que ele teve que pegar o seu ritmo para manter-se.

— As almas têm diferentes... vibrações. Eu posso ter uma noção geral de como elas são velhas e quantas vidas viveram. — Ela fez uma careta para a estátua de um Darquethoth genocida desprezível que Azagoth tinha empalado o encerrando em pedra para sofrer as dores da morte por toda a eternidade. — Cada vida parece amadurecê-las, por falta de uma palavra melhor. Mas aquelas que passam muito tempo vivendo uma vida de solteiro... elas tendem a ser realmente muito fortes. Aposto que quem eu peguei hoje é bem antigo ou infectado com o grande mal, e elas definitivamente têm uma sede de dor e morte. — Ela lhe lançou um breve sorriso travesso. — E sexo. Portanto, não é de todo ruim. Mas esta alma está muito, muito zangada.

Ele se perguntou se a segunda vida de Laura a tinha “amadurecido”, embora não pudesse ver como. Como um anjo, que foi o epítome da serenidade, preferindo ouvir em vez de falar, negociar a paz, em vez de lutar. Essas foram as qualidades que a

levaram a ser banida de sua Ordem de guerreiro angelical e a levaram a sua queda do céu.

Putá merda, depois de todos esses anos de procura, era realmente possível que ele estava tão perto de finalmente ver sua noiva novamente? Ela sabia que ele estava perto? Ou ela estava muito ocupada tentando escapar da alma má dentro de Vex?

Ele desacelerou enquanto as portas se abriram. — Pode a alma zangada prejudicar as outras?

Por favor, diga não.

— Sim. — Ela praticamente correu para fora, e ele jurou que ela deu um suspiro de alívio quando as portas se fecharam atrás deles. — Eu posso sentir a sua dor, mesmo agora.

O guerreiro Ipsylum nele se levantou na ânsia de destruir quem quer que estava prejudicando Laura, seguido pela frustração que não havia nenhum inimigo para combater. — Você pode impedir que isso aconteça?

Ela fez uma pausa em um passo para olhar para ele como se ele fosse louco. — Hum, não. Por quê? Não me diga que um anjo caído grande mau está preocupado com algumas pobres almas de demônios sendo intimidadas.

Ele não poderia se importar menos sobre quaisquer almas, além de uma. Laura tinha sido tão amável e gentil antes de sua queda de graça, e mesmo depois, como um anjo caído, ela não tinha mudado muito. Mas, como Azagoth tinha apontado, ela foi morta antes de sua alma poder tornar-se demasiadamente corrompida pelo mal. Ela também foi um anjo caído, um anjo que perdeu suas asas, mas não tinha entrado no inferno, a fim de

completar a sua queda e permitir que a escuridão inundasse sua alma. Ela foi decente, mesmo até o fim, e isso o deixou doente, pensar que ela poderia, agora, estar sofrendo de maneiras que ele não podia sequer compreender.

Ele ignorou a pergunta ridícula de Vex e a levou ao redor da cerca viva. — Por aqui.

— Onde estamos indo? Você não me respondeu sobre o que estamos fazendo agora.

Eles viraram para um caminho de paralelepípedos que dividia um vasto gramado, gramado que costumava ser nada, apenas um solo improdutivo chamuscado antes da companheira de Azagoth, Lilliana, trabalhar algum tipo de voodoo no coração enegrecido, feio e murcho dele.

— Agora — ele disse, — você fará o check-in para o melhor hotel de luxo de Sheoul-gra.

Uma sobrancelha negra se arqueou. — O mais fino de Sheoul-gra?

Ele fez um gesto em frente, em direção aos prédios que se espalhavam para fora como alas atrás da grande mansão de Azagoth, todos dispostos na réplica da antiga Atenas. — Aquele com os pilares de gárgula e o crânio esculpido acima da entrada. Eu o chamo Motel 666.

— Esperto. E apenas implorando para ser o local de um massacre. — Ela esfregou o braço distraidamente, e ele se perguntou qual dos glifos pertencia a Laura. Ela estava tão perto, e ele morria por não ser capaz de tocá-la. — Então, você está falando sério? Você tem um hotel?

— Eles são mais como o que os humanos chamam de dormitórios.

— Dormitórios? — Uma brisa arrepiou seus cabelos espetados quando ela olhou ao redor. — Para quem?

— Eu vou te mostrar. — Ele a levou para a parte de trás do edifício, que abria para um pátio, onde várias dezenas de pessoas lutavam com várias armas sob a instrução latida por anjos caídos. Unfallen e Memitim.

Ela franziu a testa. — Unfallen são anjos caídos que não entraram no Sheoul, certo? Eles ainda podem ser redimidos. Mas e sobre os Memitim?

Lilliana acenou do outro lado do pátio onde ela estava falando com três dos seus mais recém-chegados Unfallen. Desde que Azagoth tornou Sheoul-gra em um santuário para Unfallen procurando uma chance de se redimir e ganhar o seu caminho de volta para o Céu, eles tinham visto um fluxo constante de novos rostos.

— Eles são todos filhos de Azagoth — ele disse. — Eles são uma classe especial de anjo ligados à terra nascidos para proteger certos humanos e ganhar as suas asas.

— Unfallen e Memitim — ela meditou. — Dois lados da mesma moeda. Um grupo nasceu com tudo a ganhar, e o outro nasceu com tudo a perder.

Sua cabeça virou para ela. Isso era algo que Laura teria dito. Ela sempre olhou para os pontos comuns nas pessoas ao invés das diferenças. Foi outro dos traços que a levaram a ser evitada por sua Ordem Ipsylum. O pensamento irritou as

cicatrizes gêmeas, onde as asas de luxo que o marcaram como uma classe de guerreiro de elite foram cortadas. Levou dois anos depois de sua queda para crescer suas asas de anjo caído que, embora reforçadas e mais resistentes ao fogo do que as suas antigas asas, eram inferiores e mais feias que todas as outras.

— Qual é o seu problema? — Vex virou para ele, um desses saltos letais no caminho de pedra. — Por que você continua olhando para mim? — ela piscou. — É porque eu sou tão quente, não é?

Ele queria dizer que era porque Laura estava dentro dela em algum lugar, mas na verdade era fácil olhar para Vex. Tudo nela era o oposto de Laura. Alta, loira, esbelta e conservadora em relação a baixa, escura, cheia de curvas e perigosamente sexy.

Mas essa era a verdadeira Vex, ou as almas a influenciavam? — Eu não estou olhando fixamente, — ele mentiu. — Estou tentando entender você. As almas afetam sua personalidade, mesmo que elas não estão tentando possuí-la?

Ela riu de um jovem Memitim que tropeçou em sua própria espada ao praticar com ela. — Às vezes. — Ela se virou para ele, seus grandes olhos violeta ainda brilhando com diversão. — Como, na vez em que eu matei este demônio idiota Alu, e sua alma foi sugada para dentro de mim. Sabe o que eles comem? Carne podre. Sério. Quanto mais podre melhor. Até que eu fui capaz de me livrar dele, minha boca enchia d'água cada vez que eu passava por um animal morto na beira da estrada. — Ela mostrou a língua e fez uma cara que era tão Laura, que uma onda de saudade caiu sobre ele. — Tão nojento. E outra vez, eu absorvi

a alma de um incubus. Eu não percebi isso na época, mas porra, estava com tesão. Tipo, por um mês. Não foi possível obter o suficiente, sabe?

Não, ele não sabia. Mas agora ele estava imaginando ela tentando obter o suficiente, e isso o deixou desconfortavelmente quente. E um pouco duro.

— Então as almas dentro de você agora poderiam estar te influenciando? — No início, ela tinha mencionado que a alma má queria coisas. Tal como o sexo.

Seu pênis se contorceu, e ele mordeu a língua, acolhendo a dor. Qualquer coisa para não ter pensamentos que não deveria ter. Laura pode estar influenciando Vex, mas isso não importava. Vex *não* era Laura.

Ela encolheu os ombros. — Os mais fracos pode estar tendo algum efeito menor, mas quando há mais de um, eles tendem a gastar tanto tempo lutando entre si que não mexem comigo. — Ela levantou a mão. — Dedos cruzados que o Super Mal se prenda a isso.

Apenas no caso, ele ia se certificar que Vex tivesse babás constantemente.

Ele a levou para um quarto desocupado no Motel 666 no segundo andar e enviou um Memitim passando para buscar um guarda. O espaço era pequeno, com apenas o mais básico de mobiliário, mas este quarto foi recentemente desocupado por um Unfallen que foi seduzido por Sheoul, e ele tinha deixado uma televisão de tela plana agradável para trás.

Ela jogou a mochila na cama. — É isso, né? Sem piscina?

Nem cafeteira? Sem café da manhã continental? Vou destruí-lo no Yelp. — Ela colocou as mãos nos quadris em ultraje falso, e seu olhar caiu automaticamente para as marcas em seu braço. — O que é? Por que você continua olhando para elas?

Ele supôs que não prejudicaria explicar por que ele ficava olhando para ela e os glifos. Ela provavelmente estava começando a pensar que ele era algum tipo de trepadeira obsessiva.

— Porque um deles é familiar — ele disse, com o coração batendo animadamente pela familiaridade. — Foi algo que eu senti quando eu toquei em você.

Ela vestiu um sorriso perverso que provavelmente conseguia alguma coisa que ela queria de machos. — Isso foi ‘algo’ como tesão? Porque se você quer me tocar de novo, eu estou bem com isso. — Seu tom era tão sedutor como o seu sorriso enquanto ela arrastou a unha sobre os glifos em seu braço. — Então, pelo menos, duas das almas.

— Não — ele moeu fora. — Esse ‘algo’ não era tesão.

— Tem certeza? — O brilho sensual em seus olhos quase o fez gemer. — Você quer me tocar de novo para ver?

Sim. Inferno sim. Ele mataria para experimentar essa sensação de novo, estava desesperado para se conectar com Laura em qualquer maneira que podia. E se ela podia senti-lo também? Se ele acariciasse a pele lisa bronzeada de Vex, Laura reconheceria seu toque?

Sem pensar, ele estendeu a mão para ela, mas antes que ele fizesse contato, Suman, um Memitim corpulento, com mais músculos do que cérebro, correu para a sala como se houvesse um

incêndio.

— Me disseram que eu era necessário — ele disse rigidamente, um soldado por completo.

Provavelmente foi bom que ele aparecesse, porque tanto quanto Zhubaal queria sentir Laura, ele não tinha certeza se queria experimentar a perda da conexão com ela novamente.

— Obrigado, Suman — disse Z, transformado no modo trabalho. — Eu preciso que você observe Vex por um tempo. Vou mandar alguém para aliviá-lo em breve. — Ele se virou para Vex. — Há um banheiro comum no corredor, e eu enviarei comida. Fique quieta. — Pensando bem, ele acrescentou: — E seja boa.

De alguma forma, ele não ficou surpreso ao ouvir a risada soando para fora do prédio, e caramba, se não o fez sorrir também.

Capítulo

04

Vex estava ficando louca. Como alguém poderia ficar presa em um quarto tão pequeno? Ela precisava de espaço. Liberdade para se movimentar.

Não era que queria escapar de Sheoul-gra. Queria explorá-lo. Ela só tinha que descobrir como passar pela babá. Primeiro, tentou pular por uma das janelas sem vidro, mas, aparentemente, algum tipo de barreira invisível permitia o fluxo de ar, mas não objetos sólidos passar.

Plano B provou ser uma ideia melhor, porque, como se viu, o seu novo guarda, Vane, era um dos Unfallen que viveu aqui, e ele foi extremamente vulnerável à sedução.

Tudo o que precisou foi um pouco de conversa sedutora enquanto mordiscava a partir da tigela de frutas que uma ruiva alegre chamada Cat levava. O bastardo com tesão estava praticamente babando pelo tempo que ela lambeu o suco do segundo morango de seu lábio superior.

Agora, ela o provocou na cama, fingiu desatar sua calça. No momento em que seu olhar ansioso focou suas mãos, ela chutou para cima e capotou no ar, pegando-o sob a mandíbula com sua bota com força suficiente para derrubá-lo como o inferno.

Ele bateu no chão com um baque satisfatório. Ela se sentiu um pouco mal. Ele ia ter um monstro de uma dor de cabeça quando ele acordasse.

Depois disso, foi uma fácil caminhada até a propriedade, que, como tudo o mais, era muito menos... bem, infernal... do que tinha inicialmente esperado. Certamente havia mais aqui do que edifícios cristalinos brancos, grama viçosa e palmeiras, e um caminho de paralelepípedos bem guardado que levava a uma lagoa cintilante. A paisagem ia em todas as direções, e ela se perguntou sobre os limites. Havia algum? Ou este reino era tão infinito quanto os traços característicos do seu céu azul-cinzentos?

Uma pomba voou, assustando-a e mais uma vez explodindo suas expectativas. Não a teria surpreendido ver um corvo ou um abutre, ou até mesmo um tiranossauro, bem como um rato do inferno espinhoso. Mas uma pomba?

Ela vagou até a beira da lagoa e se apoiou contra um tronco de árvore. A tranquilidade era surreal aqui, em um lugar que todos associavam com dor, morte e horror. Mesmo as almas, que tinham zumbindo como abelhas sob sua pele, estabeleceram-se. Realmente, o Grim Reaper deveria ter vergonha de si mesmo. Ele não era tão assustador, não é? Talvez sua reputação fosse toda baseada em um grande ato, quando na realidade ele era um grande

covarde. Encontrou demônios como esse, que era todo conversa dura e muito pouca ação.

O Azagoth que você conheceu não era nenhum ser inferior, e você sabe disso.

Bem, ela poderia esperar. Sim, ela precisava que ele estivesse disposto a comprar as almas dentro dela, mas ela também gostaria de sair desta situação viva e com um acordo monetário que iria garantir o seu futuro, por isso, se ela tinha a fantasia que ele fosse um grande covarde, então isso é o que ela faria.

Diabos, todo este reino, provavelmente estava cheio de grandes maricas. Os sons distantes de Memitim e Unfallen na sua formação, na sua maioria gritos, batidas e gritos de dor, não fez muito para desfazer seu pensamento positivo. E nem o som de raiva, passos batendo subindo a trilha atrás dela. Ela estava presa.

E ela sabia sem olhar que era Zhubaal.

Nas profundezas de seu peito, o zumbido do Super Mal se transformou em um ronronar de prazer, desejo e maldade.

Mas, para ser justa, quando ela se virou e viu Zhubaal ali de pé, os braços musculosos cruzados sobre o peito largo, ela experimentou os mesmos sentimentos malditos, e ela definitivamente não poderia colocar a culpa da luxúria em qualquer uma das almas dentro dela.

Exceto ela própria.

* * * *

Zhubaal olhou para onde Vex estava ao lado da lagoa que,

não muito tempo atrás, esteve preenchida com demônios aquáticos e sangue borbulhando, e os animais, todos um reflexo do mal que tinha consumido Azagoth. Agora, graças a sua felicidade com Lilliana, a lagoa era tão clara como as águas cristalinas do Corfu no Mar Jônico, a sua superfície vítrea capturou o reflexo bem torneado da bunda perfeita de Vex. Ela pode não ser o que ele sempre considerou seu “tipo”, mas ele se encontrou admirando-a mais do que deveria, especialmente desde que Laura estava basicamente ali com eles.

Aproveitando a sua frustração e culpa para usar contra Vex, ele gritou: — Que diabos você estava pensando?

Seu encolher de ombros desdenhoso não ajudou seu humor. — Eu queria olhar ao redor. Estava cansada de ficar enfiada naquele pequeno quarto com nada a fazer senão assistir History Channel, filmes de terror ou reprises de *Ilha de Gilligan*. — Ela olhou para ele como se fosse sua as escolhas de programação. — É tudo o que está na TV. História dos Festivais Gore que não me importo, e uma comédia velha estúpida. O que há nisso? E como você tem TV por aqui, afinal?

A alma de sua amada estava em jogo aqui e ela estava preocupada com TV? — Quem diabos se importa? Eu poderia tê-la perdido. — O próprio pensamento fez seu peito apertar. — Não deixe o seu quarto novamente, ou eu juro, eu vou acorrentar você nele.

— Ooh, promete?

— Sim. — E ele gostaria de fazer isso. Podia se imaginar segurando-a contra a parede enquanto ele travava as algemas em

seus pulsos finos, e sua virilha apertou. Então... sim, ele iria gostar. Demais.

Bufando, Vex chutou uma vara que estava semi-enterrada nos seixos ao redor da lagoa. — Estou surpresa que você não tem um calabouço.

— Nós temos. Vários, incluindo os que Hades administra no Inner Sanctum.

— Legal — ela disse. — Calabouços são... espera. Hades? Ele é real?

Z assentiu, porque Hades era real, tudo bem. Um verdadeiro pau.

— Huh. — Ela colocou as mãos nos quadris e olhou ao redor da paisagem. — Estou aprendendo todos os tipos de coisas novas hoje. — Inclinando a cabeça, ela estudou. — Você disse que você poderia tê-la perdido. Perdido quem?

Droga. Esta pintainha pode mudar um assunto mais rápido do que um anjo poderia bater suas asas. — Ninguém — ele moeu fora. — E você poderia ter pedido a Vane para lhe mostrar em vez de acertá-lo. Você não é uma prisioneira. — Bem, tecnicamente ela era, já que ele não permitiria que ela saísse até que ela liberasse o espírito de Laura. Pequenos detalhes.

— Oh. Bem, como eu ia saber? — ela se abaixou para pegar uma margarida que crescia à beira da água, o que lhe permitiu uma visão estelar de seu traseiro embrulhado no couro até que ele forçou-se a evitar olhar. — Você me disse para ficar parada.

— E veja o quão bem isso funcionou — ele murmurou.

Ela se endireitou, seu nariz enterrado na flor. — Azagoth está de volta?

— Não.

Ela franziu a testa, o nariz ainda na margarida, e ele não podia deixar de admirar a justaposição dessa mulher guerreira fortemente armada tendo prazer em uma flor delicada. — Quando?

— Ele voltará quando ele estiver de volta. — Azagoth raramente dava prazos para algo, o que era especialmente estranho, porque ele era normalmente uma pessoa irritantemente estruturado.

— Isso é muito útil — ela disse tão intensamente que ele quase perdeu o sarcasmo. — Onde ele foi? Eu o ouvi dizer que ele ia... o que era aquele lugar que você acabou de mencionar? O Inner Sanctum? O que é isso?

Ele não viu qualquer sentido em mentir ou negar a sua informação e, além disso, ele não tinha nada melhor para fazer. Razr estava monitorando o portal, Lilliana estava administrando o Unfallen e Z certificou de que as cozinhas, a lavanderia e os jardineiros estavam todos em ordem. O resto do dia era dele.

— O Inner Sanctum é o lugar onde as almas vão após Azagoth acabar com elas — ele disse. — Alguns chamam de Purgatório, outros chamam de prisão, mas é realmente apenas um tanque grande.

— Eu queria saber onde todas as almas iam. — A curiosidade brilhava nos olhos notáveis de Vex. O interesse de Laura era facilmente despertado, bem, e ele se perguntou se ela

estava ouvindo. — Então, o que há dentro do Inner Sanctum? É... o inferno? Tipo como os seres humanos pregam? Ou é assim? — ela fez um gesto amplo com a mão. — Porque isso não é muito assustador.

— Você não viu Sheoul-gra antes de Azagoth encontrar uma companheira. — Observou os dedos finos dobrar a margarida atrás da orelha, e ele ficou mais uma vez impressionado com o contraste gritante da margarida frágil contra seu exterior resistente. E o fascinava e o deixou em conflito porque ele não conseguia descobrir se ele estava atraído por ela... ou se ele foi atraído para ela, porque Laura estava em algum lugar. — Mas o Inner Sanctum ainda é maioritariamente o material de pesadelos.

— Na maioria das vezes?

Ele pegou uma pedra lisa redonda do chão e a jogou saltando toda a lagoa, aproveitando a pequena emoção que trouxe. Ele não jogou pedras desde a sua juventude, quando os sargentos Ipsylum levaram os formandos aos lagos no reino humano para que eles pudessem aprender técnicas de combate aquáticos onde a água era mais densa e mais fria do que no céu. Ele e seus amigos — e Laura — faziam competições de saltar pedra durante os intervalos.

Ela sempre ganhou.

— Há diferentes níveis, ou anéis, onde os demônios vão, dependendo de sua natureza má — ele disse enquanto as pequenas ondulações na água se desfazia. — Eles correspondem com os níveis *Ufelskala* que você mencionou. O Nível 1 não é muito diferente do que a vida aqui, realmente. — De acordo com

Azagoth, Laura foi designada para o primeiro nível, depois que ela foi abatida, mas ela renasceu antes de Z ter a chance de encontrá-la ali. — Os outros níveis quanto mais violento mais miserável.

— Ah. — Ela balançou a cabeça como se tivesse chegado a uma grande conclusão. — Então é por isso.

— É por isso o que?

Ela sorriu, e ele amaldiçoou a facilidade com que ela mexia com seu sangue. Ele estava errado em ser despertado por Vex quando Laura estava tão perto. E quando ele não podia fazer nada sobre isso de qualquer maneira. Sua virgindade pertencia a Laura e sempre pertenceu.

— Por que você não é um idiota mau total — ela disse. — Quero dizer, você pode ser um idiota, eu meio que penso que é, mas você não é mauuu. Não super mau, a forma como os anjos caídos são normalmente. Você sabe o que está dentro do Inner Sanctum, então você está tentando ficar... Eu não sei, decente, eu acho. Dessa forma, quando você encontrar qualquer fim horrível que você está destinado a sofrer, será designado para um nível mais baixo.

Seja qual for o terrível fim, que ele estava destinado a sofrer? Ele apostava que o fim horrível dela vinha antes do dele. Mas, caso contrário, o que ela disse era verdade. Ele lutou para evitar que o mal escurecesse sua alma, algo que era muito mais fácil agora que Azagoth e seu reino não estava rico em ódio e maldade.

Zhubaal sofreu como tudo em Sheoul-gra, enquanto a

alma do Grim Reaper ficava mais e mais sinistra e corrupta. Mas agora que grande parte da escuridão foi retirada, e sabendo como era a vida no Inner Sanctum, jurou que nunca mais se deixaria afundar muito profundamente nas tentações do mal. O primeiro nível do Inner Sanctum era absolutamente seu objetivo.

Eles tinham cerveja.

— Então... você tem namorada?

Mais uma vez, a mudança de tema lhe deu uma chicotada, mas conseguiu sacudir a cabeça.

Ela pegou uma pedra e jogou como ele tinha, exceto que a pedra dela foi mais longe. — Então, quem é a ‘sua’ que você mencionou quando estava gritando comigo?

— Eu não estava gritando. — Ele olhou em torno de uma outra rocha. Ele não podia deixá-la ganhar. — E é complicado.

— Hmm. Complicado você diz. — Ela bateu o dedo no queixo, e ele podia praticamente ouvir as rodas girando em sua cabeça enquanto tentava descobrir o que significava ‘complicado’. Ele lhe desejou sorte com isso. Ele não podia desembaraça-lo ele mesmo.

— Então essa pessoa... você está apaixonado por ela? Ela está emocionalmente indisponível? Ou envolvida com outra pessoa? — Vex respirou forte. — Ooh, é isso, não é? Estar envolvido com outra pessoa seria muito complicado. Então, quem é ela? A companheira de Azagoth? — Ela bateu palmas, encantada pela especulação fofoqueira. — Isto é!

— Não é Lilliana, e nem sequer pense nisso. — Ele encontrou uma pedra de forma e tamanho adequado e cavou-a do

solo com os dedos. — Azagoth é perigosamente territorial. Uma vez um cara olhou de soslaio para ela por muito tempo, e, em seguida, fez esse barulho chupando para ela... — Ele balançou a cabeça, ainda espantado com a estupidez do macho e reação rápida e brutal de Azagoth.

Vex saltou na ponta dos pés como uma criança ouvindo uma história de dormir emocionante. — Ele matou o cara?

— Não — Z disse, — mas ele não vai olhar para Lilliana novamente. Ele não vai olhar para *ninguém*.

— Azagoth parece realmente encantador — ela suspirou, e ela não era uma coisinha sanguinária. Tão o oposto de Laura, mas ele teve que admitir que achou isso atraente em uma fêmea. Crueldade, não, mas não havia nada de errado com um pouco de olho-por-olho. Ou um olho para um olhar de soslaio. — Quero dizer, assustador também. Mas encantador.

A pontada no estômago não era ciúme que ela estava babando sobre Azagoth. Não. Foda-se. — Você e eu temos uma ideia muito diferente do que constitui um sonho.

— Sim? — ela cruzou os braços sob os seios, empurrando-os ainda mais, e condenando-o a mover os olhos para suas curvas ousadas. — Qual é a sua ideia?

Hmm... ele deveria ir pela honestidade brutal ou optar por tato? — O oposto de você. — Honestidade brutal.

Ela sorriu, todos os lábios rubis, dentes brancos e perfeitos. — Tão... hediondo? E esquelético. E falta de inteligência. — Ela passou a mão pelo cabelo preto curto com ponta violeta. — E loiro.

Bem, ela teve uma daquela direita. Laura foi tão loira como ele era, mas seu cabelo sedoso fluía como ouro derretido todo o caminho até a cintura. Ele muitas vezes imaginou enfiar os dedos por ele enquanto faziam amor. E quando ele estava se sentindo realmente excitado, como se costumava dizer, ele fantasiou envolvendo a trança em volta de seu punho e levá-la mais ou menos, impulsionando-a clímax após clímax até que caísse exausta em seu colchão de casamento. Não que ele jamais teria dito isso a ela. Laura teria ficado chocada. Talvez até mesmo o repeliria.

Vex beliscou seu nariz. — Dillyoon.

Ele congelou, tão surpreso pelo fato de que ela apenas *beliscou a porra do nariz* como ele fazia, pelo que ela disse. Sua mente voltou para Laura e como ela brincava com ele de forma idêntica tanto tempo atrás. — Como você conhece essa a palavra?

— Não sei. — Ela encolheu os ombros. — Apenas uma daquelas coisas que você ouve, eu acho. Por quê? O que é um dillyoon?

Azagoth, onde está você? Zhubaal precisava da alma de Laura fora de Vex. Agora. Laura tinha que estar influenciando o comportamento de Vex, e ele não sabia quanto muito mais disso ele poderia levar.

— É um tipo de fada borboleta que só existe em uma região pequena no céu, — ele disse, observando-a com cuidado para mais sinais de que Laura estava... o quê? Tentando se comunicar com ele? Isso era mesmo possível? — Suas asas são de renda branca, e seu corpo é esmeralda luminescente. Elas descem

provocando os anjos. — Laura achava adorável e irritante. Ele ficava com o lado irritante.

— Eu conheci um país das fadas uma vez. — Vex torceu o nariz. — Elas são medianas.

— Você conheceu a versão demoníaca — ele disse. — Não a Celestial.

Desta vez, seu sorriso foi sinistro, e seu corpo endureceu, caramba. Tinha que ser Laura. Tinha que ser. Não havia nenhuma maneira que seu gosto por mulheres tivesse mudado tão drasticamente. Seus sonhos sempre envolveram sua Laura adorável e virginal, não vestida de couro seminua, e roupas sedutoras.

— As versões demoníacas são como mata mosca. — Vex lhe deu uma piscadela brincalhona e, de repente, era como estar no céu com Laura, dando um passeio pela Floresta Iridescente entre as sessões de treinamento de combate.

Ele se aproximou, estudando-a de perto, se ele fosse forte o suficiente veria sua amada nos olhos de Vex. — É um dos espíritos que afeta você? Agora, eu quero dizer.

Ela fez uma pausa, levantando o rosto para ele, até que estavam apenas alguns centímetros de distância. — Eu não sei. Eu acho que... talvez. Eu me sinto mais confortável com você do que eu deveria. Não é estranho?

Ele observou seus lábios carnudos enquanto ela falava, mas ele mal ouviu o que ela disse. Seu foco estreitou em sua boca, até que apenas uma coisa estava em sua mente.

— Shh — ele murmurou. — Me beije.

— Desculpe-me?

Ele não lhe deu a chance de estar indignada. Ele abaixou a cabeça e capturou sua boca. O calor instantâneo chiou através dele, pegando-o desprevenido. Ele só tinha beijado uma mulher desde sua queda do céu, e enquanto o beijo foi excitante, não foi notável. Isso havia acontecido durante um momento de fraqueza, quando ele quase tinha desistido de encontrar Laura, e Cat tinha estado lá, precisando dele tanto quanto ele precisava de... alguma coisa. Mas sim, não notável.

Este foi *além* de notável. Era familiar, e quase podia acreditar que estava ligado a sua alma.

Seu corpo apertou quando o desejo aqueceu seu sangue e trouxe, uma dor erótica pulsante para sua virilha. Sem pensar, ele puxou a fêmea contra ele, amando a pressão de seus seios em seu peito. Um gemido delicado rompeu de sua garganta quando ela colocou a perna em torno de sua coxa e esfregou seu sexo contra o cume duro de seu pênis.

— Laura — ele sussurrou, e antes que o nome dela sequer desaparecesse do ar, ele se encolheu tanto com culpa sobre o beijo a Vex como com raiva que ele estava se deixando ficar demasiadamente distraído. Estava esquecendo décadas de formação disciplinar que proporcionou a resistência infinita, a paciência, e até mesmo o controle sobre suas funções corporais.

Afastando-se, Vex fez uma careta para ele, com os olhos faiscando fogo violeta. — Quem diabos é Laura? Uma ex, estou supondo? — Ela respirou ofegante, sua raiva substituída por curiosidade. — Ooh, Laura também é conhecida como Senhora

Complicada?

Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Você poderia dizer isso. — Inalou profundamente, ele desejou que seu pulso desacelerasse e sua respiração parasse de soar como se tivesse corrido uma maratona.

— Eu te faço lembrar dela?

Por alguma razão, isso o divertia. — Você não é nada parecida com ela. Mas eu sinto ela em você. E eu não a sinto em um longo tempo.

Ela fez uma careta e se afastou. — Ai credo. Então você está sendo pervertido comigo, porque minha pele é tão luxuosamente suave como a dela, ou algo assim? Onde ela está? Por que você não a tem visto em um longo tempo?

— Ela estava perdida para mim quase uma centena de anos atrás — ele disse. — Ela renasceu, mas agora... eu acho que ela está morta novamente.

— Então ela morreu duas vezes? Fala sobre sorte de merda. — Ela estreitou os olhos para ele. — Você quis matá-la em um desses momentos?

— Não, e sua pele não é o que eu sinto. — Bem, ele sentiu a pele de Vex, e condenado se não era luxuosamente suave como ela havia dito. — É o que está dentro de você, Vex. Algumas das coisas que você está dizendo, a maneira que você acabou de me beijar. — Ele fechou os olhos, tentando segurar os sentimentos que o beijo tinha despertado, mas tudo o que fez foi fazer seu pulso acelerar novamente. — Eu acho que uma das almas que você está carregando é Laura.

— Oh. — Do nada, ela segurou seu pênis através de suas calças, e ele de alguma forma conseguiu não gemer em êxtase. — E aqui eu pensei que eu fosse a única que lhe deu esta ereção impressionante.

— Foi você — ele disse, e por alguma razão, isso o irritava. Seu cérebro pode ter tido curto circuito por causa de Laura, mas o resto do seu corpo era tudo sobre Vex. Ele deu um passo atrás, e o irritou que ele fez isso com relutância.

— Essa pessoa, Laura, era uma súcubos?

Ele quase riu. — Dificilmente. — Pelo menos, não na sua primeira vida. Ele não tinha ideia de que espécie ela veio durante a segunda. — Por quê?

A voz de Vex foi baixa e rouca, o que o deixou ainda mais duro. — Porque você me deixa molhada.

— *O quê?* — ele resmungou.

Vex de braços cruzados arrastou seus dedos através de seu decote, e sua boca estava de repente seca. — A partir do momento que eu cheguei aqui, eu queria pular em seus ossos. Talvez essa seja a sua menina falando.

Ele engoliu em seco. Duro. — Ela não iria. Não através de você. Não gosto disso.

— Você tem certeza disso? Porque agora, tudo que eu quero é cair de joelhos e levá-lo em minha boca. — Antes que ele pudesse procurar seu cérebro por uma resposta, ela foi até os joelhos na frente dele, agarrou seus quadris e apertou os lábios na protuberância em sua calça jeans. A sensação de sua respiração quente através do tecido e o aperto forte de seus dedos cavando

em suas nádegas congelou-o no lugar, seu corpo completamente desligou de seu cérebro.

Isso está errado.

Ela beijou mais baixo em seu eixo e, em seguida, começou a morder seu caminho para cima, seguindo a ligeira curva de seu pênis por trás da braguilha de suas calças. Sua cabeça balançava enquanto ela ia, dando-lhe a visão mais erótica que ele já viu, e eles não estavam fazendo nada. Na verdade não.

Se algum homem estivesse beijando Laura entre as pernas através de suas calças, eles também não estavam fazendo nada?

Oh infernos não. Raiva crua, possessiva, expandiu-se em seu peito, e ele deu um passo para trás com um silvo. Laura nunca iria permitir que isso acontecesse.

A Laura que você conheceu não iria, mas em sua segunda vida, ela poderia ter sido uma prostituta no harém de Satanás.

Ou um súcubus.

— Não! — ele se afastou, a luxúria tão espessa em sua voz, ele quase engasgou com ela. — Eu te disse. Ela não faria isso através de você. Ela não é como você.

— Não brinca. — Vex se levantou, a raiva colocando manchas vermelhas em suas bochechas. — Eu estou viva e ela não está.

As palavras dela o atingiram como um golpe, porque tanto quanto ele odiava admitir isso, ela estava certa. Sim, ele tinha noventa e nove por cento de certeza que ele encontrou Laura, mas não era como se eles pudessem estar juntos. Ela seria enviada para o Inner Sanctum, e mesmo se Azagoth permitisse Zhubaal se

transferir para servir Hades para que ele pudesse estar com ela, ela poderia ser reencarnada em qualquer momento, e ele estaria nessa mesma posição novamente. Sim, ele estava emocionado por ter encontrado Laura, mas esta situação era menos do que o ideal.

— Eu... — Ele parou quando um zumbido afiado vibrou em sua cabeça.

Vex inclinou a cabeça para ele, a curiosidade substituindo a raiva mais uma vez. — Zhubaal? O que foi?

— É Azagoth. Ele está de volta. — E apenas em cima da hora.

Capítulo 05

Vex não tinha certeza do que esperava encontrar no interior do escritório de Azagoth, mas um lugar relativamente normal de negócios não era. A sala estava escura, decorada em mognos negros e cinzentos, com uma enorme lareira contra a parede, as chamas dentro disparavam muito mais de dois metros no ar. Sua monstruosa mesa com pés ocupava, pelo menos, um quinto da sala, e tão grande como a recepção, o macho sentado atrás dela a fez parecer pequena.

As almas dentro dela gritaram, lançando-se contra as barreiras de sua mente com tanta força que sentiu como se alguém estivesse batendo um taco de beisebol em seu crânio. Ela furtivamente enxugou uma gota de sangue que escorria de seu

nariz e xingou as marcas em seu braço que queimavam como marcas frescas na presença de Azagoth.

Mas, em seguida, a rejeição e os insultos de Zhubaal queimaram também.

Ela não é como você. Ela não cairia de joelhos para dar a um perfeito estranho um boquete.

Ok, ele não disse a segunda parte em voz alta, mas o subtexto foi tão evidente como o terceiro olho de um triclops. E caramba, ela mal podia acreditar que foi a ele assim. Oh, ela era descaradamente despachada quando se tratava do sexo oposto, mas ela nunca foi atirada. As almas estúpidas dentro dela estavam jogando alguns jogos sérios com o seu desejo sexual e força de vontade. E graças a essa Laura, Vex sentia como se conhecesse Zhubaal, o que só incrementou sua excitação e fez a sua atração sexual ainda mais forte.

— Meu Senhor — disse Zhubaal, e Deus, mesmo sua voz a ligava. Parecia que quanto mais tempo ela passava com ele, mais tempo ela queria passar com ele. — Vex é um *daemani* com cinco pessoas a bordo. — Ele olhou para o braço de Vex. — Eu acredito que uma delas é Laura.

Vex observava de onde ela permaneceu perto da entrada quando o olhar de Azagoth cortou drasticamente para os dela, seus olhos esmeralda brilhando à luz do fogo. Sua expressão era pedregosa, ameaçadora, e se perguntou se alguma vez ele sorriu. Então ela decidiu que não queria saber o que o divertia, porque se ele era um típico maníaco mau com poderes divinos, ele gostava de dor, sofrimento e morte.

Seu olhar se intensificou, e de repente ela se sentiu exposta. Vulnerável. As almas dentro dela gritaram mais alto.

Deu-lhe um gesto “venha aqui” com o dedo. — Olá, Vex.

Desesperadamente tentando ignorar o bater em sua cabeça, ela andou a passos largos todo o caminho, determinada a não mostrar um pinga de medo. Zhubaal permaneceu onde estava, e apesar do fato de que ela estava irritada com ele, sentiu-se melhor que ele ficou.

Ela também se sentiu melhor quando ela o pegou admirando sua bunda enquanto ela andava. Laura poderia sugá-lo.

Limpando a garganta, ela parou na frente da mesa de Azagoth. — Sr. Reaper.

— Você pode me chamar Azagoth. — Inclinando-se para frente em seu assento, ele dobrou as mãos em sua mesa. — Quando você descobriu que você era um *daemani*?

Ela não tinha ideia de por que isso era importante, e ela fez uma regra de não responder perguntas pessoais colocadas por demônios massivamente poderosos, mas Azagoth não parece ser do tipo que aprecia ser ignorado. Então, ele ia obter uma resposta muito pessoal.

— O dia que eu comecei a menstruar — ela disse, divertindo-se com a forma como sua sobrancelha se arqueou. Apenas um milímetro, mas ainda assim. O gemido exasperado de Zhubaal foi ainda mais engraçado. — Quando eu tinha treze anos.

Seus pais a levaram a um festival no submundo naquele dia, mesmo que ela praticamente estava dobrando com câibras. *Endureça querida*, sua mãe tinha dito. *Se você não consegue lidar*

com esse tipo de dor, o que você vai fazer quando alguns matador Aegis cortá-la com uma lâmina?

Aegi não a tinha esfaqueado, mas no festival, um demônio Nightlash foi eviscerado bem na frente dela. Ela assistiu horrorizada sua alma se levantar de seu corpo morto e ser sugada para dentro dela. Ninguém mais tinha visto, mas quando ela contou aos pais o que tinha acontecido, eles a levaram imediatamente para um amigo deles, um anjo caído que também era um *daemani*. Com a orientação de Malice, Vex construiu um negócio com sua habilidade, e fez bem até agora. Agora ela precisava da ajuda de Azagoth para voltar em seus pés.

— Você pode repeli-los? — perguntou. — Ou expulsá-los sem um condutor ou outro *daemani*?

— Não para tudo isso. — Ela não gostava de admitir suas fraquezas, mas suspeitava que Azagoth saberia se ela mentisse, e ele era a última pessoa que queria que a pegasse em uma lorota.

— E por que, exatamente, você está aqui?

Ela respirou fundo, preparando. Era isso, no momento em que poderia salvar seu sustento... e sua vida. — Eu estou aqui para fazer uma oferta.

— Que tipo de oferta?

— Coloque-me em sua folha de pagamento — disse ela com firmeza, — e eu vou te trazer almas. — Cara, se ela poderia conseguir isso, ela seria a *emim* mais infame. Seus pais ficaria muito orgulhoso.

O sorriso lento do Azagoth era tão frio que ela quase estremeceu, e não passou seus sonhos de infância. — Eu já tenho

peessoas que me trazem almas, e eu não tenho que pagá-los.

— Seus *griminions* só são chamados quando um demônio morre — ressaltou. — Eu posso lhe trazer almas desonestas que vagueiam soltas ou que escapam de seus cercos.

— E por que eu deveria me importar com elas?

— Você não está no negócio de almas? — ela deu um passo mais perto, pressionando a casa do ponto de tomar uma posição de força. *Obrigada, papai, pelas as aulas de negociação.* Ela poderia ter detestado a palestras de seu pai ainda mais do que o treinamento de combate de sua mãe, mas como um advogado em um escritório de advocacia de gerência demônio, ele sabia do que estava falando. Então, tinha sua mãe. — Foi-lhe dado *um reino inteiro*, a fim de abrigar os espíritos daqueles sem corpos físicos. É o seu *trabalho*.

Seu sorriso disse não reconhecer sua posição de força. E ele pode até se divertir com isso. O que é um pau. — E quanto tempo você demorou para recolher essas cinco almas?

— Dois meses — ela disse. — Mas isso é só porque eu não estava ativamente procurando por elas. Eu acho que, em média, posso recolher uma alma desonesta a cada dezesseis horas.

O sorriso aumentou. — Um único *griminion* pode me trazer uma centena em um dia.

— Bem, bom para eles, — ela disse, sua confiança sinalizou quando alcançou o único ás que ela tinha. — Mas eles podem ver rasgos no tecido entre as dimensões? Podem capturar as almas que espremem através desses rasgos? — Ela estendeu o braço, os glifos brilhando em sua pele. — Porque é assim que eu

recolhi a maioria destes.

Azagoth levantou-se suavemente. — Você pode ver as fissuras nas paredes do Inner Sanctum de Sheoul-gra?

— Ah... eu... acho? — Ela tomou uma facada no escuro com a coisa das dimensões. Ela não sabia de onde as almas vinham. — Não só posso vê-los, mas posso sentir onde um rasgo vai abrir. — Normalmente, eles abriam a quilômetros de onde ela estava, e agora que o mercado de almas secou, ela obteve o hábito de ir na direção oposta para evitar pegar um sequestrador. Mas, às vezes, como ontem, eles estalavam abertos na frente dela.

Zhubaal a olhou especulativamente. — Eu suponho que você normalmente vende as almas. — Ele apertou a mandíbula, e ela só poderia supor que ele tinha acabado de perceber que sua preciosa Laura poderia ter sido vendida a um traficante de escravos ou um devorador de alma. — Então por que você está aqui em vez de lá fora negociando na toca algum necromante sujo?

— Eu estava no covil de um necromante sujo. Ele me disse para vir à Azagoth. — Zhubaal tem esse olhar duvidoso em seu rosto novamente, e ela bufou. — O mercado desapareceu da noite para o dia. Compradores e vendedores estão morrendo ou desaparecendo. Os poucos compradores que estão ainda a vista se recusam a me ver ou qualquer outra pessoa vendendo almas.

Outros *daemani* estavam falando sobre a formação de uma união e exigir respostas. De quem, Vex não tinha ideia. E dado que alguém estava matando *daemani*, reunir um grupo não parece ser o melhor plano.

Azagoth passou a mão através das chamas na lareira, mas não se queimou. Na verdade, as chamas se separaram, como se apavoradas como quão quente era sua pele. — Então o que você está dizendo é que você está tão desesperada para se livrar dessas almas que você está disposta a arriscar sua própria alma vindo a mim. É sobre isso, certo?

Algo sobre a forma fria, calma que ele falou fez seus alarmes internos ativar, e ela teve a súbita sensação de que estava indo para uma armadilha. Seu pai teria dito a ela para ficar calma. Sua mãe teria dito para se preparar para uma luta.

Sua mãe não possuía um pinga de instinto de auto-preservação.

— Sim — ela disse, indo com linha de pensamento de seu pai, — mas sem a parte desesperada. Eu não estou desesperada. — Ela estava tão desesperada. — E eu prefiro não arriscar a minha alma. Zhubaal me contou sobre o Inner Sanctum. Não, obrigado. — Ela saltou na ponta dos pés e cruzou os dedos atrás das costas num gesto humano supersticiosa ridículo. — Portanto, temos um acordo?

Azagoth sorriu, e um calafrio subiu em sua espinha. — O negócio é o seguinte. Você vai caçar almas, mas eu não vou lhe pagar.

Antes que ela percebesse, ela tinha uma lâmina na palma da mão e estava indo na direção dele. *Oh, oi, mãe.* — Que diabos? Que tipo de besteira é essa?

A mão de Zhubaal apertou para baixo em seu ombro, e ele a puxou para trás, desarmando-a tão rapidamente que ela olhou

para a mão vazia em descrença.

Azagoth não perdeu uma batida, e foi um pouco insultante que ele não achasse que ela era uma ameaça suficiente para sequer desperdiçar um tom irritado de voz. — Você precisa de alguém para despejar as almas, e há muito poucas pessoas restantes que estão dispostos a arriscar a ira do Rei do Inferno. — Sua expressão deve ter sido uma surpresa, porque ele bufou. — O que, você acha que eu não tenho o meu dedo no pulso do submundo? Você acha que eu não sei que *daemani* estão sendo caçados por ordem do próprio rei? — Ele riu, mas ela certamente não achou isso engraçado, no mínimo. — Garota tola. Eu não preciso de você tanto quanto você precisa de mim.

Filho. De. Uma. Cadela.

— Eu tenho que comer, você sabe. — Ela pegou a adaga de Zhubaal e se empurrou para fora do seu aperto. Que era nada como a maneira como ele a agarrou antes, as mãos pressionado firmemente contra seu quadril e costas dela. — Vender almas é como eu ganho a vida.

Bem, costumava ser, quando a compra e venda foi um mercado próspero. Ela fez um monte de dinheiro, mas ela perdeu tudo quando o submundo e os mercados de ações humanos caíram durante o recente apocalipse. Tudo se foi agora. Até mesmo seu Audi e seu apartamento de dois milhões de dólares na ensolarada Flórida iam ser reintegrados em breve.

Talvez ela devesse ter ido para a faculdade como seus pais queriam, em vez de prosseguir uma carreira no negócio de almas. Mas vamos lá, isso era dinheiro fácil, e ela ganhou muito mais do

que ela jamais fez com qualquer carreira universitária. Eles compreenderam, mas não gostaram.

Azagoth cruzou as mãos atrás das costas e encarou de frente. — Se você quer ser paga, então eu espero resultados diários. Eu não quero cinco almas a cada três meses, e não vou pagar por alma. Você pode se mudar em uma das residências da cidade, se você precisa de um lugar para ficar. Você me traz pelo menos um fugitivo por dia, e seu salário não será mais do que o de Zhubaal.

Ela olhou para Zhubaal, que encolheu os ombros se desculpando. — Olhe para o lado bom — ele disse. — Você estará muito ocupada para precisar de dinheiro, de qualquer maneira.

Merda. Ela estava presa, e não havia maneira de sair disso. Azagoth pode ser um avaro, mão de vaca, mas ele ia mantê-la segura. Além disso, ela pode se gabar para todos que ela trabalha com o Grim Reaper.

— Tudo bem — ela murmurou. — É um acordo. Podemos obter estas almas fora de mim agora?

Azagoth virou-se para Zhubaal. — Nos deixe.

Zhubaal ficou tenso, seu olhar deslocando entre Vex e Azagoth. — Não, meu Senhor, eu acho que vou ficar.

A temperatura da sala caiu tão rápido que ela viu a respiração de Azagoth no ar quando ele falou em seguida. — Eu não lhe dei uma escolha.

Mostrando suas presas, Zhubaal se colocou entre ela e Azagoth. — Estive à procura de Laura por quase cem anos — ele

disse, sua voz caminhando uma fronteira tênue entre o respeito e desafio, — e agora que eu finalmente a encontrei, eu não vou deixar nada acontecer com ela.

Vex espiou pelo ombro de Zhubaal e imediatamente desejou que ela não tivesse. Azagoth estava chateado. Ela nunca tinha visto olhos de fogo antes, e nunca queria ver novamente. Caramba, Zhubaal tinha algumas pedras graves.

— Vex. — Se os olhos de Azagoth eram fogo, sua voz era a fumaça preta. — Espere fora do meu escritório.

Não. Ele vai matar Zhubaal!

Vex sacudiu a cabeça, tentando se livrar da influência de Laura. E esses pensamentos tinham de ser de Laura, porque Vex não dava a mínima para o cara. Claro, ele tinha um grande recurso, ele era quente como o inferno, provavelmente sabia o seu caminho em torno de um quarto, e ele tinha bolas gigantes... reais e figurativamente. Ela sabia porque ela tinha chegado em um bom afago anteriormente na lagoa, antes de ele se apavorar, porque ela não era sua estúpida Laura.

Ela não é como você.

Certo. Laura provavelmente ficaria e o defenderia, adorando Zhubaal.

Então Vex o deixou sozinho.

* * * *

Zhubaal provavelmente cometeu o seu último erro, mas agora ele não poderia se importar menos. Cada instinto dentro dele exigiu que protegesse Laura, e se ele tinha que desistir de sua

alma para fazê-lo, ele o faria. Ela parecia tão desesperada, assim como Azagoth tinha dito.

Essa era Vex. Não Laura.

Porra, ele odiava que as linhas mantidas borrasse com Vex, mas não seria desse jeito por muito mais tempo. Azagoth iria libertar Laura e separar as duas.

Zhubaal só pode não estar vivo para vê-la.

— Que diabos foi isso? — Azagoth arremessou em Zhubaal no momento em que Vex estava fora da sala. Seus olhos eram pura chama, quente o suficiente para queimar o rosto de Z.
— Você nunca desobedeceu a uma ordem.

O fato de que Z já não estava morto era um bom sinal. — Eu nunca tive razão.

— Você ainda não tem — ele rosnou. — Que porra você achou que eu ia fazer a Laura?

Raiva de longa décadas de respostas vagas de Azagoth e recusas a responder a perguntas ferviam e Z perdeu a merda. Suas asas brotaram, suas presas socaram para baixo, e ele desenhrou cada gama de poder que Azagoth permitiu em seu corpo.

— Eu não sei o que você vai fazer — Zhubaal rosnou. — Talvez enviar Laura ao Inner Sanctum antes que eu possa vê-la? Ou talvez reencarná-la assim eu tenho que passar por mais trinta anos de inferno procurando por ela?

As chamas nos olhos de Azagoth apagaram quando ele ergueu a mão, confusão genuína em sua expressão. — Por que você acha que eu faria isso?

— Diz-me você. Por que você manteve Laura longe de

mim todo esse tempo? Por que você não me disse nada sobre sua identidade? Eu poderia tê-la encontrado. Salvado antes que ela fosse morta e acabasse como um vergão no corpo de Vex.

Azagoth sacudiu a cabeça. — Eu não sabia nada sobre ela.

Z se abriu para ele, incrédulo. — Como você pode não saber? Você é o Grim Reaper. As almas são o seu trabalho — ele disse, ecoando Vex de apenas um momento atrás.

— Eu autorizo um número específico de almas de cada nível para ser reencarnada todos os dias, mas depois que os indivíduos são escolhidos, eles entram no Infernal Abyss para ser lançado em um feto a espera. Em quem — e o que — eles nascem está fora de minhas mãos ou domínio de conhecimento.

Filho da puta. — Você não poderia ter me dito isso antes?

— Será que esta informação teria ajudado a localizar Laura?

— Não, mas...

— Então deixa disso. — O tom de Azagoth foi enganosamente leve, o que significava que ele estava chegando ao fim de civilidade. Que, Z podia admitir, foi muito mais tempo do que ele esperava.

— Pelo menos me diga por que você queria que eu deixasse a sala enquanto você extrai as almas da Vex.

Azagoth bateu um bloco de vidro na parede atrás de sua mesa, e um painel deslizou para trás, revelando um bar bem abastecido, a mais recente atualização para o seu escritório. — Porque você não precisa ver o que eu vou fazer com ela. — Ele derramou vodca em dois copos e trouxe um para Z.

Perplexo, ele pegou o copo. — Eu não tenho escrúpulos.

E ele não tem. Ele fez coisas quando um anjo que fez seus companheiros vomitar durante horas, e ele fez pior como um anjo caído. Mas mesmo que as palavras caísse de sua boca, ele duvidava. Vex não deve importar para ele, mas não queria vê-la ferida. Ela trouxe Laura para ele, o que tinha, pelo menos, lhe rendido sua gratidão eterna.

— Eu sei. — Azagoth bebeu a vodca, e quando ele abaixou o copo, sombras obscureceu seus olhos. — Mas há algumas coisas que entes queridos nunca deveriam ver.

Levou um momento para deixar as palavras de Azagoth afundar, e quando o fizeram, Zhubaal estava feliz que ele tinha o álcool.

Putá merda. Azagoth estava protegendo-o. Zhubaal viu vestígios de Laura, sua cavidade torácica aberta e seu coração removido. Os pesadelos ainda o perseguiram, e Azagoth sabia, graças ao seu amor de promover enormes celebrações anuais para os residentes de Sheoul-gra que sobreviveu desde a última festa. No evento mais recente, Zhubaal tomou muito coquetel de assinatura do Azagoth, um Grim Reaper Sangrento^{1}, e ele solucionou tudo sobre seus pesadelos. No dia seguinte, Azagoth não disse uma palavra sobre isso.

Mas ele deu para Z outro Grim Reaper Sangrento, porque, aparentemente, Z parecia que precisava — um pequeno cabelo do cão de inferno.

— Eu ainda quero estar lá quando você libertar as almas — disse Zhubaal. — Se fosse Lillian, você não iria querer estar

lá?

— Foda-se, sim — disse Azagoth. — E ninguém poderia me dizer não. Mas seria um erro. — Ele colocou a mão no ombro de Z. — Confie em mim, Z. Você não quer ver, e eu não posso ter você interrompendo. Há uma alma poderosa dentro de Vex que poderiam colocar uma luta, e eu vou precisar de todo o meu foco para retirá-la.

Z tem isso. Durante a batalha, mesmo a distração mais pequena pode ser mortal. Azagoth não estaria em qualquer perigo, mas Vex poderia. E se Azagoth tiver que destruir a alma má dentro de Vex, as outras almas poderiam ser pegadas no fogo amigo. Não seria a primeira vez que Zhubaal tinha visto isso acontecer.

— Tudo bem — Z concordou com relutância. — Vou mandar Vex entrar. Mas eu estarei na porta.

Ele não esperou pela resposta de Azagoth. Largou o copo e entrou no corredor onde Vex estava esperando, descansando as costas contra um pilar, um pé encostado na pedra atrás dela.

— Tomou-lhe tempo suficiente. — Ela bateu para longe da parede. — Ele está pronto?

Ele apontou para a porta. — Vá em frente.

Ela começou a ir, mas parou depois de alguns passos. — Você não está entrando, está?

A maneira como ela disse, sua voz uma mistura de esperança e desapontamento, deu-lhe uma pontada no intestino. Ele gostava dela. Ela pode deixá-lo louco, mas havia algo sobre ela que o fez querer saber mais sobre ela. Ele desejava que pudesse culpar o seu desejo pela influência que Laura pode estar

exercendo sobre ela, mas não era verdade. Era o cabelo espetado de Vex que ele queria tocar. Os lábios de Vex que ele queria beijar. Era o corpo de Vex que ele queria abaixo dele.

— Não — ele resmungou.

— Ok. — De repente, ela se virou e o beijou. Ela tinha gosto de água da chuva e flores, lembrando-o da lagoa e quão bom foi senti-la contra ele. Assim como de repente, ela se recuperou com um sorriso insolente. — Me deseje sorte.

Com isso, ela desapareceu no escritório de Azagoth, enquanto Zhubaal ficou ali, sua emoção ao ver Laura temperada pela sua preocupação por Vex.

Capítulo 06

Vex não tinha ideia do porquê ela tinha acabado de beijar Zhubaal como se fossem um casal de verdade e estava à procura de um beijo de boa sorte antes de uma entrevista de emprego.

Me deseje sorte!

Ugh. Ela era um idiota. Uma idiota que estava prestes a reuni-lo com o amor de sua vida. E, aparentemente, vida após a morte.

Mentalmente amaldiçoando-se, ela atravessou o chão de onde Azagoth estava esperando ansiosamente ao lado da lareira. Ele a viu aproximar, e quanto mais perto ela chegava, mais o quarto fechava sobre ela. Parecia tão grande antes, mas agora parecia um banheiro no McDonald.

— Eu não sei como isso vai funcionar — ele disse. — Mas vamos tentar o caminho mais fácil primeiro.

Oh, sim, ela era tudo para o caminho mais fácil. Ela tinha

ido através deste bazillion^{2} de vezes, e todas tiveram um método diferente – a maioria era rápido e indolor. Mas então, as almas que ela estava vendendo sempre quiseram ser libertadas, provavelmente porque não sabiam que iam ser capturadas por outra pessoa. Este lote atual de almas sabia, e já estavam começando a agarrar na sua mente.

Azagoth aproximou-se dela, parando apenas centímetros de distância. Ela esperava que ele começasse a cantar como os bruxos, magos e feiticeiros que ela geralmente tratava. Ou que talvez ele misturasse uma poção ou cortasse a palma da mão dela e fizesse ela ficar dentro de um círculo de proteção, enquanto ela sangrava sobre os símbolos. Em vez disso, ele simplesmente colocou a mão em sua testa.

As almas ficaram fúlas. Dor disparou através dela, uma lancinante, curvando da agonia que sentiu, como se alguém estivesse puxando sua medula espinhal para fora do topo de sua cabeça.

— Pare — ela engasgou. — Eles não querem sair.

— Claro que não. — Ele deu um passo para trás e a dor se dissipou, deixando para trás uma dor de cabeça fraca e os joelhos vacilantes. Mas as almas, surpreenderam tanto quanto ela podia dizer, tinham acalmado ao silêncio quase total. — Dentro de você, elas se sentem seguras. Mas elas podem me sentir, e sabem o que eu sou. Sabem onde estão porque praticamente uma já esteve aqui antes. — Sombras pareciam se contorcer em seus olhos, e por uma fração de segundo, ela jurou que viu um rosto demoníaco olhando para ela de trás de seu bonitão. — Elas sabem que eu

julgo duramente, sabem que Hades está esperando por elas, e sabem que eu vou enviá-las para ele.

Normalmente, quando diziam aos demônios que eles iam ser enviados ao Hades, eles ficavam todos falastrão. Mas Azagoth julgava e fazia duramente. Realmente duro. Ela estava prestes a fazer xixi em suas calças de couro favoritas.

— Ok, eu entendo por que eles estão resistindo, mas você é o Grim Reaper. — Ela realmente tem que apontar isso? — Você lida com almas. Você não deveria, de todas as pessoas, ser capaz de sugar algumas almas fora de alguém?

— Sim. — Ele parecia perturbado, isso só poderia ser ruim. Muito, muito ruim. — Eu deveria ser capaz de extrair as mais fracas, sem sequer tentar.

— Então o que está acontecendo?

Seus olhos brilharam vermelhos, queimando como brasas com raiva, e ela se perguntou se os olhos lança-chamas viriam a seguir. Ela deu um passo para trás, apenas no caso. — A alma poderosa está segurando-as. *Elas* querem sair.

— O quê? — Ela olhou para as marcas em seu braço, como se o mais novo glifo pudesse fornecer respostas, mas não era diferente das outras. Não havia crescido chifres ou dentes ou formado símbolos demoníacos. — A coisa dentro de mim é tão ruim que elas preferem lidar com você?

— Eu não tenho certeza se isso é um elogio ou não — ele disse secamente. — Mas em qualquer caso, o mal dentro de você é antigo. Talvez tão velho como eu sou. Vai custar mais do que o meu comando para ela deixar o seu corpo.

Dela? — Eu sabia!

— Sabia o que?

— Que a alma super má era do sexo feminino. As fêmeas agarram mais do que os machos. — Os machos eram mais sobre porretadas.

— Entendo. — Azagoth claramente não se importava. Ele passou com seu olhar. — Agora, tire suas roupas.

— Se isso é algum tipo de estratagema besta para eu ter relações sexuais com você...

— Eu tenho uma companheira. — Seus olhos brilhavam laranja agora, como se tivessem sugando as cores do fogo e do sangue em suas veias congeladas. E, ao mesmo tempo, uma pontada de inveja a perfurou, porque a companheira de Azagoth tinha a sorte de ter um homem que era tão ferozmente fiel.

— Ok, então — ela disse brilhantemente, por causa do embaraço.

Levou apenas um minuto para tirar a roupa, e então ela ficou ali, tremendo, embora não estivesse frio, enquanto esperou pelo o que ele ia fazer. Ela nunca foi tímida ou autoconsciente sobre seu corpo, mas havia algo inquietante sobre estar nua na frente de alguém que provavelmente poderia ver todo o caminho para sua alma.

Quando ele se aproximou dela, ele desabotoou a camisa. — Isso vai doer. — Pela primeira vez, houve um toque de simpatia em sua voz. Que não poderia ser uma coisa boa. Mas nem poderia o fato de que ele acabou jogando sua camisa em cima da mesa e foi estendendo a mão para o cinto.

O que ele estava fazendo? — Quanto vai doer?

— Isso depende. — Ele parou próximo e tirou suas calças.

Ele era um cara no comando, e puta merda, ele era lindo.

Isso a fez querer ver Zhubaal assim, para ver os músculos abdominais que sentiu sob a camisa e a ereção que ela acariciou com os lábios. Mas este não era Zhubaal, então ela levou o seu olhar para o rosto dele e concentrou lá.

— Depende do que? — ela resmungou em voz humilhantemente áspera.

— Sobre se você acha agonia ruim.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu acho.

Ele riu.

E então ele socou sua mão através de sua caixa torácica. Queimando, rasgando, agonia explodiu através de seu corpo inteiro. As almas gritaram e arrancou-a do interior. A dor tornou-se aterradora, o cheiro de sangue a fez apertar a boca, e ela jurou que a mão de Azagoth envolveu em torno de sua coluna vertebral.

Ela gritou quando ele arrancou uma massa sangrenta, contorcendo-se dela e jogou-a no chão. Através de sua névoa de dor, ela conseguiu dar um suspiro de surpresa. A coisa que se contorcia há alguns metros dela era um dos demônios que estava dentro dela, mas na forma sólida. Ela nunca os viu como qualquer coisa, apenas mechas fantasmagóricas. Na maioria das vezes ela não poderia mesmo saber as suas espécies. Mas a coisa gemendo no chão era um demônio Umber fêmea quase o dobro de seu tamanho.

Um de dois pés de uma criatura alta com uma túnica com capuz marrom deslizou pela sala do nada, agarrou o demônio sangrento, e o acorrentou à parede. Um *griminion*, ela pensou, e então ela estava imersa novamente em dor quando Azagoth socou o punho dentro de seu corpo.

Mais duas vezes ela passou pela agonia, mas na quarta tentativa, ela pensou que ia morrer. A sala girou e se transformou em redemoinhos de dentes vermelhos, pretos e cinzentos, e pontiagudos, cortantes. Ela pensou que os dentes pertenciam a Azagoth, mas ele não se parecia com um grande, dragão-demônio com chifres. Certo?

Delirante. Ela estava delirando, sacudida com febre e ossos quebrados.

— *Foda-se... espera... foooda-se!*

Era a voz de Azagoth? Ela mal podia ouvir, só podia sentir dor.

Em algum momento, percebeu que estava deitada de costas, e pensou que seus olhos estavam abertos, mas tudo estava escuro. Não, não era um rosto... bonito... sorrindo... Zhubaal?

Ele não parecia real, mais como uma memória. E quando a escuridão a tomou, tudo o que podia pensar era que se ela tivesse que morrer, morrer com Zhubaal pode não ser tão ruim.

* * * *

Zhubaal estava acostumado aos sons de agonia vindo de dentro do escritório de Azagoth. Tinha aprendido a sintonizá-lo. Mas isso era diferente. Ele sentiu os gritos crus de cortar o

coração de Vex, todo o caminho para sua medula. Azagoth lhe tinha dito para ficar de fora, mas cada célula de seu corpo exigia que fizesse algo além de apoiar em um corredor escuro, enquanto sua mulher estava sofrendo.

Exceto que Vex não era sua mulher. Laura era.

Ela gritou novamente, e depois do que pareceu horas, mas foi, provavelmente, dois minutos, ele bateu seu limite.

Com o coração acelerado em um ritmo de pânico, espástico, ele lançou para abrir a porta. No mesmo instante, a porta foi arrancada de sua mão e arrancada das dobradiças, apanhada num turbilhão centrífugo do mal em torno do escritório como um tornado, com Azagoth e Vex no centro. A pressão do ar aumentou cem vezes, tornando-se uma entidade esmagadora que sugou o ar dos pulmões de Z e tornou seus tímpanos em instrumentos latejante de dor.

— Azagoth — ele resmungou, tentando ver através da parede de vento malévolo. Longas mãos esqueléticas estenderam para ele e rostos demoníacos rosnaram para ele enquanto voavam pela porta, apenas para ser esticado em mais fluxos de fiação do mal. — Azagoth, pare!

Azagoth se transformou em um demônio o dobro do seu tamanho habitual com enormes chifres sobressaindo de sua cabeça como dragão, se deteve sobre o corpo inconsciente, nu de Vex. Seu punho revestido de sangue coagulado apertou a garganta de um demônio macho Bedim cuja pele escura tinha empalidecido de terror. A grande cabeça de Azagoth girou para Zhubaal. Ele mostrou os dentes e rosnou, mas o vento cessou.

Zhubaal o tinha visto assim antes, seu demônio interior lançado pela raiva ou contato com o mal puro. Normalmente era sábio deixá-lo sozinho e deixá-lo descer sozinho. Mesmo Lilliana, às vezes, saía do quarto se ele tinha jogado seu demônio para fora.

Zhubaal não estava se retirando.

Em um borrão de movimento, Azagoth lançou o demônio ao chão, onde dois *griminions* esperando o algemou e o arrastou até onde duas fêmeas, um Umber de pele cinza e um Daeva com grande olhos, estavam contra a parede.

Ele olhou, desesperado em busca de pistas, qualquer sentido que um desses demônios fosse Laura. Ela o reconheceria? Ela se lembraria que antes de ser um demônio, ela foi um anjo?

Um gemido puxou seu olhar de volta para Azagoth e Vex. Seu coração disparou em sua garganta agora que ele podia vê-la claramente, seu corpo encontrava-se flácido em uma poça de sangue. Seu esterno foi rasgado, costelas e carne mutiladas se derramando para fora de sua cavidade torácica.

Memórias de encontrar o corpo de Laura passou pela sua mente, e começou a suar frio. Seus assassinos a tinham deixado no chão do apartamento de merda que tinha alugado na Polónia, onde, como um Unfallen, ela tentou se encaixar com os seres humanos e evitar anjos caídos que iriam tentar arrastá-la para Sheoul.

Eles a mataram ao invés de arrastá-la para Sheoul. Ele os caçou ao longo de décadas, e quando ele os apanhou, ele foi totalmente olho-por-olho sobre os bastardos. Mas não podia esquecer de Laura deitada em uma poça de sangue seco, o peito

aberto como o de Vex.

Mesmo sabendo que a lesão de Vex foi mais de natureza psíquica do que física, e mesmo que ela já estivesse se curando, tudo o que podia ver era Laura ali.

Ele correu em direção a ela quando Azagoth retornou em sua forma normal, sem roupas e salpicado de sangue.

— Ela vai ficar bem. — Azagoth se afastou dela, deixando pegadas de sangue no chão de pedra. Ele teve o cuidado de evitar pisar em seu tapete favorito, Slogthu trabalhado, apesar de tudo. — Ela é mais forte do que eu esperava.

Z caiu de joelhos ao lado da Vex, mais agitado do que ele gostaria e não tinha certeza por que Azagoth teria esperado outra coisa senão a força dela. — E as almas?

Azagoth empurrou sua cabeça em direção aos demônios. — Eu só fui capaz de extrair três. — Sua voz baixou para um estrondo mortal. — A cadela dentro de Vex está sustentando a alma mais fraca e eu não posso fazer nada sobre isso. Ela está me provocando.

— Que diabos você está falando? — Zhubaal pegou a mão de Vex da maneira como ele fez com Laura. Estava fria. Não frio da morte de dois dias, mas ainda assim, muito fria. — Porque você não pode tirá-las?

— Eu posso — ele rosnou, raiva por seu fracasso colocou uma borda sobre suas palavras, — mas isso provavelmente vai matar Vex.

— Não. — Ele ficou de pé, voltando-se para Azagoth como se o homem fosse começar a extrair as duas almas restantes

da Vex agora. — Não — ele disse, mais calmo. Por que ele estava ficando tão louco sobre isso, afinal? — Nós vamos encontrar uma outra maneira. — Ele engoliu em seco e olhou entre os demônios acorrentados à parede e Vex. — Onde está Laura?

— Ela está dentro de Vex.

Bem, isso explica por que ele estava agindo como um idiota possessivo quando se tratava de Vex. Fechando os olhos, Zhubaal soltou uma maldição desagradável. — Ela ainda está lá com a porra do espírito do mal.

Um olhar perturbado já escurecido na expressão negra de Azagoth. — Leve Vex para o seu quarto até eu decidir o que fazer. E não a deixe sozinha. As outras almas tiveram um efeito restritivo sobre o espírito malévolo. Com pouco para contê-lo, ele poderia ter uma influência poderosa sobre ela. Poderia até possuí-la se ela não for suficientemente forte para resistir.

Amaldiçoando novamente, ele reuniu o corpo mole de Vex em seus braços e se dirigiu para a porta. No limiar ele fez uma pausa. — Que tipo de demônio é esta alma poderosa?

Azagoth, ainda nu, caminhou até o bar e serviu um uísque. — Quando ela vivia no reino demônio, ela era uma succubus.

Z olhou para Vex, seu belo rosto surpreendentemente pacífico no sono, e ele gemeu. Ela tinha mencionado que ela pensou que uma das almas era um demônio do sexo, e descobriu-se que ela estava certa. Mal o suficiente para estar presa com uma mulher atraente, mas que poderia ser possuído por um súcubo? Jogue Laura na mistura, e ele estava em um exercício impossível de auto-controle.

Capítulo 07

Vex gemeu quando a luz perfurou as fendas mal abertas de suas pálpebras. Onde ela estava? Ela piscou e, gradualmente, o borrão em sua visão clareou. Estava em seu quarto no Motel 666, deitada na cama sem nada cobrindo-a além de um cobertor. Zhubaal estava sentado na cadeira de madeira em frente a sua cama, com o rosto enterrado em um livro.

Ele espiou-a por cima do livro. — Ei.

— Ei. — Deus, parecia que ela tinha engolido um sapo. — O que aconteceu? — Tudo o que podia lembrar era dor como nunca sentiu antes. Era como se alguém tivesse rasgando os órgãos de seu corpo. Ela ainda podia ouvir os gritos, mas não sabia se eles pertenciam a ela ou aos espíritos quando eles foram arrancados de seu corpo.

— Azagoth removeu três das almas. Você desmaiou, então

eu a trouxe aqui e a limpei. Lilliana e eu nos revezamos ficando com você desde então. — Zhubaal virou e pegou um copo da mesa ao lado dele.

Ele o estendeu para ela, e ela se sentou, estremecendo com a dor surda em seu peito. Azagoth tinha o poder de uma locomotiva por trás de seus golpes, não tinha?

Cautelosamente, ela enrolou o cobertor em volta dela e pegou a bebida. O líquido amarelo gorduroso parecia caldo de galinha, mas cheirava a erva-doce. Algo lhe dizia que ia ser desagradável. Mas, então, poções demoníacas raramente eram feitas de tequila e margarita misturadas ou leite e cacau.

— Eu tenho medo de perguntar — ela disse enquanto olhava algumas bolhas misteriosas flutuantes, — mas o que é isso?

Ele hesitou, como se escolhendo as palavras com cuidado, o que provavelmente significava que havia alguma merda assustadora na bebida que ele não quis entrar em detalhes. — É uma poção exorcista usada para enfraquecer almas quando eles possuem alguém.

— Mas eu não estou possuída. — Ainda não, de qualquer maneira.

— Não, mas Azagoth pensa que vai ajudar a impedir que isso aconteça. Ou, pelo menos, torná-lo mais fácil para você lutar. — Ele esticou as longas pernas e as cruzou em seus tornozelos. Ele havia trocado de roupa desde a última vez que ela o viu, equipado com botas de combate, calças militares pretas e uma camiseta justa. Foi uma boa olhada para ele, como se ele estivesse

destinado a ser um guerreiro. — Eu consultei um médico shaman no Underworld Geral para me certificar de que seria seguro para *emim*.

O cuidado a surpreendeu. — Por quê? Se ele me matasse, não poderia resolver todos os seus problemas? As duas almas restantes seriam libertadas. — Na verdade, o seu espírito também. Não é legal. O Inner Sanctum não parecia de todo bom, e ela não tinha desejo de renascer como um demônio ou um troll ou alguma porcaria.

Alguma emoção que não podia nomear suavizou os feições agressivas no rosto dele, mas não sua voz, que detinha o tom poderoso de alguém falando um juramento. — Eu fiz isso porque você trouxe Laura de volta para mim. O que você sofreu no escritório de Azagoth te faz digna disso, pelo menos. — Ele apontou para o copo. — Beba-o. Se não o fizer, e a alma lhe possuir, a morte pode ser a próxima opção.

Sim... não. Ela olhou para o copo com líquido quente. — É certo que isso vai ajudar?

Ele encolheu os ombros. — Não é possível machucá-la.

— Tão tranquilizador — ela disse secamente. Preparando-se com uma respiração profunda, engoliu todo o conteúdo do copo, e santo, caramba, ela teve que forçar essa merda para ficar lá embaixo. Não podia decidir o que era pior, a textura viscosa, as bolhas emborrachadas, ou o sabor, uma mistura profana de fígado, gordura rançosa e canela com um montão de mel.

— Quanto tempo eu estive fora? — ela perguntou asperamente quando finalmente parou de engasgar e engolir a

bile.

— Vinte e uma horas.

— Uau. — Ela respirou fundo, apreciando a sensação de calma dentro dela. Ela ainda podia sentir as duas almas, mas com três outros foram, havia menos zumbido em seu corpo. — Eu me sinto muito melhor. Quer dizer, eu estou cansada, mas a cacofonia das almas se foi.

— Você pode sentir os dois que restaram?

Como se em resposta, uma mancha de óleo do mal se espalhou em toda a superfície de sua própria alma, e com ele veio uma onda de necessidade sexual tão poderosa que ela quase gemeu. Fechando os olhos, ela inalou lentamente, concentrando-se em forçar a alma de volta para seu canto. Aos poucos, ela se retirou, mas deixou para trás a dor latejante de excitação.

Ela abriu os olhos. — Não. Não sinto nada. — Exceto a necessidade de conduzir você para a cama. — O chá picadinho deve estar ajudando. — Ela se levantou, puxando o cobertor com ela. — E agora?

Ele se sentou para frente, apoiando os braços sobre os joelhos. — Agora vamos descobrir como obter essas almas fora de você.

— Por que Azagoth não poderia fazê-lo? — ela colocou o copo de lado e esperava que não tivesse que beber mais dessas coisas desagradáveis.

— Ele poderia, mas não sem te matar.

— Oh. Bem, eu aprovo a sua relutância em me matar. — Ela se inclinou para recolher um conjunto de roupas de reposição

de sua mochila, e o cobertor abriu na parte de trás, expondo-a para o ar frio e os olhos de Zhubaal. Ela podia sentir seu olhar em sua pele, quente e com fome. Mas não era para ela, não era? Ela apostaria sua lâmina favorita que Laura era uma das duas almas dentro dela. Voltando-se para ele, ela deixou cair o cobertor. Ela nunca foi modesta e, além disso, se ele a limpou depois que Azagoth realizou o exorcismo, ele já a viu nua. — E quanto a Laura?

Apressadamente, ele desviou o olhar, seu olhar caindo para o tapete tecido sob seus pés. Como alguém que passou todo o tempo em Sheoul poderia ser tão envergonhado com a nudez?

— Ela, ah... ela ainda está dentro de você.

Bingo. Ela colocou uma calcinha de seda preta e sua minissaia plissada preto e azul xadrez favorita, e Zhubaal ainda não olhou para cima. Havia algo muito doce e respeitoso sobre isso, algo que ela nunca, nunca esperou encontrar em um anjo caído. Normalmente, eles eram machos com forte desejo sexual que tinham aperfeiçoado maliciosamente.

Laura, você é um pé no saco.

Ela limpou a garganta de sua amargura. Era estúpido ficar com ciúmes quando Zhubaal era claramente dedicado a alguém. Mesmo que alguém era basicamente um fantasma.

— Então, vamos dizer que Azagoth a retire — ela meditou. — Vocês não podem estar juntos de qualquer maneira, porque ela é uma espécie de morta, certo?

— Não... exatamente. — Seu olhar piscou para ela e voltou para o chão quando viu que ela ainda não tinha colocado

sua camisa. — No Inner Sanctum e algumas partes de Sheoul-gra, as almas são sólidas.

Sim, ela tinha imaginado essa última parte quando Azagoth arrancou a primeira alma dela, ela passou de um fio transparente para um grande, demônio Umber feio.

— Quanto tempo você ficou procurando por ela? — ela encolheu os ombros em um top azul de seda, sem mangas que pendurava quase até a bainha da saia e esconderia as banhias com seus punhais uma vez que ela estava armada. Quando chegou ao lado de Zhubaal para pegar suas botas, seu braço roçou sua perna, e ela reprimiu um gemido necessitado no ato sexual que chiava através dela. Ela lhe lançou um olhar furtivo quando afundou no colchão, mas se ele sentiu alguma coisa, não pareceu.

— Eu estive procurando por ela desde que fui expulso do Céu há quase um século. — Ele ainda estava descansando como se ele pertencesse ao seu quarto, e caramba, por que ela tem que gostar? — Ela foi morta logo depois e renasceu trinta anos atrás, mas eu não sei em que espécie.

— Uau, para que ela pudesse ter nascido algo bruto, como um Cruentus. — Ela empurrou seu pé em uma bota. — O que você teria feito se você a encontrasse e ela fosse algo horrível?

Ele cruzou os braços grossos sobre o peito, e sua boca secou com a forma como seus músculos flexionaram sob sua pele bronzeada. — Ela não seria.

Santa Laura ataca novamente. — Oh, e você só sabe disso. — Não havia nenhuma maneira que ele pudesse perder o sarcasmo, e com certeza, ele sorriu.

— Sim.

Ela fechou o zíper de sua bota. — Eu sei que os anjos têm uma reputação de ser fiel, mas você não está levando isso um pouco longe? Que tipo de anjo foi afinal?

— Eu era um Ipsylum.

— Um o quê? — ela puxou a segunda bota.

— Ipsylum. — Seu olhar caiu para sua bota, e ela a fechou lentamente, provocativamente, amando como seus olhos seguiram sua mão. Ele pode não ser dela, mas ela podia fazer o seu melhor para fazê-lo se arrepender disso. — Eles são uma classe especializada de anjos guerreiros.

— Besteira.

Seu olhar agarrou acima. — Besteira?

— Sim. Besteira. — Depois que seus pais morreram nas mãos de anjos, ela tinha aprendido tudo o que podia sobre eles. — Eu estudei todas as classes de anjos, e Ipsylum não é um deles. — Ela enumerou os dedos. — Há Cherubim, Dominions, Principalities, Thrones, Serafins, Archangels...

— Toda essa fontes que você teve a sua informação está errada. Ao longo de milhares de anos, os seres humanos gradualmente aprenderam sobre várias ordens de anjos, mas eles não sabem sobre todos eles. Seus pais não lhe disse sobre os anjos?

Ela balançou a cabeça quando ela chegou a pilha de armas em cima das roupas que alguém tinha trazido do escritório de Azagoth. — Eles responderam às minhas perguntas, mas não ofereceram informações. Eu acho que eles estavam

envergonhados pelo que quer que fosse que os fez cair, você sabe?

Vex amarrou uma pequena lâmina fina no interior de sua coxa, recebendo um chute dos olhares furtivos de Zhubaal quando ela ergueu a saia. Quando ela terminou, ela enfiou a perna debaixo dela e se sentou contra o travesseiro duro. Não era como se ela tivesse outro lugar para estar, então poderia muito bem ficar confortável. Além disso, gostava de conversar com Zhubaal. Ele provavelmente, só estava ali porque ela era garrafa gênio de Laura, mas foi há um longo tempo desde que ela falou com alguém em um nível pessoal, que era um modo... refrescante.

— Acho que é por isso que nós vivíamos no reino humano, em vez de em Sheoul, e porque meus pais fingiram serem humanos. Em parte porque eles tinham vergonha. — Ela fechou os olhos para a memória de seus pais lhe dizendo o quanto era perigoso para eles estarem no reino humano, odiados por anjos caídos que acreditavam que eles deviam servir aos interesses de Sheoul, e anjos que eram apenas babacas. — E, em parte, para me proteger do mundo paranormal.

E que funcionou até que ela atingiu a puberdade e prendeu a primeira alma. Quando seus pais procuraram respostas, isso os pôs no radar para um monte de inimigos. Eventualmente, os inimigos os arrebataram e eles foram mortos. Ela não estava por perto o suficiente para pegar as almas, os *griminions* as pegaram, e pior, ela nunca foi capaz de se vingar.

Os assassinos de seus pais eram anjos poderosos e muito além de seu alcance.

— Então — ela disse, mudando de assunto antes que ela

ficasse toda sentimental ou começasse a chorar, ou alguma merda.

— O que Ipsylum faz? Você disse que eles são guerreiros?

Ele assentiu. — Altamente treinados, muito poderosos. De certa forma, eles são mais poderosos do que os Arcanjos. Se os anjos são o exército do Céu, então Ipsylum são a equipe de operações especiais do exército.

— Huh. — Ela preguiçosamente correu os dedos para baixo do salto agulha de uma bota para testar a borda afiada das pontas que poderiam perfurar metal, ossos e carne durante uma luta. Projeto de sua mãe. — Por que o Céu precisa de uma equipe de operações especiais?

Zhubaal ficou em pé em uma onda graciosa e foi até a janela sem vidro ao lado de sua cama. Uma brisa arrepiou o cabelo dele enquanto ele olhava para o pátio.

— O céu precisa de soldados especializados para assassinar poderosos demônios, espiões em áreas de Sheoul onde nem mesmo Arcanjos pode ir, resgatar humanos ou anjos reféns de demônios... merda assim. — Ele apertou as mãos em seus lados, e ela se perguntou se ele lamentou sua escolha em deixar sua vida angelical.

— Isso é incrível. — Por que não podia ter nascido um anjo em vez de um *emim* com poderes inúteis como atrair almas como papel mata mosca ou ser capaz de andar em saltos agulha em qualquer superfície, sem nunca perder o equilíbrio? Claro, ela tinha reflexos assassinos, e era mais forte do que um ser humano médio ou demônio, mas, ainda assim, em um mundo onde os anjos podem voar e demônios podiam metamorfosear ou tornar-se

invisível ou manipular o tempo, ela teve de se esticar para ser considerada até mesmo mediana. — Se eu fosse um anjo, eu queria ser um desses.

Ele bufou. — De alguma forma, eu não estou surpreso.

— Por quê?

Franzindo a testa, ele olhou para seu braço e os dois glifos restantes. — Porque você é o oposto de Laura.

— O que ela tem a ver com isso?

— Laura também era um Ipsylum.

— Não — ela deixou escapar, seriamente chocada por isso. A maneira como ele falava desta Laura a fez soar como uma pessoa tímida ou submissa. — Sério?

— Sério. — Houve uma batida na porta, e ele respondeu, agradecendo a quem estava do outro lado com um prato cheio de sanduíches e frutas. Ele o trouxe para ela e o colocou sobre o colchão ao lado dela. — Coma. Tenho a sensação de que vamos em uma pequena viagem em breve.

— Uma viagem? — ela se animou. Gostava de viajar. Simplesmente nunca teve ninguém para viajar. — Para onde?

— Para ver um assistente em Los Angeles.

— Eu gosto de L. A. Nem tanto de assistentes. — Vex cutucou um dos sanduíches. Parecia algum tipo de carne e queijo no trigo, mas ela tinha visto o que passava como carne em Sheoul. — Eu queria ser atriz quando estava crescendo. Minha mãe disse que eu não poderia porque eu não era humana, mas meu pai disse que metade das pessoas em Hollywood são demônios de qualquer maneira, por isso não devia desistir. — Ela arrancou uma uva do

prato. O fruto parecia seguro o suficiente.

— Então por que você desistiu?

— Quem disse que eu desisti? — ela jogou a uva no ar e a pegou entre os dentes.

— Bem — Zhubaal disse calmamente, — eu não vejo Channing Tatum aqui fazendo acordos com Azagoth para vender almas para ganhar dinheiro.

Espertinho. Ela chupou a uva e mastigou, comprando algum tempo enquanto ela decidia se deveria ou não transar com ele.

Sim, ela deveria.

— Eu não atingi nada grande ainda. — Ela arrancou outra uva do prato e sorriu. — Mas eu estou achando que a indústria pornô é um ótimo lugar para começar. Talvez você tenha me visto em alguma coisa recentemente?

Não podia dizer se sua expressão era de julgamento, desgosto ou curiosidade. — Ah, não.

— Você está perdendo — ela ronronou. — Eu tenho uma ideia. Por que você não se curva, e eu vou puxar o pau fora da sua bunda. — Ela piscou. — Podemos torná-lo divertido. Com um pouco de lubri...

— Nós não estamos estrelando em um de seus filmes pornôs.

Ele parecia mais do que um pouco irritado, isso a chocou. — Qual é o problema? Você não tem um espírito aventureiro? — Quando ele não respondeu, e, de fato, parecia um pouco nervoso, ela aproveitou, levantando suavemente de frente para ele. — Você

é o Sr. Missionário? — ela se moveu em direção a ele, observando como seus olhos arregalaram, suas narinas e sua respiração veio rápida quanto mais se aproximava. — Ou você tem algum tipo de segredo torcido?

Ele se manteve firme, tensionando e ampliando sua postura, como se esperasse uma batalha. — Você está fora da linha.

— Por quê?

— Porque eu não estou... disponível.

Ela parou na frente dele e estendeu a mão para arrastar um dedo de brincadeira em seu peito. — Oh vamos lá. Você não pode me dizer que você está celibatário por quase um século. — Sua única reação foi um tique em sua bochecha, mas foi o suficiente. — A sério? Você não esteve com ninguém desde que Laura morreu?

— Eu fiz um juramento a ela.

Putá merda. — Mas ela morreu. Duas vezes.

— Os nossos juramentos não foram feitos para serem quebradas pela morte, — ele disse gravemente.

Que diabos? — Então você está tentando me dizer que mesmo que ela tivesse reencarnado, você esperou que ela se lembrasse de alguma forma de um juramento que ela fez em uma vida passada? Você realmente acredita que, enquanto ela estava viva pela segunda vez, ela foi celibatária também?

— Sim.

Ela riu. Bem como, uma gargalhada. Zhubaal era ingênuo ou delirante. Talvez ambos. Pobre, pobre homem.

— Uma parte dela saberia — ele insistiu, irritação fazendo suas palavras caírem como pedras. — Ela pode não se lembrar de mim ou do nosso juramento, mas tenho certeza que ela teria sentido que precisava esperar pela pessoa certa. Se ela não tivesse morrido, eu a teria encontrado, e eu teria sido a pessoa certa. — Ele olhou para os dois glifos restantes no braço de Vex. — Acontece que, ela me encontrou.

Sério delirante. — Você acha que ela de alguma forma sabia que eu ia acabar em Sheoul-gra, então ela pegou uma carona até aqui comigo, só para vê-lo?

— Coisas estranhas acontecem.

Isso era verdade. Mas Deus, ele parecia tão certo, e ainda, tão triste. Vex, que nunca se apaixonou, que nunca amou ninguém, exceto seus pais, sentiu seu coração quebrar um pouco por ele. Zhubaal pode estar delirando, mas sentia profundamente, e ele estava sofrendo.

Vex não tinha muita experiência em confortar as pessoas, mas este, ela sabia que poderia ajudar. Mais importante, ela queria ajudar. Zhubaal tomou conta dela e a manteve a salvo, embora ele não tivesse que fazê-lo, e era hora de pagar.

Atingindo-se, ela segurou sua bochecha, seguindo-o quando ele tentou virar longe do seu toque. — Você quer senti-la?

— O que?

Coração batendo forte, ela deu um passo para ele até que seus seios estavam pressionando duro no peito plano. — Use-me. Sinta-a. — Ela levantou o rosto para ele. — Me beije.

Ele fez uma careta para ela, a cautela cintilando em seus

olhos. — Por que você faria isso?

— Porque você e Azagoth estão me ajudando. — *E porque eu realmente quero te beijar.* Sim, ela queria ajudar, mas não estava completamente altruísta. Queria sentir o corpo, a boca dele, contra a dela. — Deixe-me retribuir o favor.

Por um longo momento, ele hesitou, seu olhar bloqueou o dela. Então, lentamente, ele baixou a cabeça e capturou sua boca com a pressão da tentativa. O beijo foi leve, inseguro, mas ela o sentiu por todo o caminho para sua alma.

Ele quer Laura.

Claro que ele quer. Isso é o que se tratava. Laura.

Sua língua estalou em seus lábios, e ela abriu para ele, convidando-o para uma conexão mais profunda. Suas línguas se encontraram, enredando em conjunto, quando ele a puxou com força contra ele. Tudo no seu corpo iluminou como fogos de artifício, como se isso fosse para ser.

É Laura. Ela deve tê-lo sentido, porque, de súbito o coração de Vex estava batendo em um ritmo espástico que não fazia sentido. E então, quando seu coração bateu mais rápido, praticamente se jogando contra sua caixa torácica como se ele quisesse sair e chegar até ele, a realidade bateu.

Seu coração batia para ele.

Uma vaga sensação de amor, necessidade e lealdade envolvida em torno dela como um cobertor quente. Parecia tão estranho, mas tão bom e certo. Ela nunca experimentou nada parecido com isso, e seu primeiro pensamento foi que sua vida tinha sido tão vazia.

Mas essa sensação maravilhosa não pertencia a ela, não é? Ela pertencia ao espírito dentro dela que ela estava começando a odiar. A preciosa Laura de Zhubaal nem sequer tem uma forma física, e ainda assim ela ordenou uma devoção feroz .

O pânico brotou, e ela arrancou, chocada ao perceber as lágrimas brotaram de seus olhos. — Sinto muito — ela respondeu asperamente. — Eu não posso fazer isso.

Mas então ela olhou para ele, no calor escaldante em seus olhos, na forma controlada pelo mal que ele estava respirando, e, num instante, eles estavam emaranhados nos braços um do outro novamente.

Zhubaal a apoiou, colocando sua coluna contra a parede e sua ereção contra seu ventre. Ele a beijou duro enquanto ele balançou os quadris contra ela, o cume de sua ereção esfregando através do tecido de sua saia. O atrito foi delicioso, mas não foi o suficiente. Não seria o suficiente até que eles estivessem nus.

Ela levantou uma perna e conectou ao redor de sua coxa, gemendo com a forma como sua ereção acariciou seu sexo dolorido. Sua mão deslizou entre eles para seu seio sob sua camisa, e ela adorava a maneira como sua pele se arrepiou sob seu toque, pequenos estalos de êxtase que a fez ofegar, especialmente quando ele apertou o mamilo entre os dedos.

— Oh... meu — ela gemeu, arqueando contra ele.

— Ela está aí? — ele respirou contra sua orelha.

— Ela? — Vex estava tão afogada na luxúria que levou um batimento cardíaco antes de perceber que ele estava pedindo.

— Laura? — ela girou seus quadris, aumentando a pressão entre

eles, e essa bela onda, ponto de fusão óssea de amor tomou conta dela novamente. — Sim. E ela quer que você. Ela quer muito você.

Ele estremeceu contra ela, tremendo ainda mais duro quando ela deixou cair as duas mãos para seu traseiro incrivelmente firme e apertou antes de deslizar os dedos entre as pernas para provocar suas bolas.

— Tem sido assim por muito tempo — ele murmurou entre beijos desesperados contra sua garganta. — Então, por muito tempo desde que eu a senti contra mim.

— Muito tempo — ela concordou, sem nem mesmo saber o que ela estava dizendo ou por que estava dizendo. Mas parecia certo.

O que estava errado.

Ela franziu a testa. Havia, na verdade, algo muito errado sobre tudo isso. O chá picadinho deve estar funcioando, porque ela não podia sentir a alma do mal dentro dela... o que significava que ela não deve ser capaz de sentir a alma mais fraca tampouco. Mas de alguma forma, amor e carinho para este a macho a encheu.

A alma má diminuiu seu domínio sobre o espírito de Laura?

— Zhubaal — ela engasgou. — Temos que encontrar Azagoth. Agora.

Sua cabeça se levantou, e se ela não sentia a necessidade de urgência, ela teria os despido ali mesmo. Seus lábios inchados e brilhantes pelo beijo, acenou para ela, e ela não podia deixar de

imaginá-los forjando um caminho erótico abaixo em seu corpo. E seus olhos, Deus, seus olhos, eles eram piscinas do tipo de luxúria que um homem reservava apenas para sua amante. Como ela sabia que, nenhuma vez que ela esteve no fim da recepção desse tipo de intensidade, ela não tinha ideia. Tudo que ela sabia era que, neste momento único, ele era seu mundo.

E ela era sua.

Só que ela não era. *Laura* era dele, e Vex estava apenas emprestando suas emoções.

— Vamos — ela implorou. — Por favor. Depressa. — *Antes que eu decida manter a alma de Laura para que eu possa experimentar esse sentimento todos os dias.* — Eu acho que ele pode exorcizar Laura agora.

Houve um segundo de hesitação, que não fazia sentido, mas, em seguida, ele pegou sua mão e a arrastou para fora de seu quarto e desceram para a área comum.

Quando eles começaram a atravessar o pátio para o palácio de Azagoth, um *griminion* passou por eles, seus barulhinhos de bater de dentes abafados pela sua capa. Profundamente dentro dela, o espírito maligno agitou, provavelmente sentindo a capacidade do *griminion* para recolher almas. Merda. Super Mal ia agarrar Laura e mantê-la sua refém de novo, e embora uma pequena parte de Vex queria segurar Laura o maior tempo possível, não era justo para Zhubaal. O que ela sentia por ele agora não era real. Foi no empréstimo de Laura.

Com um grito de frustração e tristeza, ela se afastou de Zhubaal e convocou toda a força de vontade que ela tinha para

expulsar as almas dentro dela, sabendo que o *griminion* iria arrancá-lo.

E milagre dos milagres, ela deve ter pego o Super Mal de surpresa, porque o outro espírito se soltou e atirou para fora de seu corpo em um fio nublado. Instantaneamente, o *griminion* virou e capturou o espírito com uma mão ossuda. Ele gritou enquanto lutava contra o agarre do *griminion*, mas Vex sabia, por experiência ao testemunhar centenas de almas capturadas por *griminions*, que o espírito – presumivelmente Laura – não possuía chances para escapar.

Dentro dela, Super Mal rasgou em torno, perfurando, mordendo e arranhando, deixando solto um remate psíquico de raiva e dor que quase deixou Vex de joelhos. Ela oscilou vacilante, mas Zhubaal a pegou pela cintura e a apoiou contra seu corpo grande.

— Não. — Ela apontou para a *griminion* e a alma descontroladamente se debatendo. — É Laura. Eu não sei por que ela não está se materializando como sólida. Você disse que em Sheoul-gra eles têm corpos físicos.

— Sim. — Ele olhou para o espírito, que tinha tomado uma forma humanóide vaga. — Mas só no escritório de Azagoth e o Inner Sanctum. — Ainda segurando-a contra ele, Zhubaal olhou para ela. — Você está bem?

Pega de surpresa pela sua preocupação, ela balançou a cabeça em silêncio, e ele a soltou, mas só depois de ter certeza que ela não cairia de cara no chão. Cautelosamente, quase hesitante, ele se moveu para o espírito e estendeu a mão a ele com

a mão trêmula.

Vex prendeu a respiração quando seus dedos passaram pela sombra como nuvem. Seus ombros caíram, e ela sabia.

— Não é ela — ele engasgou. — Não é Laura.

Sua devastação a atingiu como um deslizamento de terra sísmica. A explosão contundente de angústia a atingiu em um golpe quase físico, derrubando-a um passo para trás.

Mas mesmo quando ela recuperou de sua dor, uma sensação doente borbulhava em sua barriga. — Laura deve ser a alma do mal dentro de mim.

— Isso não é possível. — Ele enviou o *griminion* para longe e se virou para ela. A devastação que sentira dele mostrou em seu rosto e seu peito escavado. — Não importa em que espécie de demônio que ela renasceu, ela não poderia ter sido tão corrompida. Não Laura.

Não Laura. Ele era tão cego quando ele vinha para essa fêmea estúpida, e Vex suspirou. — Eu sei que você quer acreditar no melhor dela, mas estou dizendo a você, o espírito dentro de mim tem que ser ela. Eu ainda posso sentir seu carinho para você. — Ela levantou o olhar para ele e caiu bem dentro daqueles olhos lindos como se ela sempre os conhecesse. — Há apenas uma alma dentro de mim, Zhubaal. Má ou não, é ela.

— Não,— ele moeu fora. — Ela nunca iria... — Ele chupou uma respiração afiada, e seus olhos rematou ao lado. — Oh... oh, droga.

— O quê? — a maneira como ele estava olhando para ela a assustou muito. — O que está acontecendo com você?

— Não há uma alma dentro de você — ele disse. — Há duas.

Ela encravou uma mão em seu quadril e estendeu seu braço, que tinha claramente só um glifo de alma. — Eu acho que eu saberia se houvesse mais de uma...

Abruptamente ele estava na frente dela, com as mãos segurando seus ombros, seu olhar perfurando dentro dela com tanta intensidade que ela não conseguia desviar o olhar se quisesse.

— Há duas almas dentro de você, Vex. A maligna... e a sua. — Sem aviso, ele a beijou. Capturou sua boca em um assalto erótico que trouxe lágrimas aos seus olhos e alegria ao seu coração. Sua alma cantou, como um violino, que finalmente tinha encontrado o seu arco. Quando ele levantou a cabeça e olhou em seus olhos, ela sabia a verdade antes mesmo que ele disse isso.

— É você, Vex — ele disse com voz rouca, e sua respiração saiu em uma corrida. — Você é Laura.

Capítulo 08

Merda Santa.

Zhubaal não podia acreditar. Depois de todo esse tempo e depois de todas as pistas falsas, ele estava olhando para Laura. E ele a tinha encontrado dentro de uma sedutora impetuosa *emim*, desbocada que não era nada parecida com o anjo que ele prometeu fidelidade eterna. Não que ele ia reclamar. Ela poderia ter sido algo muito pior.

Eu a encontrei!

Ele arrastou uma respiração irregular em seus pulmões e tentou deixar tudo afundar. *Laura*. Seu coração batia animadamente em seu peito, mas ela não parecia tão emocionada. Se qualquer coisa, ela parecia atordoada, seu corpo tenso, com os olhos ametista vidrados.

— Eu sei que isso deve ser um choque. — As palavras

caíram em uma corrida louca. — E eu sei que soa insano...

— Não, isso não acontece. — Balançando a cabeça, ela se afastou dele, e tanto quanto ele queria agarrá-la, agarrá-la para que ela nunca o deixasse novamente, ele lhe deu espaço. Ela não teve décadas para se preparar para este momento do jeito que ele teve. Mas agora que o momento estava aqui, ele percebeu que nada poderia tê-lo preparado para isso. — Eu posso sentir isso — ela respondeu asperamente. — Deus, eu posso sentir você. — Ela engoliu em seco. — Isso está me assustando.

Em um impulso, ele estendeu a mão para ela. — Laura...

Girando fora de seu alcance, ela assobiou. Na verdade assobiou para ele. — Eu sou Vex, não Laura. — Ela apontou um dedo com raiva para ele. — Vamos deixar isso claro agora. Eu não conheço você e você não me conhece, e eu não me importo que tipo de juramento maldito estúpido Laura fez pra você. Meus lábios não falaram as palavras.

Gelo encheu sua cavidade torácica. Ele tinha fantasiado sobre esta reunião, e enquanto ele considerou a possibilidade de que ela não se lembraria, em nenhum cenário imaginado ele pensou que ela pudesse rejeitar quem ela era.

Idiota. Você acha que ela desistiria de toda a sua vida para correr para os seus braços? Ele eclodiu em um suor frio quando uma possibilidade terrível surgiu em sua cabeça.

— Você tem um companheiro? — ele revelou. — Um amante? — Porque ele teria que matar o cara.

Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou. — Você realmente acha que eu ofereceria para puxar um pau fora de seu

bunda se eu tivesse um namorado?

— Bem, já que eu não tenho um pedaço de pau na minha bunda, eu percebi que a oferta não era genuína.

Ela encolheu os ombros. — Eu vou tentar qualquer coisa algum dia.

Ele tinha uma sensação de que ela estava mexendo com ele, e isso o deixou fora de equilíbrio. Ele estava acostumado a Vex com seu comportamento imprevisível e estranho senso de humor, mas agora que ele sabia que estava vindo de Laura, isso estava arremessando-o.

Só que ela não é Laura.

Mas ela estava em algum lugar. Vex admitiu, quando disse que tinha sentimentos por ele.

— Olha — ele disse, ainda se recuperando de tudo isso, — vamos a minha casa conversar. Tenho doce hidromel. Você costumava gostar.

— Eu não sei o que diabos você está falando — ela disse secamente. — E Laura foi uma idiota. Essa merda é desagradável.

Filho da puta. Seus sonhos de se reencontrar com Laura não foram assim.

— Z! — Razr correu em direção a eles, e Zhubaal odiou que ele ficou aliviado de ter algo diferente desta situação embaraçosa para se concentrar. — Chamei esse contratante que você pediu. Ele disse que pode obter os canais a cabo humanos desejados. Ele disse que HBO vem distorcido, mas...

— Ei, — ele disse, batendo Razr na parte de trás para calá-lo antes que Vex descobrisse que Z pediu mais canais depois que

ela reclamou. — Obrigado. Diga-lhe que está tudo bem. E você vai levar Laura... ah, Vex, aos meus aposentos e ficar com ela? Eu preciso falar com Azagoth.

Razr concordou, mas Z não deu a Vex a chance de responder ou argumentar. Não havia muito a dizer, e ambos precisavam de tempo para isto se afundar. Especialmente Vex. Ele estava à procura de Laura por quase um século, mas, obviamente, ela nem sequer sabia que estava perdida.

Ele deveria ter esperado isso, deveria ter esperado o quanto faria mal encontrá-la e ainda assim, de alguma forma, perdê-la.

Um nó de emoções enroscou dentro dele enquanto corria para o escritório de Azagoth. Este deveria ter sido o melhor dia da sua vida, mas em vez de estar em êxtase, ele estava confuso como o inferno, com dor e raiva.

Não era para ser assim. Ela deveria ter lembrado do juramento, mesmo que apenas em algum nível subconsciente.

Quando chegou o escritório de seu chefe, ele abriu a porta e entrou no centro da sala. — Você poderia ter me avisado.

— E você poderia ter batido. — Azagoth suspirou e olhou para cima da contabilidade que escrevia com uma pena. — Advertido-lhe sobre o quê?

— Você sabe o que — Z rosnou. — Você poderia ter me disse que Vex é Laura.

Muito lentamente, Azagoth largou a caneta e atrelou um olhar duro. — Eu disse que Laura estava dentro de Vex.

Ela está dentro de Vex. Ok, sim, ele tinha dito isso. Mas

não era a mesma coisa. — Você disse que ela estava dentro Vex. Você não disse que ela era Vex.

— Porque ela *não é Vex*. Vex é Vex. Ela costumava ser Laura.

— Droga, Azagoth, você sabe o que quero dizer. — Z cerrou os punhos ao lado do corpo para não perfurar algo que o transformaria em uma das estátuas vivas do Azagoth. — Você poderia ter me dito desde o início, então eu não seria pego de surpresa, mas não o fez, mesmo que você soubesse.

— Eu *suspeitei*. Senti que a alma de Vex originou no céu. Mas não foi até chegar dentro e tocá-la que eu soube que sua alma era a de um Ipsylum, e há muito poucos de vocês.

— Por que você não me disse, caramba? Ela esteve inconsciente por horas. Certamente você poderia ter encontrado tempo para me dar um ‘Ei, informo que Vex e Laura são a mesma pessoa’. Eu poderia ter contado a ela sem soar insano, assustando-a.

Azagoth se levantou. — Ela tem qualquer memória de você?

A questão foi como um golpe para o coração. — Não. Você acha que isso vai voltar para ela? — Ele tentou não esperar, mas ele não podia deixar de prender a respiração quando Azagoth caminhou ao redor da mesa e puxou uma alavanca na parede.

— Eu não sei — ele disse, quando o painel da parede deslizou para trás para revelar a seção transversal de um túnel. *Griminions* veio do lado direito do túnel, escoltando almas através do portal do lado esquerdo, mas só depois que Azagoth tinha visto

cada um. — Algumas pessoas são dotados de alma-memória, alguns podem acessar as memórias de vidas passadas através de rituais ou sonhos, mas outras nunca vão se lembrar. — Ele deu aprovação à cada alma que passou, o envio de *griminions* através do túnel em um fluxo constante.

Ótimo. — Então é isso? Eu serei sempre um estranho para ela?

Azagoth olhou para Z de cima do ombro e do desfile de alma interrompida. — Vex talvez nunca se lembre de você, mas sua alma vai. — Se Azagoth pensava que era reconfortante, ele era mais louco do que um morcego fantasma à luz do sol. — Você tem sorte que ela encontrou seu caminho até aqui quando ela veio. Jim Bob e Ricky Bobby a salvaram de um dos assassinos de Revenant.

O intestino de Z cerrou. Se os anjos não estivessem lá, ele poderia tê-la perdido. Mais uma vez. E agora ele devia à esses dois bastardos. — Ela não disse nada sobre isso.

— Ela não sabia. Eles o interromperam antes do ataque.

Droga. Ele tinha esquecido que ela estaria em perigo no momento em que pisasse fora de Sheoul-gra. — Você não pode chamar Revenant ou algo assim?

Azagoth bufou. — Um não se limita a *chamar* o Rei do Inferno. — Z perguntou se ele estaria tão pretencioso se fosse Lilliana que estava andando na sombra do machado de um carrasco.

— Mas você pode entrar em contato com ele, certo?

Azagoth inclinou a cabeça. — Eu tenho maneiras.

— Mas você não vai.

— Eu já tenho. Ele poderia estar aqui quando você voltar de Los Angeles.

Claro. Eles ainda tinham que livrar Vex da alma má que permaneceu dentro dela. O pensamento de que algum demônio vil tinha se apegado a ela o fez doente, e na esteira de que era a raiva e um desejo de protegê-la a todo custo.

— Quando partimos?

Azagoth produziu um cartão de visita de fora do bolso da camisa e jogou-o no ar. Z pegou entre dois dedos.

— O endereço está no cartão. — Azagoth voltou-se para o túnel alma, dispensando-o de forma eficaz. — Você vai sair agora.

Capítulo 09

A viagem para Beverly Hills via Harrowgates levou apenas meros momentos. Z gostaria de ter brilhado aqui, mas a sua capacidade de viajar em um piscar de um olho era limitada a lugares que ele já conhecia. Portais eram quase tão bons, porém, invisíveis para os seres humanos e salpicados por todos os reinos, humanos e demônios.

Este portal especial abriu em um parque pequeno, arborizado, e no momento em que Z e Vex saíram, o sol brilhante quase o cegou. Quanto tempo tinha passado desde que ele foi em qualquer lugar além Sheoul?

Demasiado longo.

Ele geralmente evitou o reino humano, não porque odiasse os seres humanos, mas porque eles sempre lhe lembrava a vida antes de perder suas asas. Ele era livre, então. Bem, tão livre como um guerreiro comprometido com a sua Ordem angelical e o

trabalho poderia ser, de qualquer maneira. Ele ficava pouco tempo fora, e passava o tempo livre que tinha com Laura. Depois que ele perdeu suas asas e começou a trabalhar para Azagoth, ele tinha pouco tempo livre, e o que tinha foi gasto à procura de Laura.

Ele olhou para ela enquanto caminhavam do parque em direção à mansão onde o demônio que eles iam ver vivia. Ela apenas disse duas palavras para ele desde que ele a pegou de Razr e saiu. E ele só descobriu isso agora, que Vex estava finalmente se comportando como Laura, ele queria Vex de volta. Este silêncio sombrio não combinava com ela e só fez o click de seus saltos no caminho de asfalto mais gritante.

— Você está bem? — ele perguntou enquanto ele a guiou para uma calçada que serpenteava o seu caminho até uma colina íngreme.

Vex desviou para evitar um galho de árvore baixo pendurado no caminho. — Eu não sei. Esta é uma responsabilidade muito grande. — Ela olhou para ele. — Você disse que Laura foi Ipsylum. Eu ainda estou achando isso difícil de acreditar.

— Ela... *você*, não se saiu bem como um guerreiro. Você não tem o temperamento para isso.

Ela bufou. — Pare de dizer isso. Não era eu.

— Sim — ele moeu fora, — era. Foi você antes de você nascer como Vex. Você era um guerreiro angelical, mas não muito bom.

— Tudo bem — ela disse, com os olhos piscando. — Eu vou aceitar por agora. Eu era Laura. Assim o fato de eu ser

péssima como guerreiro foi a razão que eu perdi minhas asas?

— Mais ou menos — ele disse, ignorando seu tom arrogante. — Você não foi construída para a violência. Você era como uma espécie de leão que deveria ter sido uma gazela.

Vex franziu a testa enquanto subiam um conjunto de degraus. — Então como é que uma gazela gentil foi expulsa do Céu?

Primeiro, ela foi expulsa da Ordem Ipsylum. Mas ser um Ipsylum era mais do que apenas um trabalho... era realmente uma classe de anjo, e, tanto quanto Laura tentou, ela não conseguia suprimir o instinto. E seu instinto depois de ser banida de não apenas do seu trabalho, mas da sua família também, era de se rebelar.

— Ela tentou lutar contra o estabelecido — ele disse. — Isso raramente vai bem. — Não quando o estabelecido consistiu de um grupo de Arcanjos Dominions e Thrones babacas que queriam controlar tudo. Z teve que admitir que, tanto quanto ele amava o céu, havia muito mais liberdade no reino demônio e humano.

Assumindo que não tivesse prometido lealdade a ninguém. Como Azagoth.

Não era que Azagoth era um chefe ruim. Longe disso. Ele era exigente, mas justo, cruel com os inimigos, mas leal àqueles que ele se importava. E o cara guardava rancor. Inferno, ele só recentemente deixou Hades fora do gancho por algo que aconteceu há milhares de anos. O reino dele era sua principal prioridade, perdendo apenas para Lilliana, e se suas necessidades

não se encaixavam com isso, muito ruim. Se o fizessem, ele estava feliz em dar-lhe tudo o que você queria.

— Então, o que aconteceu comigo? — ela o encarou, um pouco mais interessada e menos hostil agora. — E quantos anos eu tinha?

— Nós tínhamos acabado de celebrar os nossos quadragésimos dias de nome quando você foi expulsa da Ordem Ipsylum e se juntou a um grupo de anjos rebeldes que vinham trabalhando para mudar o equilíbrio de poder no Céu por milhares de anos. — Ele pediu a ela para não se envolver, mas ela estava certa de que poderia operar dentro da facção rebelde sem ser apanhada.

— Agora essa soa como eu — ela disse com um sorriso travesso que era Vex pura, sem um traço de Laura. — Mas por que ela fez isso?

— Os Arcanjos estão no comando agora, mas esse não foi sempre o caso — ele disse, observando um caminhão de entrega branco virar na estrada para a mansão. O símbolo no lado disse: “Delícias diabólicas”, e se a vibração malévola saindo fosse qualquer indicação, o que estava nesse caminhão era uma má notícia e não deliciosa em tudo. — Thrones costumava ditar as rédeas, com Dominions sempre lutando para ganhar mais poder e mais controle sobre todas as vidas, anjo e humano. Mas, durante a grande Rebelião Anjo, quando Satanás acabou por ser expulso, os Arcanjos aproveitaram a oportunidade para enquadrar Thronos e Dominions como os caras maus, e eles assumiram. Agora há uma facção unificada de anjos de todas as ordens que querem derrubar

os Arcanjos.

Vex esfregou o braço distraidamente, e ele se perguntou se a alma má dentro dela estava se mexendo. Tinha-lhe dado outra dose de inibidor antes de partirem, mas Azagoth os tinha avisado que cada dose era menos eficaz do que a anterior. — O que tudo isso tem a ver com Ipsylum?

— Eu lhe disse que Ipsylum são forças especiais do Céu, mas eles também são as espadas dos Arcanjos. Quando os outros anjos guerreiros estão lutando contra o mal em todo o reino humano, Ipsylum estão lutando contra o mal dentro das fileiras de anjo. Assim, quando um Ipsylum se torna desonesto, os Arcanjos agem rápido e sem misericórdia. Você foi pega conspirando com os rebeldes antes que um ano se passasse. Francamente, estou surpreso que tudo que você perdeu foram suas asas.

Ela franziu a testa. — Você era... nós ainda estávamos juntos?

Ele engoliu em seco quando as memórias o agrediram. — Quando eu a segurei em meus braços depois que suas asas foram cortadas, você me disse que me amava. — Os anjos o tinha arrastado para longe dela, mas ele lutou tanto que eles tiveram que acorrentá-lo e ligar suas asas. Levou anos para encontrá-la novamente, mas chegou tarde demais. Ela estava morta, e ele passou décadas caçando os bastardos que a tinha matado.

— Deve ter sido difícil para você.

Tinha sido devastador. — Duro o suficiente para eu perder minhas asas e família.

Uma brisa quente despenteou o cabelo, criando picos

pontiagudos que ele queria alisar com a palma da mão. Tão diferente das longas tranças loiras de Laura, e ele não tinha tanta certeza que era uma coisa ruim. — Você realmente me amou... ah, ela.

Ok, sim, era hora de voltar a ser *sua, el, e você* parte da história. — Ela era o meu mundo — ele disse suavemente. Agora ele tinha que descobrir como encaixar Vex nesse mundo.

Mas e se ela não se encaixasse? O próprio pensamento colocou um nó na boca do estômago.

— Como ela era?

Ele sorriu. — Ela era bonita — ele disse, mas isso não tira nada de Vex, que era impressionante de uma maneira diferente. Inferno, ele não conseguia manter os olhos da estreita faixa de pele exposta entre o topo das botas e a bainha de sua saia. Toda vez que uma brisa arrepiava as pregas, ele tinha um vislumbre de sua bunda bem tonificada e da calcinha de seda. — Ela tinha o cabelo loiro e olhos azuis, rara entre Ipsylum. E tinha as asas mais surpreendentes. — Todos Ipsylum tinha as mesmas asas Borgonha profunda, mas a dela era salpicadas de prata, como se tivessem sido mergulhadas em glitter. — Nós nascemos no mesmo ano, assim nós crescemos juntos.

Eles faziam tudo juntos, desde aprender a lutar até aprender a voar. Felizmente ela foi melhor em voar do que em lutar, porque mais de uma vez sua agilidade e velocidade no ar salvou sua vida quando suas habilidades de batalha patéticas falhavam.

Ele parou no portão de entrada para uma mansão enorme.

Para os seres humanos, esta era a residência de Rowan Arch, um rico, influente produtor de Hollywood. Mas para os demônios, este era o covil de um poderoso anjo caído que, enquanto no reino humano, era capaz de comandar humanos e espíritos demoníacos para fazer seu lance. Mas o seu verdadeiro dom era sua capacidade de drenar a energia da alma para fortalecer suas próprias habilidades. Azagoth esperava que ele pudesse enfraquecer a alma dentro de Vex o suficiente para ele poder removê-la.

— Como é que vamos entrar?

— Rowan instalou seu próprio Harrowgate.

Ela assobiou baixo e longo. — Ele deve ser um sério fodão com uma tonelada de dinheiro ou sacrifício humano ou algo assim. Eles não dão Harrowgates privados para qualquer um.

Não, eles não dão. Ele olhou em volta, até que viu o brilho revelador de um portal contra o pano de fundo de parede de pedra no perímetro. — Lá.

O portal os deixou diretamente dentro mansão de Rowan. Pelo menos, ele assumiu que ele estava dentro da mansão. Eles se materializaram em uma enorme sala fria mais adequada para um matadouro do que uma McMansion de um cara rico. Ganchos de carne pendurados no teto, manchas de sangue escureciam o concreto, e pelo menos uma dúzia de demônios e seres humanos esperavam para uma audiência com Rowan por trás de uma grade de ferro em ambos os lados da sala.

Azagoth tinha assegurado a Zhubaal, que ele e Vex não teriam que esperar, e ele esperava que seu chefe estivesse certo.

Ele não queria estar aqui por mais tempo do que precisasse.

Um demônio Ramreel armado com bestas e espadas ficou observando perto das portas duplas no lado mais distante da sala de tamanho de um ginásio, e dois demônios Silas sem olhos e pele pastosa circulavam ao redor, a sua presença assustadora mantinha os outros demônios esperando na fila.

Vex se inclinou e disse calmamente: — Faça o que fizer, não mate ninguém.

— Por que não?

Seu olhar disparou ao redor da sala, e ele teve a impressão de que ela estava registrando cada arma, catalogando cada indivíduo, preparando-se para o pior. Ele quase podia acreditar que ela tinha mantido a sua formação Ipsylum, exceto que Laura nunca foi observadora ou preparada.

— Porque as almas vão saltar dentro de mim antes que os *griminions* de Azagoth possam chegar aqui.

Ah, bom ponto.

— Além disso — acrescentou, — se a cadela dentro de mim possuir meu corpo... me mata.

Ele virou a cabeça tão rápido que o pescoço estalou. — O que?

Parando no meio da sala, ela agarrou seu braço e o puxou para perto. — Eu não posso passar por isso novamente. Se Azagoth não pode exorcizar o demônio, me mate. — Ela apertou seus bíceps, cravando as unhas em sua pele. — Não me faça implorar. Se você ama Laura tanto quanto você disse, você não quer que ela faça as coisas que este demônio vai forçá-la a fazer.

Por favor.

Por favor, não deixe que eles me matem.

Ele fechou os olhos, mais uma vez ouvindo as palavras que Laura tinha falado a ele, enquanto eles esperaram pelo julgamento dos Arcanjos no dia em que ela perdeu suas asas. Ele não a deixou morrer, e ele não a deixaria agora.

Abrindo os olhos, ele a imobilizou com um olhar duro. — Azagoth não vai falhar — ele jurou.

— Se ele falhar...

— Ele não vai.

Ela abriu a boca para argumentar, ele estava certo, mas a fechou quando um Ramreel se aproximou deles, a armadura rangeu tão alto quanto seus pés com cascos.

— Sr. Arch irá vê-lo agora. — Ele concentrou seus pequenos olhos em Vex, e Z eriçou. — Fêmea. Eu gostaria de extrair o pagamento... de você.

— Pagamento? — Vex pegou uma lâmina de quem-sabia-onde-estava e a segurou casualmente em seu quadril. Maldição, ela foi rápida. Laura teria cortado a si mesma. E ela não estaria ali de pé, deslocando seu peso para uma postura de ataque e se preparando para uma luta. Z conteve, preparado para apagar esse idiota agora que ele tinha seus poderes no reino humano, mas querendo ver como Vex lidava com isso primeiro. — Que tipo de pagamento? E para quê?

— Por lhe permitir atravessar pelo Harrowgate — ele disse, os lábios cinza transformando-se em um sorriso grotesco. — Há uma placa na entrada.

— Sim, bem, perdemos a placa — Z disse, — portanto se fôda.

— Terei o pagamento. — O Ramreel, uns bons sessenta centímetros mais alto do que Zhubaal, balançou a cabeça maciça de volta ao redor para Vex e pisou seu casco no chão. — Você só vai gritar por um minuto.

Z sempre se orgulhava de seu autocontrole, mas tanto o orgulho como o autocontrole foram lançados para fora da janela quando Laura foi ameaçada. Vex o tinha avisado para não matar ninguém, mas deu boas-vindas a pressão de poder que canalizou para as pontas dos dedos, pronto para estourar com ele em um fluxo abrasador do fogo do inferno.

Suas asas de couro estenderam altas quando ele andou entre o Ramreel e Vex, seus dedos flexionando com o desejo de destruir.

— Toque-a — ele disse, sua voz raspando cascalho, — e eu vou te rasgar membro por membro e depois foder seu cadáver enquanto você sangra até a morte.

A mão do Ramreel apertou o bastão gigante que carregava, e Z se perguntou se o idiota cérebro de ovelha era estúpido o suficiente para dar um balanço. Assim quando Z preparou para ter um ataque preventivo, o demônio deu de ombros e pesadamente saiu.

— Uau — Vex soprou.

Zhubaal assentiu. — Sim, uma coisa poderosa, hein?

— Bem, é muito visual. — Ela virou a lâmina entre os dedos antes de deslizá-la em sua bota. — Quero dizer, estou

supondo que você não vai ter tempo para tirá-la antes de se despir e esquartejá-lo, isso significa que foder o corpo morrendo, terá que tirar as calças ensanguentadas. Isso vai ser muito estranho, sabe? — Ele olhou para ela, quase incapaz de acreditar que esta fosse realmente Laura. — O que? Só estou dizendo isso para tornar a ameaça eficaz, você tem que pensar sobre isso.

— Estava fora da bairha — ele disse, exasperado.

— Claramente.

Ele apertou os dentes. O novo nome de Vex convinha. Assim como ele estava prestes a lhe dizer, as portas duplas na outra extremidade da sala se abriram e um homem em um smoking chamou-os para dentro.

— Está pronta?

Houve uma ferocidade em seu olhar que ele não podia deixar de admirar, por isso ele foi pego de surpresa quando ela balançou a cabeça. — Eu não sei.

— O que quer dizer que você não sabe? — ele perguntou, incrédulo. — Esta pode ser a sua única chance de se livrar do demônio que você está carregando dentro de você.

— E isso também vai me deixar em dívida com Azagoth para o resto da minha vida.

— Mas você estará viva — ressaltou. — Ele vai protegê-la contra as forças de Revenant.

O olhar que ela lhe deu, um de tristeza e talvez um toque de repulsa, fez seu coração afundar. — Mas o que é a vida, se você está amarrada a alguém todo o caminho até a sua alma? — Ela perguntou em voz baixa.

Ele endureceu. — Quer dizer, como nós somos um para o outro?

— Exatamente. — Ela esfregou os braços, como se com frio, mas foi cerca de quinhentos graus na sala. — Eu posso sentir você, Zhubaal. Eu sinto muito amor por você, mas não é o meu. É dela. É Laura. Assim, você pode entender porque não posso entrar em um contrato como Azagoth tão levemente. — Ela encontrou seu olhar férreo. — Não quando eu desejo que eu pudesse quebrar um com você.

Capítulo 10

A devastação na expressão de Zhubaal rasgou Vex. Ele não merecia o que ela disse, mas era a verdade. Ela ainda estava se recuperando de tudo o que tinha acontecido nos últimos dois dias, e ela suspeitava que ainda estaria cambaleando amanhã. E no dia seguinte. E na próxima semana, mês, ano...

Eu era um anjo que me comprometi eternamente, amor eterno, ao macho de pé ao meu lado.

Não, *Laura* fez isso. Vex não era tão estúpida.

— Vocês veem ou não? — O cara idoso de smoking deu um olhar aborrecido e irritado ao mesmo tempo em que estava na porta.

A expressão de Zhubaal foi fria quando ele se virou para ela, e seu estômago embrulhou. Ela o tinha ferido profundamente o suficiente para ele se desligar, e se perguntou se *Laura* já tinha

feito a mesma coisa. De alguma forma, ela duvidava.

— Então? — ele perguntou, sua voz tão fria como seu olhar. — Você prefere trabalhar para Azagoth ou ter a sua chance com o demônio dentro de você e as forças de Revenant?

Obviamente, ela tinha que escolher Azagoth. Ela só não gosta disso, e queria, pelo menos se sentir como se ela tivesse algum controle sobre o assunto.

Ela foi em direção a Tux, aliviada, quando ouviu passos pesados do Zhubaal atrás dela.

A câmara que eles entraram não era nada como Vex teria esperado. Esse cara era uma espécie de super-assistente ou alguma coisa, então ela achou que seu covil seria parecido com um clichê de filme... a maneira que a maioria dos covis de feiticeiros realmente parecia.

Mas Rowan tinha dinheiro e bom gosto, e a sala que entraram poderia ter sido um museu de arte demoníaca e artefatos. Pinturas assombrosas feitas por demônios e até mesmo artistas angelicais cobriam as paredes e as prateleiras estavam praticamente bambas sob o peso das estatuetas de pedra, máscaras de argila de várias tribos de demônios, e esculturas feitas de ossos. Mesmo os tapetes do assoalho foram tecidos em vários estilos e de diferentes materiais, dependendo da espécie e da cultura do fabricante.

Se a câmara não foi o que Vex esperava, Rowan era exatamente o que seria de esperar de um anjo caído. Alto, moreno e bonito. Claro, seu cabelo era loiro platinado e seus olhos eram azul pálido, mas porra, a escuridão que emanava dele era

intoxicante. Ele definitivamente fez o Super Mal agitar, enviando um zumbido quente para a ponta de cada terminação nervosa.

Quando ela olhou para Z, ela poderia dizer que ele sentiu o poder de Rowan também. Seus olhos brilhavam com sede de sangue e sua mão tinha caído à espada ao seu lado, como se ele estivesse pronto lutar.

Ela estremeceu de prazer proibido. A batalha entre dois anjos caídos seria algo a ver.

— Você está acesa. — A voz de Zhubaal, baixa e tão perto de seu ouvido, ela quase saltou, passou por ela como um ronronar.

— Isso o deixa enojado?

— Não. — Por alguma razão, ele soou louco, como se quisesse ficar com nojo, mas não.

— Olá. — Rowan, vestido com uma camiseta preta e calças cáqui, mudou-se em direção a eles de forma tão suave que ele deslizou. — Eu estive esperando por vocês.

— Pelo o que, dez minutos? — perguntou Z.

Rowan piscou antes de dar Zhubaal um cuidadoso olhar de cima abaixo. — Sim. — Ele sorriu, exibindo dentes. — Azagoth disse que você está necessitando disso. — Ele ergueu um frasco com um líquido preto.

— E isso é? — ela perguntou.

— Isso vai forçar a alma dentro de você a superfície, onde Azagoth será capaz de exorcizá-la sem matá-la.

Zhubaal andava ao redor da sala, a mão ainda no punho da sua espada, enquanto ele estudava a decoração. — Porque esta poção é necessária?

O sorriso de Rowan fez o Super Mal vibrar com o desejo, e Vex cerrou os dentes, concentrando-se em manter o demônio para baixo. — Porque Vex tem a alma de um anjo, mas o corpo de um ser menor. O que permite que alguns dos demônios mais antigos, mais perversos acessem uma alma incrivelmente poderosa e se cimente para aqueles que são equivocadamente chamado de “vida”.

— Equivocadamente? — ela bufou. — Estou muito viva, obrigada.

Ele riu. — As nossas são emprestadas aos corpos, sujeitos à decadência e morte. As almas são as nossas verdadeiras formas, sólida no céu e em Sheoul-gra. Mas o Senhor das Trevas irá um dia governar o reino demônio e humano, onde todas as almas serão sólidas, eternas e sujeitas a grandes sofrimentos.

O Super Mal sentiu tanto prazer em suas palavras que Vex quase engasgou com a inundação da sensação orgásmica em seu núcleo. De alguma forma, ela conseguiu oferecer um sorriso sarcástico. — Caramba, sim, isso soa bem. Agora, como é que a poção funciona?

— Você vai beber, mas apenas na presença de Azagoth. — Ele entregou a ela, e ela ficou surpresa que fosse quente o suficiente para ser desconfortável em sua mão. — O demônio dentro de você reagirá de acordo com a espécie com que se identifica, e você não terá nenhuma maneira de controlá-lo. Azagoth será a sua única esperança de pará-lo.

Zhubaal amaldiçoou em voz baixa. — O demônio é um súcubo.

Rowan riu. — Então Azagoth pode ter algum divertimento enquanto ele está... retirando-o.

Um rosnado irrompeu, um som que Vex só poderia descrever como algo sendo arrastado contra a sua vontade dos poços do inferno, e de repente Zhubaal estava no rosto do outro anjo caído, a ponta de sua espada presa na garganta de Rowan.

— Você não vai falar assim sobre ela. — Veias pretas subiram para a superfície da pele de Zhubaal quando sua raiva tomou a parte *caída* do anjo nele.

O Super Mal começou a vibrar violentamente sob a pele quando o seu nível de excitação aumentou. Um zumbido crítico nos tímpanos de Vex ficou tão alto que ela já não podia ouvir qualquer coisa entre Zhubaal e Rowan, que pareciam estar rosnando e as presas se chocando.

Isso foi tão quente.

Não! Não foi quente. Era perigoso e violento e... oh, Deus, o calor liberava de seu corpo e corria nas correntes elétricas para os seios e pélvis. Desejo oprimido, e ela arrancou sua blusa antes que soubesse o que estava acontecendo.

Pare! Mas ela não podia. A alma estava assumindo, lutando pelo controle enquanto estava usando a energia furiosa criada pelos dois anjos caídos.

— Pare — ela engasgou, mas os machos não pareciam ouvir. Zhubaal tinha Rowan contra a parede agora, e havia sangue no chão e no rosto de Rowan e tudo o que ela queria fazer era arrancar o resto de suas roupas e colocar seu corpo nu entre eles.

Vamos foder os dois. A voz de Super Mal ressoou em seus

ouvidos. *Nós vamos feri-los, tomá-los assim, e quando isso for feito, um vai matar o outro.*

Vex tentou gritar, tentou avisar Zhubaal. Mas estava se afogando em uma piscina de malevolência oleosa, incapaz de emergir, e tudo o que podia fazer era gritar dentro de sua cabeça quando o Super Mal a segurou para baixo e colocou suas vistas sobre Zhubaal.

Capítulo

11

O cheiro de sangue e perigo pesou no ar, eletrizante, dando Zhubaal um soco de poder de adrenalina que lhe levantou em modo de batalha. Rowan assobiou entre os dentes sangrentos, resultado do gancho de direita do Zhubaal.

Oh, isso só foi uma briga até agora, dois machos alfa testando um ao outro, mas Zhubaal sabia onde ele estava. Rowan era forte, um anjo caído com o tipo de poder que faria até demônios muito maus se irritarem.

Mas Z era mais forte, e Rowan sabia disso.

— Você se importa muito com a fêmea — Rowan entre dentes. — Vai ser a sua queda.

Isso provavelmente era verdade, mas isso não significava que Z queria ouvi-lo. Especialmente não de algum despresível que prometia a fama e fortuna aos tolos, se eles desistiam de seus primogênitos ou suas mães ou o que quer que Rowan pedisse em troca.

— E você se importa muito sobre o funcionamento de sua boca — disse Zhubaal. — Isso vai ser a sua queda. — Ele pressionou para cima com sua lâmina, perfurando a pele delicada apenas sob o queixo do sacana. O fluxo de sangue fresco fez seu pênis duro e suas bolas pulsar... não, espere.

Ele franziu a testa, confuso com a poderosa necessidade sexual percorrendo-o. Rowan parecia tão perplexo, e ambos engasgaram quando uma onda sexual colidiu com eles em um golpe quase físico, isso bateu o ar de seus pulmões. O que...

Porra.

Ele se virou, e sua boca abriu. Vex estava indo em direção a eles, nua, exceto por suas botas coxa-alta, com as mãos cobrindo os seios cheios como seus polegares brincando com os mamilos. Puta merda, era a coisa mais erótica, e ainda inadequadamente cronometrada que ele já tinha visto.

— Seu sangue — ela ronronou. — Eu quero banhar-me nele enquanto eu te fodo.

Todo o seu corpo estremeceu com o choque. *Ah Merda.* O súcubo possuía Vex. Ele tinha falhado em protegê-la, e agora estava pagando por isso.

O pânico fez sua respiração queimar em sua garganta. — Vex, escuta-me.

— Ela não pode ouvi-lo. — Súcubo Vex inclinou a cabeça. — Mas como é doce... eu posso sentir seu amor por você. Ela vai ficar chateada quando ela descobrir que seu pênis estava dentro de mim e que eu te dei a melhor foda de sua vida. — Ela deslizou a mão entre suas pernas, e ao lado dele Rowan fez um som de aprovação vigoroso.

Muito calmamente, e sem sequer olhar, Z empurrou sua espada através da barriga do macho. Não iria matá-lo, mas devia diminuir sua libido. E se isso não fizesse, a castração faria.

Rowan gritou em agonia e tropeçou para trás, os pés escorregando no seu próprio sangue. As portas se abriram e seu exército de Ramreels e Silas demônios derramaram dentro, armas prontas.

Hora de ir. Ele correu em direção a Vex, mas ela se afastou, pegando uma adaga de sua pilha de roupas em uma varredura fluido.

— Vex!

Em uma onda graciosa, ela dançou entre vários dos demônios, cortando e esfaqueamento, de alguma forma, evitando seus golpes. Três caíram, segurando suas entranhas quando elas saíram de suas barrigas.

Filho da puta, ela era boa. Tinha eviscerado dois desses caras com os saltos de suas botas.

Um Silas balançou Vex com um porrete cravejado enquanto ela estava de costas. Z piscou, pegando o bastardo pelo pulso antes do golpe aterrissar. Com um toque rápido, ele estalou o braço do demônio e atirou-o para um grupo de guardas correndo

em direção a eles.

— Temos que ir Vex! — Eles tinham que fugir desta desastrosa situação antes de um dos demônios que coaxava morresse e fosse sugado para dentro dela. Ele pegou a poção do chão onde ela tinha deixado cair agarrando-a pela cintura, quando ele tirou-os de lá.

Pelo menos, sair de lá era o plano. Isso não aconteceu. Em vez disso, o impulso lançou-os na parede.

— Merda! — Ele amaldiçoou quando seu ombro bateu duro na colisão. — O lugar é protegido! — Ele deveria saber. Rowan teria que ser um idiota para não proteger seu covil de entrada e saída não autorizada.

Vex arrastou ao redor e lhe deu um soco na mandíbula. Sua cabeça girou, mas a segurou enquanto ele arrastou através dos guardas, enviando-os espalhados com uma rajada de energia quente que os atirou para longe dele em uma onda de choque de trezentos e sessenta graus.

— Liberte-me! — A Vex-coisa gritou, arranhando e mordendo enquanto ele meio a arrastava, meio a levava para a saída.

Ele a ignorou, explodindo mais dois demônios com bastante energia para explodi-los aos pedaços e jogar estilhaços óssea nos pobres coitados que estavam esperando para ver Rowan. Vex se atirou para longe dele, mas em um golpe de sorte, ela bateu na porta, empurrando-a abrindo-a e lhe dando uma chance de pegá-la antes que os espíritos dos demônios que ele tinha acabado de matar fossem arrastados para ela.

Balançando-a em seus braços, ele saio de lá, mas quando ele fez, ele teve um vislumbre de Rowan com o canto do olho e sentiu a mordida de um raio contra seu quadril. Seu grito de dor desapareceu atrás deles conforme eles se materializaram na plataforma de aterrissagem dentro de Sheoul-gra, o seu status como um residente lhe permitindo ignorar a ala que evitava que todos os outros pisassem para dentro ou para fora.

Razr estava lá quase que instantaneamente, correndo através do pátio. Ele gritou para um Memitim nas proximidades, que se lançou na direção do palácio de Azagoth.

— Não toque nela. — Ainda lutando para agarrá-la, Zhubaal estalou suas asas ao redor dela, protegendo-a de todos os olhos, menos o dele.

Azagoth piscou ali, seus olhos engolidos inteiro pelo negrume. — A poção, — ele rugiu. — Ela precisa beber.

Z não podia fazer muito com seus braços em volta de Vex, então ele jogou o frasco no ar com os dedos. Azagoth pegou, tirou a rolha, e forçou o conteúdo na boca dela. Ele estalou sua mandíbula fechada e deu um passo atrás, de alguma forma, impedindo-a de abrir a boca para cuspir a poção, mesmo à distância.

— Engula — ele rosnou, e Vex rosnou, mas obedeceu. Os olhos de mármore preto do Azagoth girou para encontrar o olhar de Z. — Segure-a firme e ponha de lado as suas asas.

Não foi fácil de fazer, mas escondeu suas asas e a segurou firme, seu corpo pressionado contra o dele. Ainda assim, ela era assustadoramente forte e sinuosa, e não havia nenhuma maneira

que ele poderia fazer isso sozinho.

Mas também não havia nenhuma maneira que ele estava permitindo Razr – ou qualquer um – tocá-la. Ela balançou a cabeça para trás, esmagando seu crânio em seu nariz. Dor atingiu seu rosto, e ela fez isso de novo, mergulhando a agonia com outro golpe hábil. E outro.

Filha da... *porra!* Uma punhalada de fogo em brasa atravessou o pé e a perna. *Ela me apunhalou no pé com o calcanhar com a porra de sua bota.* O pensamento mal teve tempo de formar antes de sua outra bota vir para ele. Ele chutou a perna para trás e ela pisou no chão, ele a evitou por um fio.

— Azagoth — ele assobiou. — Depressa!

— Segure-a imóvel — Azagoth rugiu.

Em um impulso, ele mostrou suas presas e mordeu sua garganta. Ele usou suas presas de anjo caído em batalha antes, e supôs que esta contava como uma luta. Mas isso era diferente. Sempre antes, o gosto de sangue de seu inimigo o enfurecia, alimentando a violência e sua força. Mas o sangue de Vex energizou-o. Excitou. Ele sabia que, para muitos anjos caídos, a alimentação não era uma necessidade, apenas sua aplicação para o prazer era bem conhecido. Por todos, menos Zhubaal.

Até agora.

Quando o sangue sedoso de Vex fluiu sobre sua língua, ele a sentiu relaxar. Foi sutil, uma mera gota de um ombro e a mudança mais ínfima de sua cabeça para permitir que ele tivesse mais acesso, mas foi o suficiente para dar Azagoth o acesso que precisava.

Seu punho perfurou o seu peito. Ela gritou, e se a boca de Z não estivesse bloqueada na garganta dela, ele teria gritado também. Agora ele sabia por que Azagoth queria que ele saísse do salão da última vez. Vê-la em agonia, sentindo essa agonia, rasgou-o em pedaços. Laura foi morta dessa maneira. Vex tinha sofrido por ele no escritório de Azagoth e agora, mais uma vez, enquanto Z estava deixando isso acontecer.

Ódio fervente por aquele que a machucava levantou e, embora não fizesse sentido, ele queria matar Azagoth para isso. Suas asas atiraram para fora de suas costas como se tivessem vontade própria e suas presas pulsavam quando o desejo de matar a coisa causando a dor de Vex o consumiu.

Azagoth rugiu, e todo o ar à sua volta ficou imóvel. As árvores mais próximas a eles explodiram como se tivessem sido atingidas por um raio, e a água na fonte do pátio soprava para cima.

Elevando as costas, Azagoth rasgou uma massa nebulosa, sem forma do peito de Vex. Como se o reino estivesse respirando um suspiro de alívio, tudo voltou ao normal, e Azagoth piscou com o espírito do súcubo.

Vex desmoronou contra ele, e ele a pegou em seus braços. Muito gentilmente, envolveu suas asas ao redor dela, protegendo-a da vista dos Memitim e Unfallen que se reuniram para assistir ao show.

Ele olhou para Razr. — Vou levá-la aos meus aposentos. Faça com que alguém traga um pouco de comida. Talvez um pouco de caldo.

Razr se inclinou e saiu quando Z se dirigiu para a mansão. Ele poderia ter piscado aos seus aposentos, mas ele não queria desistir de um segundo sequer mantendo Vex assim.

Gemendo, ela colocou um braço em volta do ombro para ajudar a sustentar a si mesma.

— Acabou? — ela sussurrou. — Eu envergonhei a mim mesma?

Um arrepio atravessou Z. Ela fez a mesma pergunta depois que suas asas foram cortadas. Ela descontraíu em seus braços, sangrando e tremendo, preocupada se, em sua névoa de dor e medo, ela soluçava ou pediu um acordo ou implorou por misericórdia.

— Não — ele disse com voz rouca, assim como ele disse naqueles anos atrás. Mas desta vez ele não teve que mentir. — Você não fez.

Ela sorriu fracamente para ele. — Eu estou nua.

Rindo, ele puxou suas asas mais apertadas ao redor dela enquanto subia os degraus. — Eu percebi.

— Você gostou? — ela descansou a cabeça contra o seu pescoço, e a intimidade dela fez seu coração saltar.

— Exceto pelo buraco em seu peito.

— O quê? — ela lutou para olhar para si mesma, mas ele pegou seu queixo com o polegar e levantou o rosto para ele.

— Eu estou brincando. — Ternamente, porque ela provavelmente estava toda dolorida, ele pressionou um beijo em seu cabelo. Ele amava como seus cabelos espetados faziam cócegas em seus lábios. — Bem, você tinha um buraco, mas ele

está curado.

— Bom. — Ela bocejou. — Faça amor comigo.

Ele perdeu um passo, tropeçou, e piscou-os a seus aposentos antes que eles fizessem uma exibição. Em pé no meio de sua sala palacina, ele olhou para ela. — O que?

— Nós esperamos um longo tempo, você não acha?

Putá merda, ela estava falando sério? Seu pau acreditou nela, e se ele não a colocasse para baixo no próximo dois segundos, ela saberia. — Cento e quarenta anos. — E dois meses, três semanas e seis dias, a contar do ano em que nasceram, é claro.

Ela lhe deu um sorriso travesso. — Eu estava pensando dois dias.

Dobrando suas asas, ele riu novamente. Antes que Vex entrasse em sua vida, quanto tempo foi desde que ele riu?

Mais de cem anos, provavelmente.

— Vamos lá — ele disse, segurando-a mais apertado enquanto caminhava pelo corredor até um dos cinco quartos. Azagoth não ganharia nenhum elogio por fornecer salários para vidas luxuosas, mas ele era generoso com as regalias. — Você precisa descansar e terminar de se curar.

Ela tentou esconder outro bocejo atrás de sua mão. — Não.

— Sim. — Ele a levou direto para o chuveiro, onde, completamente vestido, ele a segurou sob o quente spray de limpeza. Ela não pareceu se importar, apenas colocou sua cabeça contra seu peito quando o sangue e os eventos do dia fluíram pelo

ralo.

Após secá-la, ele a levou para sua cama, deixando um rastro de água de suas roupas encharcadas atrás. O dossel da cama king-size pegava apenas uma pequena parte do quarto principal, a maioria dos quais era um desperdício de espaço. O recanto de leitura era aconchegante, ele supôs, mas raramente tinha tempo para usá-lo. Até agora, todo o seu tempo livre foi gasto à procura de Laura. A banheira de hidromassagem, construída perfeitamente no chão de mármore branco polido e alimentada por nascentes de água quente de Sheoul, encheu outra brecha, mas, novamente, a maior parte não foi utilizada.

— Bom lugar. — Ela estremeceu quando entrou debaixo das cobertas, reafirmando sua convicção de que ela precisava terminar de se curar. — Você sabe que tipos de coisas poderíamos fazer nesse banheira de água quente? — Quando ele ergueu o edredom até cobrir os ombros, ela piscou. — Eu posso mergulhar.

Seu pênis se contorceu enquanto as calças molhadas realmente apertaram. — Talvez mais tarde — ele resmungou. — Eu vou trocar de roupa e pegar um pouco de água gelada...

Seus dedos se fecharam em torno de seu pulso. — Fique — ela disse suavemente. — Por favor. Deite-se comigo.

Não havia nenhuma razão para sua relutância, mas hesitou de qualquer maneira. Apenas duas horas atrás ela desejava que nunca tivesse trocado juras de lealdade com ele, e agora ela queria que ele ficasse com ela quando ela estava exausta, com dores e vulnerável.

Nós dois estamos vulneráveis. E realmente fodidos.

Se Vex o amasse com o amor de Laura. Ele amava Laura, mas quanto de Vex era Laura?

Ele se perguntou se Hospital Underworld General tinha especialistas em saúde mental na equipe, porque ambos poderiam precisar de uma consulta.

Vex apertou-lhe o pulso, exigindo uma resposta. — Sim. Eu vou ficar. — Ele olhou para suas roupas gotejando. — Eu tenho que me trocar primeiro.

— Apenas tire suas roupas. Nós podemos estar nus juntos.

Seu coração deu um baque animado, que foi seguido por uma fuga imediata de um suor frio. E se ele não pudesse se controlar? Oh, ele não ia atacá-la, mas não tinha certeza se podia resistir a ela tampouco. Ela poderia estar brincando com eles esperando por um longo tempo, mas ele não estava brincando em tudo.

— Oh, Céus — ela murmurou. Suas pálpebras pesadas fechadas, e sua voz começou a desaparecer enquanto ela falava. — Você sempre foi tenso?

— Não — ele disse enquanto ele tirou suas roupas, fazendo o seu melhor para se manter virado para que ela não pudesse ver seus dedos trêmulos. Ou sua ereção. — Eu costumava ser pior.

Isso não era uma piada, nenhuma.

Seu coração batia forte enquanto subia debaixo das cobertas com ela. Ele nunca esteve nu com uma mulher antes, e seu corpo estava dizendo a ele tudo sobre isso. Sua pele estava tão hipersensível que podia sentir cada roçar nos lençóis finos. Seus

pulmões estavam empurrando ar para dentro e para fora como se ele precisasse de oxigênio para correr uma maratona. E seu pênis estava tão duro como a banheira de hidromassagem em mármore que ele nunca usou.

Embora Vex não abrisse os olhos de novo e sua respiração assumiu instantaneamente em um padrão profundo, suave, ela deslizou sua mão sobre o colchão para encontrá-lo. Seu coração cantou.

Sua Laura estava em casa.

Capítulo 12

Vex realmente gostaria que da próxima vez que ela acordasse não estivesse em um lugar estranho, em uma cama estranha. Pelo menos desta vez ela acordou sozinha em seu corpo. Não havia almas parasitas dentro dela. Apenas... paz.

Sorrindo, ela rolou.

E colidiu com um corpo quente.

Assustada, ela abriu as pálpebras e viu-se olhando para os olhos mais lindos que já tinha visto. — Zhubaal — ela sussurrou.

Ele mudou de posição, apoiando-se sobre um cotovelo. — Hei. — Ele estendeu a mão e tirou uma mecha sobre sua bochecha com tanta ternura que ela quase chorou. — Como você está se sentindo?

— Meu peito dói um pouco, mas caso contrário, bem. — Seu sorriso vacilou. — Mas eu não me lembro de nada depois... — Ela se interrompeu, horrorizada, como as memórias filtradas

de volta em seu cérebro. — Oh, Deus, o súcubo me possuiu.

— Está bem. Não foi por muito tempo.

— Eu... eu fiz mal a alguém?

— Somente vermes. — Ele bufou. — E, caramba mulher, eu quero você no meu campo de batalha todo o dia.

Seu elogio lhe deu um friozinho no estômago. — Aposto que você nunca disse isso para Laura.

— Não — ele disse, e a expressão preocupada no rosto a fez se arrepender de suas palavras. Ele ainda amava Laura, e Vex definitivamente não era ela. Bem, tecnicamente ela era, mas não da forma que importava.

— Então — ela disse quando timidamente arrastou seu dedo sobre a parte de trás da sua mão. — Para onde vamos daqui?

— Você — ele disse, — está indo mergulhar na banheira quente. Vai ser bom para os músculos doloridos. Vou nos trazer café da manhã.

Ela olhou para a banheira que poderiam facilmente caber Zhubaal e dez namoradas, e uma pontada de ciúme a picou. Na verdade, não, era uma onda gigante de ciúmes, e caiu sobre ela como um tsunami.

Antes que ela pudesse parar a si mesma, ela desabafou: — Quantas mulheres você já teve nessa coisa?

Ele empurrou, surpreso. — Nenhuma.

Oh, certo. Esse voto louco de lealdade. Ainda assim, ela piscou, surpresa que ele não tinha tomado partido de todas as delícias de ter uma piscina com jatos de vapor borbulhantes. — Você tem uma força de vontade realmente incrível — meditou. —

Porque eu faria uso diário dessa coisa.

Uma sombra passou sobre sua expressão, e dane-se, ela só percebeu o que tinha dito. Ele foi fiel a Laura todo esse tempo, e nesta realidade estranha, torcida em que viveu, ela era Laura, e ela não foi fiel.

Maneira de tocar um punhal diretamente em seu coração.

— Hei — ela disse, estendendo a mão para ele. — Eu não quis dizer isso.

Ele deu de ombros fora de seu toque, e à luz sombria de uma lâmpada no recanto de leitura, ela viu sua expressão por sua vez selvagem. — Com quantos machos você esteve?

Não, isso não era desconfortável. — Zhubaal, eu não penso...

— Quantos. Muitos.

Irritada com o tom e a questão, ela se sentou, sem se importar que o lençol caiu para expor seus seios. — Isso — ela disse com firmeza, — não é da sua conta. Minha vida antes de te conhecer era minha. Ainda é a minha. Foi sua escolha ser celibatário por todo esse tempo, e foi a minha escolha me divertir. Eu gosto de sexo, e eu não me envergonho disso. Se você não consegue lidar com isso, o problema é seu, não meu. Agora — ela disse, chicoteando o lençol para revelar todo o seu corpo nu, — quer recuperar o tempo perdido?

Como esperado, ela tinha acabado de afastá-lo de sua raiva. Seus olhos alargaram ainda mais quando ela abriu as pernas, só um pouco, para revelar uma dica de sua excitação. Ela estava molhada, já esteve desde que chegou a Sheoul-gra, e agora

sabia o porquê. Oh, sim, ela adorava sexo, mas nunca foi atraída por qualquer macho tão rapidamente e tão fervorosamente como foi por Zhubaal. Seu desejo sexual saudável combinado com a familiaridade graças a sua já estabelecida história de vida passada, fez querer tê-lo dentro dela quase desde o segundo em que o viu.

Ela não aguentava mais. Espalhando as pernas ela acenou para ele com uma mão enquanto deslizava a outra para baixo em seu estômago. Ela o observou enquanto seus dedos encontraram sua fenda, amando como suas narinas dilataram e as veias do pescoço se destacaram com cada engolir em seco.

— Estou esperando — ela disse em uma provocação, o tom monótono enquanto esfregava a mão para frente e para trás sobre seu montículo suave.

A fome flagrante em sua expressão a alimentou, e estendeu a mão para ele, com a intenção de puxá-lo para cima dela, mas para sua surpresa, ele recuou e saiu da cama. Ele ficou ao lado, seus olhos selvagens, com o peito arfando. Alar-me a tocou e ela sentou-se.

— Zhubaal, o que está errado?

Passando sua mão freneticamente por seu cabelo, ele sacudiu a cabeça. — Não é assim que isso deveria ser.

— Como o que não deveria ser? — Antes a questão estivesse fora de sua boca, ela já sabia. — Trata-se de Laura.

Ele assentiu. — Eu sei que você não quer ouvir isso...

— Está tudo bem — ela disse suavemente, surpreendendo a si mesma. Laura tinha provado ser um grande pé no saco, mas ela foi uma grande parte da vida de Zhubaal e Vex precisava

aceitar isso.

E ele tinha que aceitar que ela não era Laura.

Não, ela não sabia onde esta relação estava indo, mas sabia que queria explorá-la. Como não poderia? Ela nunca se sentiu como se alguma coisa estivesse faltando em sua vida, mas as emoções que ele tinha despertado nela não podiam ser contidas. Eles tinham uma conexão, não podia negar, uma conexão que tinha faltado com cada parceiro sexual que ela já teve.

Talvez fosse por isso que ela nunca levou ninguém a sério. Nunca teve uma ligação mínima. Talvez o voto estúpido a tenha afetado nesta vida. Porque não importa o quão grande era o cara, ela nunca foi capaz de fazer um relacionamento durar mais do que duas semanas. Mesmo assim, ela só os manteve para o sexo. Emoções nunca entram em jogo.

— Não está tudo bem. — Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Fomos enganados por tudo o que queríamos. A nossa primeira vez não era para ser assim.

Ela revirou os olhos. — Deixe-me adivinhar. Você e Laura provavelmente planejaram fazer amor pela primeira vez em nuvens de marshmallow embalados por arco íris enquanto ouviam harpa. — Seu olhar desafiador lhe disse que estava muito perto de estar no alvo. — Não temos nuvens ou arco-íris aqui, mas temos uma grande cama, todas as peças certas, e eu levo uma erva que impede a gravidez, então por que você não me diz o que está realmente acontecendo? — Seu engolir nervoso fez algo clicar em seu cérebro, e sem pensar, ela desabafou: — Zhubaal... você é...

virgem?

O rosto brilhou de vergonha, ele desviou o olhar e assentiu. — Ela queria esperar até que nos casássemos.

Não é assim que isso deveria ser.

É claro que não era. Ele esperava que sua primeira vez fosse com alguém inexperiente. Provavelmente tímida. E aqui Vex estava pronta para ser atrevida e fazer coisas que provavelmente teria dado a Santa Laura vapores.

Bem, não havia muito tempo para ser impertinente. Agora Zhubaal precisava de um toque mais suave. E ela queria que sua primeira vez fosse especial. Ela poderia não ser Laura, mas ela podia pelo menos lhe dar isso.

Ela ficaria honrada em dar isso a ele.

Lentamente, para que ele não se sentisse preso, ela envolveu-se no cobertor, ao pé da cama e deslizou de modo que ela estivesse de joelhos no colchão na frente dele. Eles ficaram da mesma altura assim, permitindo a ela olhá-lo diretamente nos olhos.

— Agora — ela disse suavemente, — me diga como deveria ser. — Segurando o cobertor com uma mão, ela cobriu o rosto com a outra. Ele endureceu, mas pelo menos ele não se afastou. Ela se inclinou, até que ela ficou meros centímetros de seus lábios. — Suponho que você previu começar me beijando?

Ele hesitou, e seu intestino caiu. Ela queria isso mais do que jamais quis algo. Sua primeira vez foi com o bêbado idiota, Brad Fisher, capitão do time de futebol da escola, no banco traseiro de seu carro, e ela realmente nunca levou devagar com

ninguém. Não era para abraçar ou ser romântico, e sempre foi mais sobre o objetivo que a viagem para chegar lá.

Mas, pela primeira vez, a viagem era o objetivo.

— Sim — ele finalmente disse, fechando a distância entre suas bocas. Seu beijo foi inseguro no começo, tão delicado que seus lábios poderiam ter sido asas de borboleta. Mas, quando ela derreteu contra ele, ele aprofundou o beijo, sua língua varreu ao longo de seus lábios. Como um completo profissional, ele deslizou a mão ao redor de seu pescoço, acariciando a pele, amassando-a como massa de vidraceiro.

— E então? — ela murmurou contra sua boca.

Ele beliscou o lábio inferior, a pitada de dor foi direto para seu núcleo e a fez gemer. — E então eu tiro sua roupa.

Afastando-se, ele arrancou os dedos dela do cobertor. Esse caiu, reunindo em torno dos joelhos. Seu olhar a percorreu, e ela prendeu a respiração. O que ele acha dela? Seu corpo parecia o de Laura? Merda. Não estava acostumada a ser autoconsciente, mas, então, ela não estava acostumada a ser reencarnada de qualquer forma.

— Você é tão bonita — ele disse, sua voz grossa com necessidade, enquanto seu pênis se projetava para cima em um arco gracioso que a deixou com água na boca.

— E agora? — *Por favor, diga que você quer que eu o leve na minha boca.*

— Beije-me novamente. — De alguma forma, isso foi ainda melhor, e seu coração tremulou de felicidade. Ele ficou diante dela, os joelhos bateram no colchão e sua ereção

pressionou em sua barriga, os seios em seu peito. — Como você disse.

Ela inclinou a boca sobre a dele. — Quero dizer — ela sussurrou, envolvendo os braços em volta dos ombros.

Ele a beijou de volta, com força, sua língua empurrando os lábios e dentes contra a dela. Um braço veio ao redor de suas costas para apoiá-la enquanto ele a levantou e colocou os dois em cima da cama, então ele ficou meio sobre ela, meio fora dela, um grande perna dobrou entre as dela. Todo o tempo, ele a beijou sem sentido, o contato nunca quebrando. Mas, quando ele agarrou seu quadril para puxá-la para mais perto, ele levantou a cabeça e olhou para ela, seu olhar brilhando com a necessidade.

— Quero explorar você — ele disse, e ela sorriu, desejo em espiral descontroladamente a atravessou. Agora ele estava falando.

Ainda assim, ela não quer encontrar-se muito a frente... ainda não, de qualquer maneira. Ela definitivamente quer apresentá-lo a seu lado desinibido aventureiro, mas mais tarde.

Ela deslizou a mão sobre os músculos firmes em suas costas para os músculos ainda mais firmes em sua bunda e lhe deu um aperto brincalhão. — Explore tudo o que quiser.

Debaixo de sua pele, ele tremia. Deus, ela amava suas reações a ela. Adorava como ele fechou os olhos e respirou fundo, como se fundamentando neste momento antes de deixar cair a boca na sua garganta. Ele a acariciou, beijando e lambendo, quando ele segurou seu peito com uma mão.

Ela arqueou em seu toque, dizendo-lhe sem palavras que

ele não precisa tratá-la como uma peça frágil de cristal. Ele pegou a dica, acariciando seu peito com mais pressão, sacudindo e beliscando o mamilo com os dedos enquanto beijava um caminho quente em seu pescoço até a clavícula. Seus quadris rolaram lentamente, esfregando sua ereção contra seu quadril, imitando o que ela queria que ele fizesse entre as pernas.

Seu sexo pulsava com o pensamento, e reprimiu um grunhido de frustração. Em seguida, ele chupou seu peito em sua boca, e ela suspirou de prazer. Gentilmente, ele rodou sua língua ao redor do mamilo enquanto ele tocava ambos os seios, massageando e acariciando.

— Isso é tão bom — ela gemeu, e ele sorriu contra sua pele.

Ele trabalhou seu caminho para baixo, beijando enquanto fazia isso. Mas, quando os lábios encontraram o oco de sua barriga, ele diminuiu a velocidade, como se ele não tivesse certeza de como ela reagiria se ele continuasse. Para ajudá-lo, ela se moveu e abriu as pernas para que ele fosse forçado a acomodar-se, entre elas.

Tomando sua sugestão, ele arrastou a língua para baixo até que ele chegou ao topo da sua fenda. Suas mãos tremiam quando ele as envolveu em torno de suas coxas e a puxou aberta para seu olhar faminto. As pontas de suas presas apontaram para fora de seus lábios entreabertos, e de repente ela queria que ele a mordesse. Ela tinha dormido com um cara com presas uma vez, mas ela não lhe permitira mordê-la.

Zhubaal poderia usar as suas de qualquer forma que ele

quisesse.

Ele lambeu os lábios, seus olhos deleitaram em sua carne a espera. — Não tenho certeza...

— Sim — ela disse rapidamente. — Você tem certeza. Você pode fazê-lo. Por favor, faça. — Deus, sua língua foi feita para fazê-lo.

Seu olhar ardente estalou para cima dela. — Oh, eu pretendo. — Ele passou a língua sobre uma presa, e sua respiração a deixou em uma corrida. — Eu apenas não estou certo de que ela teria me deixado.

Laura era uma tola. — Eu deixarei você fazer o que quiser — murmurou, e então perdeu a voz quando ele abaixou a boca para seu núcleo e seu hálito quente banhava na sensação arrepiante.

Sua língua deslizou para prová-la tão delicadamente que ela mal sentiu. Era tão doce o jeito que ele estava explorando-a tão gentilmente, mas ela não foi feita de cascas de ovos. Ainda assim, esta era sua primeira vez, e ele precisava encontrar o seu caminho.

Beijou-a suavemente, irritadamente suave. Seus lábios eram como plumas sobre ela, mordiscando mas não degustando. Ele deslizou para baixo para que pudesse ajustar as mãos para levantar seus quadris, espalhando as pernas dela mais amplo. Quando seus lábios se tocaram de novo, foi com outro beijo delicado antes que ele inclinou a cabeça e puxou a língua até o vinco entre seu sexo e sua coxa.

Tão perto, e ainda... ela gemeu em sua tortura diabólica.

Ele a explorou implacavelmente, lambendo e beijando suas coxas e a região mais externa de seu sexo, brincava com ela tão bem que, quando sua língua finalmente grampeou seu clitóris, ela gritou e o assustou.

— Você está bem?

— Não — ela respirou, empurrando a cabeça para trás e para baixo. — Você parou. Não está bem.

Ele riu contra ela, seus lábios fazendo cócegas nela antes de abrir a boca sobre seu núcleo e lambeu-a com o plano de sua língua. Ela gritou novamente quando a ponta brincou com o nó hipersensível de nervos.

— Você tem gosto de ambrosia — ele sussurrou contra seu núcleo. — Eu amo isto.

Não quase tanto quanto ela.

Ele a explorou com entusiasmo crescente, variando sua velocidade e o padrão de sua língua, e ela veio para fora da cama quando ele mergulhou profundamente dentro e agitou enquanto ela se contorcia e se debatia.

— Diga-me o que você quer. — Sua voz era um grunhido gutural e ressonante que estremeceu através de todas as suas partes femininas.

— Basta continuar fazendo o que está fazendo. — Ela falou entre respirações ofegantes. — Mas toque-se enquanto você está fazendo isso. Quero ver como você se masturba — ela respirou, — para que eu possa fazer isso por você mais tarde.

Sua cabeça balançou, os olhos semicerrados piscaram. Por um instante ela pensou que tinha atravessado algum tipo de linha

Laura não faria isso que saísse do que eles estavam fazendo. Mas um rumor ansioso se levantou em sua garganta quando ele espalmou seu pau e baixou a cabeça entre as pernas novamente.

Ah *sim*. Ela realmente não podia vê-lo se acariciando, mas ela amava imaginar a mão envolvida em torno dessa ereção grossa, a gorda cabeça de ameixa bombeando dentro e fora de seu punho. Sua língua amarrada a ela, mergulhando dentro dela e circulando seu clitóris, mas quando ele se agarrou e chupou, ela não podia aguentar mais.

Ela gritou em êxtase, o clímax rasgando aparte mais e mais. Ele pode não ser experiente, mas ele tinha um inferno de um instinto erótico.

Onde ele se mostrou lambendo-a suavemente, trazendo-a para baixo lentamente até que ela estava muito sensível para lidar com isso. Ele apertou seus lábios contra ela em um beijo final, persistente, e quando ele levantou a cabeça, a fome em seus olhos quase a desfez novamente.

Um suave grunhido sacudiu o ar enquanto ele rondava o seu caminho até o seu corpo, seu olhar bloqueou o dela, as pontas de suas presas visíveis entre os lábios brilhantes.

— Isso foi incrível — ela disse com voz rouca.

— Eu não sei o que estou fazendo. — Ele fez uma pausa para olhar em seu peito. — Mas eu gosto de aprender. Gosto de ouvir como você altera a respiração de acordo com o que estou fazendo com a minha língua. Eu poderia fazer isso por horas.

Oh, prêmio.

— Eu ia deixar você fazer isso por horas. — Ela alcançou

entre eles e encontrou seu pênis. Quando seus dedos se fecharam em torno dele, ele gemeu. Sorrindo, ela guiou a sua entrada. Mas, assim que a ponta tocou sua carne aquecida, ele se trancou, o corpo tremendo.

— Zhubaal? — Ela acariciou seu pescoço, e ele deixou escapar um pequeno ronronar que retumbou todas as suas zonas erógenas. — O que foi?

Ele olhou para ela. — Eu estou saboreando isso. — Ele empurrou seus quadris para a frente, apenas o suficiente para a cabeça de seu pau mergulhar dentro dela, e ele gemeu. — Além disso, eu não quero me envergonhar. — Seus lábios de sexo inchados derrubaram em um sorriso autodepreciativo, e então sua cabeça caiu para trás quando ele empurrou entre suas pernas.

Quando ele estava totalmente dentro dela, seus corpos ligados, uma estranha energia incrível parecia formar um circuito entre eles. Seu cérebro em curto, não piscando imagens, mas as emoções que tinham compartilhado uma vez. Juntos. E foi então que ela sabia. Sabia que este era um momento de mais de cem anos na tomada. Seja qual for a menor dúvida que ela tinha foi embora. Vex nunca acreditou em almas gêmeas, mas quando a sua alma tocou a de Zhubaal, ela sabia a verdade.

Eles pertenciam um ao outro.

Capítulo 13

Perfeição. Não havia outra palavra que poderia descrever de forma adequada a sensação de estar unido com Vex desta forma. Observando-o com os olhos semicerrados, ela ondulava debaixo dele, sua respiração suave, ofegante igualando a dele. Ele ainda podia sentir o gosto dela em sua língua, podia sentir seu núcleo quente apertando ao redor dele, e ele se deixou afogar no momento em que tinha começado a duvidar que jamais aconteceria.

Valeu muito a pena esperar.

Ele não tinha nenhuma experiência com isso, mas seu corpo sabia o que fazer, mesmo se a sua mente não. Muito lentamente, ele bombeou seus quadris, sibilando como sua bainha de seda ondulou e contraiu, apertando seu comprimento, com cada impulso de prazer.

— Eu te sinto... incrível. — Soltando os cotovelos, ele tomou o mamilo entre os lábios e brincou com sua língua. Ela fez o mais sexy gemido quando ele fez isso, e ela fez um ainda mais sexy, um gemido ofegante, quando ele raspou uma presa sobre a concha gorda de seu seio.

Arqueando, ela o levou profundamente e arranhou suas costas com as unhas. Ah... droga, isso era bom. A dor e o prazer combinados para tornar tudo mais intenso enquanto se movia contra ela, saboreando cada sensação. Ele queria ficar para sempre assim, mas depois de cento e quarenta anos de celibato, isso se sentia muito bem. Ele sabia que não iria durar muito.

Ele baixou a boca para a dela e a beijou com renovada urgência. Um som rompeu com ela, carente e apaixonado, quando ela entalou uma mão entre seus corpos contorcidos e segurou seu saco. Seus dedos eram mágicos, rolando suas bolas entre eles, beliscando a pele esticada.

Transpiração floresceu em sua testa e seu sangue bateu em suas veias quando ele pegou o ritmo, seu corpo assumiu como seus pensamentos dispersos.

— Você é minha — respondeu asperamente. — Finalmente, você é minha.

— Zhubaal... Z... sim, oh, sim... — Ela arqueou, pressionando os seios contra ele e esmagando seus quadris entre suas coxas poderosas. — Agora — ela engasgou. — Quero ver você gozar.

Suas palavras, o uso de seu apelido casual, tudo isso desencadeou uma resposta primal, destruindo sua capacidade de

pensar. Tudo o que podia fazer era sentir quando ele se lançou para dentro dela, bombeando e produzindo, impotente para controlar seu corpo quando o orgasmo caiu sobre ele em uma onda violenta, eufórico. Seu corpo resistiu, pegando outro pico. Pareceu-lhe que antes que o primeira morresse, e o terceiro batesse nele, ele teve certeza de que foi transportado para o céu novamente.

Oh, sim, isso foi muito melhor do que os tristes orgasmos únicos que fez por si mesmo.

Abaixo dele, Vex era um macarrão integral, com as pernas caídas para os lados, com os braços espalhados no colchão. — Eu acho que não posso me mover — ela respirou.

Ele caiu ao seu lado, com o peito arfando, sua pele úmida de suor. Droga, isso foi além de suas expectativas, o que dizia alguma coisa, desde que ele tinha fantasiado sobre sua primeira vez desde o dia em que ele obteve sua primeira ereção.

— Bem. — Mudando de modo que ela estava de frente para ele, Vex entrelaçou os dedos juntos, e por alguma razão, isso lhe pareceu mais íntimo do que qualquer coisa que eles tinha acabado de fazer. Talvez porque o sexo, mesmo se considerado uma expressão de amor, ainda se tornou biologia estrita em algum ponto no ato. As mãos juntas era sobre afeto. Ela finalmente aceitou a inevitabilidade de seu relacionamento? — Foi tudo o que você imaginou?

Fechando os olhos, ele levou a mão à boca e pressionou seus lábios nos nós dos dedos. — Foi mais. Muito mais.

— E agora? Em seu cenário da perda de sua virgindade, o

que aconteceu depois?

Depois? Ele nunca conseguiu passar esta parte. Antes de Laura perder suas asas, eles tinham estado casados em suas fantasias, mas depois disso...

— Case-se comigo — ele revelou.

— O quê? — Vex piscou. — Uau. — Ela se sentou, soltando-o. — Calma lá, Slick.

Franzindo a testa, ele se apoiou em um cotovelo. — Qual é o problema? É o que sempre quis... — Ele se interrompeu, percebendo seu erro, mesmo quando o gelo se formou em seus olhos.

— Nós?

Ele fez uma careta. — Eu sei, você não se lembra. — Foi provavelmente uma coisa boa, pois Laura queria um grande celebração, babados, o pensamento lhe dava comichões. Ainda assim o fez. — Temos tempo para descobrir isso. — Ele estendeu a mão e arrastou seus dedos ao longo da costura de suas pernas, onde foram pressionadas juntas, lembrando de como elas o agarraram quando ele empurrou dentro dela. Sua coxa estava molhada com a evidência de sua vida amorosa, e seu pau agitou-se novamente, ansioso para fazer outra confusão. Não admira que as pessoas fossem tão obcecadas com o sexo.

Foi incrível.

— Você poderia morar comigo — ele disse, porque hei, ele não apenas se humilhou o suficiente propondo antes que eles normalizassem suas respirações.

— Eu poderia — ela murmurou, movendo então ele tinha

acesso a tudo o que quisesse. Ele adorava isso sobre ela, como livremente ela lhe deu seu corpo e de forma tão consciente. — Tudo o que tenho no mundo humano está sendo hipotecado graças à queda do mercado de alma.

— Bem, é bom que você não vai mais fazer esse tipo de trabalho. — Ele se inclinou e beijou sua coxa, sentindo o gosto de ambos em sua pele. — É perigoso.

— É — ela cobriu, empurrando a cabeça para seu núcleo. Oh sim. — Mas isso foi a minha escolha, e eu não me arrependo. Eu tinha que ganhar a vida, e era isso ou a pornografia. — Ele levantou a cabeça para olhar para ela. Ela sorriu, mas ele não estava se divertindo. — O que? Por que você está fazendo essa cara de novo?

Ele se sentou, seu desejo entorpecido pelo tópico de Vex com outros machos. — Há coisas que são difíceis para eu aceitar — ele disse asperamente. — Estou acostumado a Laura que não puxaria pétalas de uma flor porque iria danificá-la. Para ouvi-la falar sobre a captura de almas e vendê-las, ou estrelando filmes de pele... é... difícil de entender.

Ela passou a mão pelo cabelo despenteado sexy, deixando ainda mais pontos e sulcos. — Você disse que não se importava com a pornografia. Tudo bem, porque você não sabia que minha alma era também Laura? Mas agora que você sabe que nós somos as mesmas...

— Você não fez qualquer pornô. Eu sei que você estava brincando. Meu ponto é que Laura não teria mesmo provocado. O assunto teria sido... indecoroso... para ela.

Vex soltou uma gargalhada. — Oh, meu Deus, Laura era uma puritana parva. Como você poderia suportá-la?

De repente, a raiva substituiu os últimos ecos de excitação, e ele girou para fora da cama. — Você não sabe dela. E você não está sequer tentando.

Ela suspirou. — Isso é porque você quer que eu seja ela, e tanto quanto você queira que eu seja, eu não sou.

Isso não era verdade. Na verdade não. Mas seria bom se ela fosse, pelo menos, fazer uma tentativa de recordar algo das suas vidas juntos. Ou não fazer piada disso. — Você não se lembra de nada disso?

— Nada. — Ela atirou a palavra para ele como uma rocha, e com certeza, atingiu sua marca e deixou um hematoma.

— Há pessoas que podem. — Sua voz foi cortada, sua frustração evidente quando ele abriu seu armário e jogou um robe até a cama para ela. — Médiuns demônios poderiam ajudá-la a recordar...

— Não. — Ela balançou as pernas para o lado da cama e se levantou. — Você não entendeu? Quantas vezes tenho que dizer? Eu não sou Laura. E eu não quero ser Laura. Eu só conheço essa vida, essa que me foi dada pelos meus pais, eles não eram perfeitos, mas eram quem eu amava. Negar a minha vida seria negá-los. Eu gosto da minha vida Zhubaal.

— Você gosta? — Ela estava falando sério? Ela costumava ser um anjo. Um anjo de elite. Mesmo que ela não fosse muito boa nisso. — Você gosta de ser a prole genérica de dois anjos caídos? Você gosta de ter tão poucas habilidades e

pouca energia?

— Olha quem fala. — Ela pegou o robe com raiva. — Você gosta de ser um anjo caído? Você tem orgulho das coisas que você fez em nome do mal?

Ele pegou um short de malha fria de sua gaveta. — Eu fiz isso por você.

— Oh, vá se foder — ela retrucou, segurando o robe no peito. — Você não pode colocar a culpa por tudo isso em mim. Você fez isso para si mesmo. Talvez você cansou de ser um Ipsylum e foi à procura de uma desculpa para sair. Ou talvez você não estava feliz com você mesmo e usou a queda de Laura para evitar enfrentar esse fato. Eu não sei. Mas o que eu sei é que você precisa entender que o meu nome é Vex, não Laura. E eu fiz um monte de coisas que Laura provavelmente nunca teria feito, e eu não me arrependo. Eu disse que gosto da minha vida, mas aparentemente Laura não gostava da dela.

— Ela amava a vida — ele disparou de volta, mas quando ele mesmo disse, as palavras soaram vazias e Vex o chamou sobre isso.

— Sério? — ela zombou dele. — Porque se Santa Laura estava tão feliz, por que ela estava tão ansiosa para desistir de ser um anjo? Se ela estava tão contente, por que não se casou com você quando teve a chance?

Ele apertou os dentes, vexado — literalmente — pelo argumento e o fato de que ele sentiu que estava perdendo. — Ipsylum não pode se casar até que passem seu quinquagésimo aniversário. Tínhamos ainda dez anos quando ela foi expulsa da

Ordem.

Suspirando, ela balançou a cabeça. — Olha, talvez nós devemos apenas relaxar um pouco. Apreciar um mergulho na banheira de água quente? — Ela jogou o robe sobre a cama mais uma vez antes de atravessar a sala e mergulhar um dedo do pé na água fumegante. — Podemos jogar *Hot Tub Time Machine*.

— Isso é um jogo de sexo? — O pensamento de que ela poderia ter jogado com outro homem foi suficiente para inverter o seu interruptor de ciúme novamente.

Rindo, ela espirrou na água com o pé. — É um filme. Algo que você pode saber se você tivesse TV a cabo decente aqui. — Ela acenou para ele, fazendo os seios saltarem hipnoticamente. — Vamos. Você pode ir primeiro. Se você pudesse voltar no tempo em sua máquina do tempo borbulhante, onde você iria?

— Isso é fácil — ele disse com um encolher de ombros. — Eu voltaria cem anos e a impediria de perder suas asas.

Ela começou a entrar na piscina, mas congelou com um pé no degrau mais alto. — Desculpe?

Seu tom, tão chocado e desafiante, o irritou. Ele tinha entendido por que tinha resistido ao seu passado, mas porra, por que ela estava tão determinada a negar completamente quem ela costumava ser, e quem eles eram um ao outro?

— Se eu pudesse voltar no tempo, não estaríamos na situação em que estamos — ressaltou. — Nós seríamos quem estávamos suposto ser.

— Seu filho da puta — ela sussurrou. — Seu filho da puta! — Ela se virou, o rosto manchado de fúria. — Você ainda

não entendeu, não é? Você ainda acha que a sua preciosa Laura é perfeita. Mas eu tenho notícias para você, idiota. Você pode ter feito amor com Laura, mas não foi Laura quem fez amor com você – não, eu retiro o que disse. Não foi Laura quem você fodeu. Fui eu. Não foi Laura que viveu nos reinos humanos e demônios durante os últimos trinta anos, que cresceu com os pais que amava em uma vida que estava feliz. Você quer apagar tudo isso? Você quer me apagar?

— Eu não quero apagar você — ele gritou. — Eu quero que você... porra, eu não sei. Eu só não consigo entender como você não sabe sobre mim. Em algum nível, você deve ter sentido que havia algo faltando em sua vida. Que todos aqueles caras tentando entrar em suas calças não eram as pessoas certas. — Engarrafou a raiva que subia como vapor a partir da banheira de água quente enquanto ele cerrou os punhos ao lado do corpo para evitar agitar rumo a ela. — Esperei todo esse tempo por você. Eu sacrifiquei minhas asas por você. E o que você fez? Você bateu em torno de sua pequena vida feliz, porra, só Deus sabe com quantos homens, enquanto eu passei cada momento de cada dia procurando por você como um maldito idiota!

As lágrimas brilhavam em seus olhos quando ela olhou ao redor, presumivelmente para suas roupas, mas eles as tinha deixado em uma bola no piso de Rowan. — Então é isso que você quer que eu seja? A doce, tímida garota inocente que você diz que eu era? — Ela foi até a cama e pegou o robe novamente. — Porque eu não posso ser ela. Eu não posso ser qualquer coisa, menos eu. Eu te amo, mas eu não vou mudar quem eu sou por

ninguém. — Ela amarrou o robe em volta da cintura e abriu os braços. — Esta sou eu. Você quer me amar por quem eu sou, ou você encontra alguém para amar. Mas de qualquer forma, Laura se foi. E agora, eu também .

Ela saiu da sala, deixando-o sozinho com nada, apenas as suas memórias e sua miséria.

Capítulo

14

Vex estava fora de Sheoul-gra por dois dias, e nesse tempo, Zhubaal não fez nada, apenas se sentou em seus aposentos e ficou bêbado. Razr veio por duas vezes, apenas para ter a garrafa de álcool vazia atirada em sua cabeça. Lilliana tinha vindo também, mas Z não a deixou entrar. Mesmo Cat tinha tentado falar com ele, mas vendo como ela era a única outra mulher além de Laura/Vex que ele beijou... já... ele chutou-a. Ele não precisava ser lembrado de mais um fracasso romântico.

Não foi até que Azagoth mandou dizer que Revenant estava finalmente vindo que Zhubaal emergiu de seus aposentos. Pelo lado positivo, sua ressaca foi bastante suave.

Zhubaal se aproximou da plataforma de acesso, surpreso ao descobrir que Lilliana já estava lá. Ela não costuma atender visitantes, mas hei, aparentemente, ele era ignorante sobre as fêmeas.

Luz cintilou na plataforma e Revenant apareceu, suas asas enormes estendidas como se tivesse voado. Como o ser mais poderoso de Sheoul, ele poderia ter piscado em Sheoul-gra, mas ele e Azagoth tinham feito um acordo de respeito mútuo, e enquanto Azagoth andar na linha, Revenant estava disposto a seguir as regras e não esmagá-los como insetos.

Zhubaal gostava disso em um semideus.

Azagoth apareceu ao lado de Lilliana e cumprimentou Revenant com um aperto de mão. O Rei do Inferno tinha mudado sua aparência desde que Z o havia visto pela última vez. Às vezes, ele era careca, às vezes loiro, mas hoje seu cabelo estava na altura da cintura e tão negro que dói olhar, mas não era a mudança, nem foi a armadura completa carvão fosco revestindo os ombros e cotovelos adornados com pontas afiadas, todos os quais Z tinha visto antes. Mas a capa preta era nova. Pendurando pesada, como se fosse feita de borracha, mas apenas quando ele se aproximou que percebeu que definitivamente não foi feita de qualquer material comum.

Azagoth balançou a cabeça enquanto olhava a nova adição ao guarda-roupa de Revenant. — Capas são estúpidas. Elas não são nada, apenas passivos durante uma luta.

— Oh, hei — disse Lilliana, acotovelando seu companheiro de leve nas costelas. — Não diga exatamente o que você está pensando ou qualquer coisa.

Revenant riu. — Ele é um idiota, mas ele está certo. É por isso que esta não é uma capa comum. — Ele acenou para Z. — Pegue isso. Eu te desafio.

Curioso, mas esperando que não se vaporizasse, Z pegou, apenas para tê-la escorregando por entre os dedos como se fosse nada além de ar. Mas um momento depois, a mão picou como se tivesse sido mordida por um demônio fogo venenoso.

— Drog, — ele respirou quando ele balançou a mão para fora. — Que porra é essa?

— Ele é feito de pele de um Darquethoth.

Lillian estremeceu. — Ai credo.

— Ah, não derrame uma lágrima por ele — disse Revenant enquanto admirava a capa. — Ele era ralé. Ele deveria ter pensado um pouco mais sobre me trair. — Ele se virou, e por um momento, ele pareceu desaparecer desde o pescoço até suas botas. — Legal né? Repele mágica e é impenetrável por objetos cortantes e balas. Todo mundo deveria ter uma.

— Você não é imune a essas coisas de qualquer maneira? — perguntou Zhubaal.

Ele abanou o dedo. — *Quase* imune. Uma lança ou bala pode me empalar, mas não vão me matar. No entanto, vai doer como o inferno e me irritar. — Ele olhou entre os três. — Então, o que estou fazendo aqui? Azagoth disse que era urgente. É melhor que seja, porque eu tenho uma festa de aniversário para ir.

— Festa de aniversário? — Zhubaal não tinha certeza de que tinha ouvido direito. O cara não parece ser tipo bolo e balões. — Você vai à festas de aniversário?

— Quando é para a minha sobrinha e sobrinhos, foda sim. Há sempre pelo menos uma briga em festas dos Cavaleiros. — Ele balançou as sobancelhas. — Bons momentos.

— Você vai ter que me dizer o que eles pensaram do meu presente — disse Azagoth, e seu sorriso era tão mal como conseguiu.

— Eu tenho medo de perguntar. — Lilliana suspirou.

Zhubaal não. — O que você enviou?

Os olhos verdes de Azagoth brilharam com malícia. — Eu contratei um palhaço. Um daqueles convocados que causa estragos até matá-lo. — Ele deu de ombros. — Achei que o mínimo que eu poderia fazer seria fornecer algum entretenimento.

— Isso é terrível — disse Lilliana, disparando ao seu companheiro um olhar.

Revenant riu. — É hilário. — Ele bateu Azagoth na parte de trás. — Vamos acabar com isso para que eu possa chegar à festa e assistir ao show.

Quando Azagoth e Revenant piscaram ao que Z assumiu que seria o escritório de Azagoth, ele se perguntou por que diabos ele foi obrigado a cumprimentar Revenant. Mas quando Lilliana gentilmente colocou a mão em seu braço, ele percebeu que tinha sido enganado, e ela, provavelmente, foi quem arquitetou a fraude.

— Está tudo bem? — ela perguntou. — Você estava trancado em seu quarto, e Vex não voltou. Estamos todos preocupados.

Preocupados? Eles estavam preocupados com ele? Ninguém, além de Laura se preocupou alguma vez com ele. Nem mesmo seus pais. Como guerreiros impiedosos e eficientes, Ipsylum tinha uma abordagem de sobrevivência, apto para a vida,

algo que ele tinha rejeitado quando Laura caiu ainda mais e mais em seus estudos e treinamento. Aos poucos, seus irmãos começaram a evitá-la. Z esteve ao seu lado, ajudando onde podia, enganando se tivesse, tudo para evitar que ela fosse banido de sua Ordem.

Mas quando sua própria família a colocou de lado como uma égua ferida que não podia manter com o rebanho, ele não foi mais capaz de protegê-la. Ele lutou como o inferno, lutou até seus ossos serem quebrados e sua pele enegrecida pelo fogo sagrado, mas Laura foi arrancada dele pelas pessoas que mais confiava.

— Eu estou bem — ele mentiu. Não estava nem perto de estar bem. Cada batida do seu coração doía, como se ele não soubesse por que estava incomodando bombear o sangue através de seu corpo morto. Ele não se sentia assim desde que Laura morreu, e de certa forma, isso era ainda pior, porque a mulher que ele amava ainda estava viva. Ela simplesmente não era dele.

— Zhubaal — Lilliana começou quando ela o conduziu em direção à fonte do pátio, — o que aconteceu entre você e Vex?

Ele tinha acabado de passar os últimos dois dias zangado e bêbado, convencido de que a sua queda era culpa dela, mas agora, com um pouco de clareza e mais sangue do que o álcool em suas veias, ele livremente iria admitir que tudo poderia ser colocado em seus pés. Tudo.

Humilhação fez sua pele encolher. — Eu estraguei tudo — ele disse, desprezando-se mais com cada palavra. — Eu esperava que ela fosse alguma coisa — alguém — ela não é. Então eu rejeitei a pessoa que ela é.

Lilliana estendeu a mão para correr os dedos através da água quando passaram a fonte. — Quando cheguei aqui, eu fiz a mesma coisa com Azagoth. Eu esperava que ele fosse um monstro.

— Eu me lembro. — Ele deu-lhe olhar de lado. — Mas ele era um monstro.

— Ele era — ela concordou. — E, em muitas maneiras, ele ainda é. Mas meu ponto é que eu sabia o que eu estava fazendo, e eu o rejeitei de qualquer maneira porque eu não lhe dei uma chance. — Ela parou e virou-se para encará-lo. — Você deu à Vex alguma chance?

Ele se sentiu mal do estômago, porque não, ele não deu. Ele a tinha julgado baseado em memórias coloridas por amor cego e culpa. Um monte de culpa. Ele sempre se culpou por não ser capaz de protegê-la de ser banida, perdendo suas asas, ou sendo abatida.

E então, quando ele a encontrou novamente, ele insistiu que Vex não era verdadeiramente ela. Que de alguma forma, se pudesse romper a Vex exterior ele encontraria a Laura interior. Ele queria que ela fosse esse anjo doce que ele tinha amado, porque se ele poderia levá-la de volta, ele poderia fazer as pazes e banir a culpa que ele abrigou por quase um século. Então, de certa forma, ele queria apagar Vex, assim como ela havia dito.

Ele tinha sido um pedaço de merda egoísta.

Como ele poderia não ter pensado sobre quão horrível sua existência tinha sido enquanto Laura? Ele foi a única coisa boa em sua vida. Agora, havia um monte de coisas boas na vida dela,

e ele não era uma delas.

Filho da puta.

Agora ele entendeu. Agora ele sabia por que Azagoth não disse a ele que Vex foi Laura. Vex não era Laura. Ela era Vex, assim como ele tinha dito. Mas naquele momento Zhubaal não teria aceitado. Ele teve que aprender por conta própria, e aprendeu, mas não antes de regamente foder tudo imediatamente depois de fazer amor com ela pela primeira vez.

— Zhubaal? — Lilliana solicitou. — Você lhe deu uma chance?

— Não — ele resmungou. — Você sabe que eu não dei.

Ela enfiou a mão no bolso das suas calças jeans e tirou um pedaço de papel. — Antes de sair, nós pegamos a sua informação pessoal. Para fins de emprego, é claro. — Ela piscou. — Ela até tem um perfil no Facebook. Diz que ela é única. Você provavelmente deve ir lhe pedir perdão e, em seguida, levá-la a mudar seu status para em um *relacionamento*.

O coração de Z deu um grande, salto feliz. — Obrigado Lilliana — ele disse. — Estou feliz que Azagoth a encontrou.

Agora ele tinha que ir encontrar sua companheira. Ele só esperava que não fosse tarde demais.

O momento após Azagoth fechar a porta do escritório, ele serviu a Rev e a si mesmo um uísque puro, um rótulo caro dada a ele pela sobrinha Cavalheiro de Revenant, Limos e foi direto ao assunto.

— As barreiras que mantêm almas demônio dentro de Sheoul-gra estão falhando — ele disse, entregando um copo alto ao Anjo Sombra, — e a culpa é sua.

— A culpa é minha? — ele colocou o copo aos lábios e observou Azagoth de cima da borda. — Eu tenho matado muitos dos meus inimigos que você não tem espaço para eles? — Revenant fez a pergunta com uma cara séria e uma voz inexpressiva, mas Azagoth conhecia bem o suficiente para saber que ele estava sendo sarcástico.

— Não — disse Azagoth, apenas razoável. — Mas bom trabalho com isso. Você me enviou alguns bastardos reais para lidar com eles.

— Obrigado.

Ignorando o sarcasmo de Revenant que apenas ecoou no próprio Azagoth, explicou. — O problema — ele começou, — é que sua política de reencarnar as únicas almas de menor mal significa que o Inner Sanctum está enchendo com os demônios altamente malévolos, mais do que que já tivemos para abrigar de uma só vez. Isso está causando uma instabilidade no próprio sistema de contenção, e está criando pontos fracos nas barreiras. Demônios que estão no lugar certo, no momento certo, ou que são maus e poderosos o suficiente para explorar as falhas estruturais, estão fugindo. — Isso também estava dando um baque enorme nos negócios. Antes de o mandato de Revenant, Azagoth tinha recebido subornos em dinheiro, presentes ou favores, a fim de reencarnar alto nível demônios.

Mesmo o Céu havia tomado conhecimento da

instabilidade no Inner Sanctum, daí a visita de Jim Bob e Ricky Bobby. Oh, seus espiões celestiais vieram em outro negócio também, mas Jim Bob tinha deixado bem claro que os Arcanjos estavam começando a obter os seus halos em uma reviravolta.

Revenant olhou para o fogo, as sombras de luz reluzente refletiram no rosto severo. — Você vai ter que encontrar uma maneira de reforçar as barreiras.

— Por quê? Por que diabos você está fazendo isso? — Azagoth bateu com o copo sobre a mesa e caminhou até ele. — Olha, amigo, você é novo para isso, mas eu tenho estado em contato com as almas por milhares de anos. Eu mantenho o Inner Sanctum e Sheoul equilibrado. Essa sempre foi a pedra angular da visão de nosso Criador. Equilibrar. O reino humano é um equilíbrio entre o bem e o mal, mas é ponderado para o bem. Sheoul é exatamente o oposto, mais ponderado para o mal. Se você mexer com isso, os resultados poderiam ser desastrosos.

— Obrigado pela palestra sobre o delicado equilíbrio entre o bem e o mal — Revenant disse lentamente. — Não é como se eu administro o inferno ou qualquer coisa. — Ele bateu para trás o resto de sua bebida, sem tirar o olhar de Azagoth. — Você entende por que eu quero apenas as almas de menor mal reencarnadas e os mais malignos mantidos presos, sim?

— Na verdade, eu não estou bem certo sobre isso — Azagoth disse amargamente. Este era o seu território, e não gostava de ser deixado de fora. — Eu assumi que é porque você é um anjo, não um anjo caído, e você ainda tem conexões com o céu. Ou, você sabe, decência.

— Decência? — Revenant bufou. — Esses bastardos celestiais podem chupar meu pau. Eu não me importo com eles. O que me interessa é o fato de que a prisão de Satanás só vai durar mil anos. — Ele pareceu considerar isso. — Bem, novecentos e noventa e nove agora. É uma profecia que não pode ser evitada. Quando aquele desgraçado rato do inferno fodido mau finalmente se libertar, é predito que o Armageddon começará.

— E você não quer que ele tenha um exército do mal em suas mãos. — Revenant era mais esperto do que Azagoth lhe tinha dado crédito.

— Exatamente. Eu poderia ser o Grande Arrogante e Pomposo do Inferno, mas isso não significa que eu quero o mal vencendo a batalha final de todas as batalhas.

Era um bom pensamento, mas ia ser um tipo diferente de Armageddon acontecendo se as paredes do Inner Sanctum caíssem e bilhões de almas demoníacas derramassem para Sheoul e o reino humano.

— A linha inferior — disse Azagoth. — Eu posso conseguir magos e construtores para reforçar as barreiras, mas há pouco que eles podem fazer. Precisamos de uma válvula de liberação.

— Tudo bem. — Revenant acenou com a mão com desdém. — Reencarne mais demônios Nível 3, 4 e 5, mas não nos mesmos números que Satanás permitia. Corte em dois terços.

Azagoth estremeceu. Ele teria preferido cortar apenas por um terço, metade, no máximo, mas ele não ia reclamar. Este seria um longo caminho para aliviar a pressão explosiva do mal no

Inner Sanctum, por pouco tempo, pelo menos.

— Eu tenho uma outra questão. — Azagoth falou sobre o som de um grito vindo de dentro do túnel alma fechado. Ele não tinha aberto ainda nesta manhã, e os *griminions* e suas alas estavam ficando inquietas. Idiotas. Onde a maioria deles estavam indo era muito, muito pior do que onde eles estavam agora. — Eu preciso que seus capangas se afastem de um dos meus funcionários. Ela é uma *daemani*, e ela está recolhendo almas que escapam através das fendas na barreira. — Ele olhou com expectativa para Rev. — Eu suponho que você está por trás do colapso do mercado alma.

— Claro.

Calculou. E fazia sentido. Altos Orphmages e Charnel Apostles tinham formado uma coligação contra Revenant, e sua principal fonte de poder mágico era a energia da vida das almas. Dizia-se que eles estavam planejando uma versão demoníaca de uma arma nuclear para usar contra Revenant, e no momento em que Revenant ouviu isso, ele esmagou a insurgência inicial em seu berço.

— Então, você vai certificar que Vex esteja segura?

Revenant inclinou a cabeça. — Eu vou noticiar.

Excelente. Agora ele só tinha que obter Vex e Zhubaal juntos. Ele esperava que Lilliana já tivesse feito algum progresso. Estava torcendo para o cara, tinha até feito um pouco de sua própria investigação, na tentativa de encontrar Laura. Mas ele acredita em destino, e não tinha dúvidas de que duas almas que foram feitas uma para a outra sempre encontrariam o seu caminho

de volta, não importa quantas vidas fossem necessárias para fazê-lo.

E falando de almas, Azagoth lançou a peça final do negócio que ele queria discutir com Revenant. — Antes de ir, eu tenho mais uma pequena coisa. Um presente. — Não era bondade de seu coração, é claro. Cordas estavam definitivamente em anexo, e quando chegasse o momento que ele precisasse de um favor, ele puxaria essas cordas como um mestre das marionetes condenado.

Revenant esfregou as mãos de contentamento. — Eu amo presentes. O que é?

— A mais recente fugitiva do Inner Sanctum. Eu ia puni-la, mas eu pensei que ela poderia ser de alguma utilidade para você. E se não, eu tenho certeza que você conhece alguém que se emocionaria com a chance de fazer sua existência infernal. Um certo Cavaleiro, talvez? Todos eles, já que é seu aniversário? Ou Harvester, talvez?

— Estou intrigado. — A voz de Revenant foi baixa, escura e puramente predadora.

Azagoth puxou uma seção de seu muro de pedra para deslizar aberta, revelando uma fêmea que está em uma gaiola, seu olhar desafiador. Negro. Até que viu Revenant.

— Revenant — Azagoth disse, — você já pode ter conhecido a minha convidada.

Revenant riu, um som profundo, escuro que fez a fêmea encolher na parte traseira da gaiola. — Isso não poderia ter acontecido em um dia mais apropriado. — Ele se moveu em

direção a ela, lentamente, uma pantera perseguindo um coelho. — É bom vê-la novamente, especialmente desde que seu filho matou você antes que eu pudesse fazê-lo. E ele fez isso muito mais rápido do que eu teria. — A cada passo, ela sacudiu com mais força, até que as barras de metal da jaula começou a chacoalhar. — Mas a vida e a morte é tudo sobre segundas chances, não é, Lilith? — Suas asas estenderam com um estalo que abalou copo alto de Azagoth. — E não se preocupe. Eu vou ter certeza de dizer aos Cavaleiros que sua mãe lhes desejou feliz aniversário.

Capítulo 15

Vex não estava pendurada no Facebook novamente. As pessoas felizes e seus desafios gramaticais a irritou demais.

Ela fechou seu notebook batendo e o colocou em sua bolsa. Hoje foi o dia da mudança. Azagoth ofereceu enviar Memitim para ajudá-la a mover alguns de seus pertences em seus aposentos atribuídos em Sheoul-gra, e eles têm uma vida fácil, porque ela realmente não tinha muito que queria levar. Contanto que seu apartamento ficasse longe dos aposentos de Zhubaal, ela ficaria feliz.

A companheira de Hades, uma garota chamada Cat, tinha vindo ontem com a papelada para seu novo apartamento, o que chocou Vex como nada chocaria. Azagoth realmente administrava

seu reino como um prefeito, e, aparentemente, Cat ajudava a manter o controle de quem vive onde.

Memitim e Unfallen se hospedavam no prédio, Azagoth, Zhubaal, Razr, e um punhado de funcionários mais confiáveis de Azagoth vivia em seu palácio, e todos os outros agentes viviam em apartamentos em outros edifícios. E agora, graças a Zhubaal, todo mundo tem TV a cabo básica e dois canais de filmes. O que era incrível, porque ela morreria se não pudesse assistir *Game of Thrones*. Agora, se ela pudesse apenas começar *The Walking Dead*, deixar o reino humano pode não ser tão ruim.

Mas não havia nenhuma maneira que ela ia lidar com Zhubaal para obtê-lo.

Seu coração se apertou. Como ela poderia sentir muita falta dele quando ela só o conhecia por alguns dias? Sim, sim, havia a face-cadela coisa-Laura e sua eterna alma gêmea, besteira destinada, mas ela não estava acreditando.

Oh, o fato de que sua alma conhecia a dele, não tinha dúvida, apressou seus sentimentos, mas quando o via em sua mente, ela não estava vendo memórias antigas. Ela o via jogar uma pedra através de uma lagoa. Ela o via rir, o modo como seus olhos brilhavam e os músculos de seu rosto se contraíam quando ele sorria. Ela o via beijando seu caminho até seu corpo e embainhar-se dentro dela, pela primeira vez, sua expressão cheia de maravilha na terna intimidade que compartilhavam.

Esse foi o que ela perdeu. Não um Zhubaal de alguma vida de conto de fadas com asas, que ele tinha dito que eles tinham no céu.

Uma batida na porta a assustou. Os Memitim já estavam aqui? Mas não, quando ela abriu a porta, não havia anjos terrestres em sua varanda. Havia em sua varanda um anjo caído com o qual ela não tinha vontade de falar.

— Vá embora. — Ela bateu a porta na sua cara idiota e virou-se, apenas para bater em seu peito largo. Ganindo em surpresa, ela saltou para trás. — Zhubaal! Que diabos?

Droga, ela sabia que deveria ter protegido a casa. Então ela não teria que olhar para seu rosto bonito quando ele estava ali de calça jeans bem-vestido, uma camiseta que não fez nada para esconder o abdômem duro plano, e uma jaqueta de couro preto, que provavelmente escondia um arsenal de armas.

— Vex, nós precisamos conversar.

— Oh, é Vex agora? Não Laura? — Ela passou por ele para pegar sua bolsa. Se ele não estava saindo, ela iria.

— Por favor, Vex. — Ele a pegou pelo braço e puxou-a ao redor. — Escute-me. Eu te amo...

Ela arrancou de seu aperto. — Você ama Laura.

— Eu amei Laura. — Ele enfiou as mãos nos bolsos das calças de brim e fixou o olhar em algum lugar atrás dela. — Eu a amava mais do que a minha própria vida. Ela era o meu mundo e minha razão de viver. — Seu olhar focou e moveu, pegando o dela. — Mas ela se foi. Eu entendi isso. E está tudo bem, porque eu tenho você.

Ela ficou boquiaberta. Tudo parecia ótimo até que durou pouco. — Então, eu sou um prêmio de consolação? Você não pode ter Laura assim que você vai se contentar comigo?

— O que? Não! Nunca. — Ele agarrou seus ombros e inclinou-se para que eles ficassem olho no olho. — Eu me apaixonei por você, porque você é Vex. Não porque eu pensei que você fosse Laura. Ela está no passado agora. Eu não quero o que ela e eu tínhamos. Quero o que eu e você podemos ter. Nós só precisamos de tempo e conhecer um ao outro.

Vex não podia acreditar no que estava ouvindo. Ou talvez estivesse com medo de acreditar no que estava ouvindo. — Quero dizer, se Laura estivesse de pé ao meu lado, e você tivesse escolha...

— Eu escolho você. — Ele a soltou, andando ao redor, tocando os dedos pelo cabelo mais e mais. — Deus, Vex, eu acho que eu estava tão desesperado para encontrar Laura, porque eu me sentia culpado por tudo o que tinha acontecido com ela. E quando eu te encontrei, pensei que se eu pudesse levá-la a se lembrar, eu poderia de alguma forma consertar o passado. Mas eu fui um idiota. Éramos tão jovens quando fizemos essas promessas um ao outro, mas nós dois crescemos para o que deveríamos. Eu não sou a pessoa que eu era naquela época também. Você não é Laura, e eu estou feliz.

As lágrimas de seus olhos, escorrendo pelo rosto em um córrego. — Sério?

— Toque minha alma, Vex. — Parando na frente dela, ele tomou uma de suas mãos e a apertou sobre o coração. — Por minha honra, é você que eu quero. Só você. Eu nunca iria apagar você. — Seu coração batia na palma da mão como se ele concordasse.

À beira de soluções, ela tentou aliviar o clima. Ela nunca foi boa para as coisas piegas, de qualquer maneira. — Nós temos que ter sexo para eu tocar sua alma, você sabe.

— Eu sei. — Seu sorriso era pura fome masculina, e ela estava tão faminta.

— Leva-nos para seu lugar — ela ronronou. — Nós vamos jogar Hot Tub Sex Machine.

— Eu pensei que fosse *Hot Tub Time Machine* — ele disse, acrescentando um irônico: — Eu tenho uma resposta melhor desta vez.

Riu, porque ele não poderia ter uma resposta pior do que da última vez, ela arrastou seu dedo para baixo de seu abdômen para o botão da calça jeans. — Esta é a versão pornô. Se você está bem com isso, é claro.

Certo como a merda, ele estava.

Zhubaal não podia acreditar na sua sorte.

Uma hora atrás, ele estava no fundo do poço, perdido, com raiva, e um pouco de ressaca. Agora, estava deitado em um banco em sua banheira de água quente, observando com admiração como Vex entrou na água, seu corpo curvilíneo nu e esperando por ele para fazer coisas ruins a ele.

Ele pode não ter muita experiência, mas teve um longo tempo para fantasiar, porra, então ele imaginou que não teria muito que aprender. E mesmo se houvesse também, seus instrutores Ipsylum lhe diziam que ele sempre foi um estudante

entusiasta e que aprendia rápido.

Ele a beijou sem sentido e brincou com ela antes que eles se despissem, e mesmo agora, enquanto ela se movia em direção a ele, seus olhos estavam vidrados de paixão. Paixão que ele tinha colocado lá. E agora ele entendeu que não importa quantos amantes ela teve em sua cama no passado, ele foi o único que rasgou sua calcinha com os dentes e sussurrou coisas eróticas contra a carne brilhando entre suas coxas. Ele era o único que a colocava a beira do orgasmo quando provou seu peito com suas presas, tirando gotículas individuais de sangue que não veio perto de saciar sua fome. E ele seria o único a fazer mais disso sempre.

Ele levou sua ereção na mão e acariciou, recebendo um pontapé por aquela pequena captura em sua respiração enquanto ela a observava sob a água. Ele bombeou mais rápido, adicionando um toque na cabeça, e ela lambeu os lábios. Oh, sim, ele podia se acostumar a ter controle sobre ela assim, a deixando sem palavras...

— Eu estou indo sugá-lo.

Ele quase engasgou com a própria língua. Droga, ele amava quão audaciosa, desinibida e imprevisível ela era. Ela o pegava desprevenido... e evitava que ele ficasse muito arrogante.

Plantando um joelho de cada lado de seus quadris, ela colocou os braços ao redor de seus ombros e afundou no colo. Suas dobras embalaram seu eixo, enquanto ela se instalou e capturou sua boca com a dela.

Não havia nada doce e persistente sobre o beijo. Não, isso era cru e quente, puni-lo por ser um burro total, enquanto

alimentava o fogo entre eles. Ela lutou contra ele com a língua, mordeu os lábios e tirou sangue, balançou em seu colo para enterrar seu pau contra seu sexo na água escorregadia. Ele gemeu quando ela raspou seus ombros e pescoço com as unhas e esfregou seus seios contra o peito dele.

Ela era uma mestre em equilibrar dor com prazer, mas ele tinha uma sensação de que ela estava deixando a ponta do equilíbrio ligeiramente em favor da dor neste momento. Não que ele ia reclamar – inferno, ele ia lhe pedir para fazê-lo mais forte.

De repente, ela se afastou. — Quer ver quanto tempo eu posso prender a respiração? Porque sou campeã. — Sorrindo, ela deslizou fora de seu colo como um selo molhado e espalhou suas pernas, indo de joelhos entre elas no fundo da banheira, tão profundo que a água chegou até o queixo.

— Vex...

Ela abaixou a cabeça sob a água e engoliu seu pau em um movimento glorioso. Santa... porra, sim. Ele assobiou em surpresa e prazer quando ela o chupou profundamente e o atacou com a língua. Esta foi a primeira vez que uma mulher colocou a boca sobre ele assim. As sensações eram inacreditáveis, além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Os lábios e dentes de Vex eram mágicos, trabalhando em conjunto para entregar mais de sua punição prazer/dor.

Mais duro.

Como se tivesse ouvido sua súplica mental, ela beliscou sua coroa e apertou suas bolas, e ele gritou em êxtase. Ela acalmou-o com um bombear de seu punho e sugou suavemente

antes de tomá-lo profundamente novamente. A água quente girava em torno dele enquanto a língua girava sobre a cabeça de seu pau, e bem, ela estava certa sobre sexo em uma banheira de hidromassagem.

Essas coisas foram feitas para ele.

Com uma lambida final através da ponta do seu pau, ela enfiou a cabeça para fora da água, seu sorriso tão travesso como quando ela foi abaixo. — Se você gostou disso, passa para o degrau mais alto.

Ele estreitou os olhos para ela. — O que você está fazendo?

Ela apertou o botão do lado da banheira e os jatos rugiram para a vida quando ela os cutucou com o pé. — Hot Tub Sex Machine, lembra?

Melhor. Responda. Sempre.

Ele fez como lhe foi dito, movendo-se para o outro lado da banheira. Sentou no degrau mais alto, a água quente cobrindo apenas as coxas e as bolhas espumosas banhadas no ponto sensível na base do seu eixo. Seu pênis se projetava para fora da água, e sabendo que Vex gostava de assistir, ele tomou em sua mão enquanto ela se posicionou em frente a ele, curvou, as mãos apoiadas sobre as coxas abertas. Sua ereção deu um empurrão animado. O que ela estava fazendo?

Um sorriso maroto inclinou em sua boca enquanto ela baixou a cabeça e levantou sua bunda assim um dos jatos a atingiu entre suas pernas. Fechando os olhos, ela gemeu, e ele amaldiçoou perto de gozar antes de seus lábios sequer tocarem

sua ereção latejante.

Putá merda. Zhubaal nunca tinha visto nada tão erótico em sua vida como Vex enquanto ela lambia a fenda na ponta do seu pau e bombeava seus quadris, fodendo o jato quente. Abrindo a boca sobre sua coroa, ela o levou profundamente e sugou para cima com tanta força que seus quadris saíram da água. Como caiu de volta para baixo, ela deslizou sua mão debaixo dele para a palma da mão embalar suas bolas e seus dedos fazerem cócegas em sua bunda.

Perdendo apenas por encontrar Vex, este foi o maior momento de sua vida. Ele se afogou em êxtase, cativado pelo movimento da cabeça em seu colo e como de vez em quando, ela olhava para ele com a expressão mais sexy no rosto. Ela estava amando isso tanto quanto ele, e os sons que ela fez... o inferno doce.

Sua boca trabalhou duro e seus quadris bombearam mais rápido, enquanto ela montava o jato. Ele enfiou os dedos pelo cabelo, os fios molhados apontando para cima em espigas selvagens. O estilo combinava com ela, atrevido e colorido, curto e sexy.

Mas nada era tão sexy como a forma como sua pele corava e seus gritos de paixão ficavam mais profundos quando ela se aproximava do clímax. Consigo mesmo à beira, ele queria empurrá-la sobre a borda. Deslocando, ele se inclinou para que ele tivesse melhor alcance e mais amplitude de movimento. Ele deslizou suas mãos pelo seu corpo escorregadio para sua bunda e abaixo, deixando seus dedos espalhar sua ampla e totalmente

aberta vagina à poderosa corrente de jato.

Ela gritou quando ela tomou toda a força da água. Ao mesmo tempo, ondulações de prazer em cascata o atravessou, e ele gritou quando ele entrou em uma explosão ardente de calor. A visão dela engolindo seu fluxo quente lhe enviou em órbita novamente, mas ele não acabou. Mesmo quando ele desceu do seu segundo orgasmo, ele a afastou, girou em torno dela, e inclinou-a sobre o lado da banheira de hidromassagem.

— Oh, meu — ela respirou quando ele a empurrou para frente e fora de seus pés para que ela não tivesse qualquer apoio, deixando-a vulnerável a tudo o que ele queria fazer com ela. Eles fizeram amor antes na cama, devagar, mas no fundo ele sentia que o sexo mais vigoroso, frenético era mais o estilo dela e, francamente, ele tinha certeza que era o dele também.

Ela engasgou quando ele a espalhou com seus polegares e espetou-a com a língua. Ele comeu em seu sexo molhado como se estivesse morrendo de fome, lambeu e chupou até que ela estava choramingando com a necessidade. — Por favor... Z...

Seu gemido foi o mais poderoso afrodisíaco, e ele lhe deu um impulso mais persistente com sua língua profundamente dentro dela antes de substituí-la por seu pau em um curso poderoso.

Ela lhe vestia como uma luva, apertada e quente, seus muros de cetim contrairam em torno dele em ondas a partir da base de seu pênis para a ponta.

— Foda-se — ele respirou, segurando-se estável por um momento, com medo que ele iria explodir-se ele movesse.

Ele agarrou seus quadris apertados para mantê-la imóvel, mas não demorou muito para que ela começasse a se contorcer. Sentindo um pouco sádico, ele esperou mais alguns momentos, forçando-a contorcer-se mais quando seu corpo procurou o que precisava.

Quando sua maldição necessitada ecoou pelo quarto, ele não aguentou mais quando seus instintos sexuais gritando na superfície exigiram que ele satisfizesse sua fêmea.

Ele bateu nela, o ritmo cada vez mais frenético a cada segundo enquanto ela estava deitada debaixo dele, totalmente impotente contra todos os seus caprichos e cada mudança de ritmo. O som de pele batendo em pele se juntou ao espirrar rítmico das ondas que estavam criando contra o lado da banheira. Isto foi incrível... tão fodidamente incrível...

A pressão se construiu em seu eixo, até que sentiu como suas bolas e seu sangue estavam fervendo. Suas asas dispararam quando ele jogou a cabeça para trás e rugiu quando gozou em um apagão ofuscante de êxtase.

Vagamente, ele sentiu seu aperto em torno dele, ordenhando-o com seu orgasmo. O quarto girou enquanto ele resistia contra ela, montando o clímax que pareceu durar para sempre. Encheu-a com seu fluxo, seu corpo sacudindo enquanto seu pênis ficava sensível e seus músculos se tornaram líquido.

Incapaz de suportar o próprio peso por mais tempo, ele caiu em cima dela, pegando sua parte superior do corpo com suas asas. Puta merda. Ele não ia ser capaz de andar por uma semana. Talvez eles pudessem ficar aqui e alternar entre a cama e a

banheira. Talvez o chuveiro também. As coisas que eles poderiam fazer com sabão e o chuveiro destacou em sua cabeça...

Vex acariciou a borda longa de uma asa, e um chiado assustadoramente potente de luxúria disparou diretamente para sua virilha. — Elas são sensíveis?

— Elas nunca foram antes — ele murmurou contra seu ombro delgado. — Eu acho que elas ficam assim durante o sexo.

Ela apertou os lábios contra a pele de couro, e ele estremeceu de prazer inesperado. — Bem — ela disse entre as respirações ofegantes, — se elas são de alguma forma sexual, vamos usar de alguma forma.

Deveria ter sido impossível ficar duro de novo, mas... não. Agora sua cabeça estava cheia de fantasias que envolvia Vex e as pontas e os arcos de suas asas.

Gentilmente, ele se levantou de cima dela e a puxou em seus braços enquanto ele se estabeleceu na banheira com ela sentada ao seu lado, com as pernas em seu colo quando ela se aconchegou em seu peito.

— Obrigada. — Ela deu um beijo no pescoço.

Fechando os olhos, ele preguiçosamente acariciou sua perna. — Pelo quê?

— Por me aceitar.

Não podia acreditar que quase não aceitou. Ficou tão maldito preso em um voto e no passado, que não podia ver o que estava na sua frente. Vex era magnífica, e quase a jogou para longe.

— A primeira vez que fizemos amor — ele murmurou, — eu estava com Laura. Desta vez, eu estive com você, Vex. Eu dei

a minha virgindade a Laura como eu prometi que o faria, mas todo o resto, para o resto da eternidade, pertence a você.

Todo esse tempo, ele esteve à procura de um anjo, mas o que encontrou foi sua alma.

E ainda melhor, ele encontrou sua companheira também.

{1} Nome do coquetel.

{2} Deixei no original. Refere a uma quantidade de vezes muito exagerada.